BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

REVISTA DA SEMANA

N.º 12 ★ 24-3-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL



NO TEXTO: **O CARNAVAL DAS MIDINETTES -- COMO SE "BATE" UMA CARTEIRA -- O CASAL SERGIO CARDOSO**

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

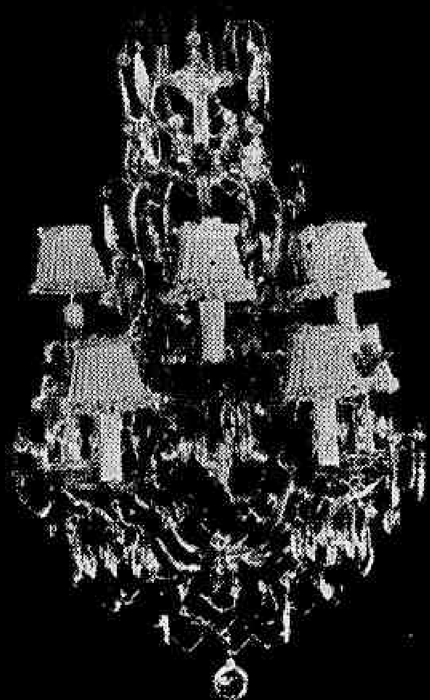
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

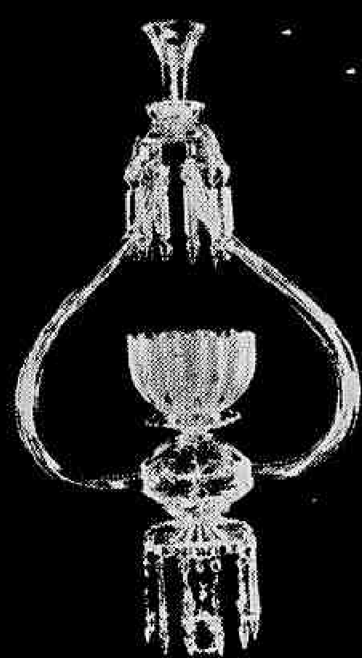
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

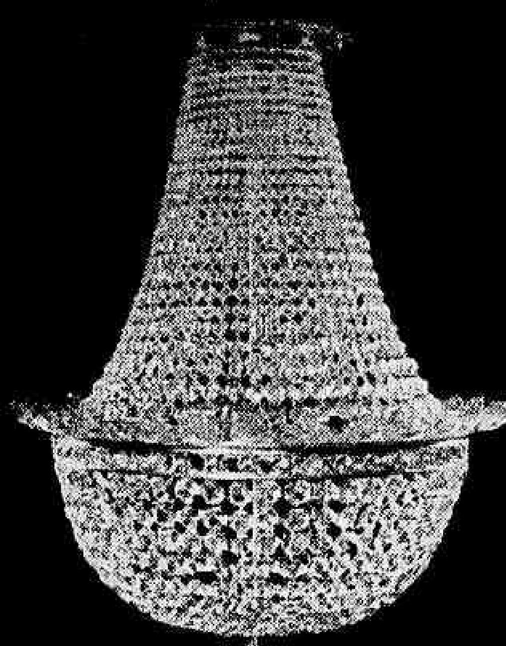
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

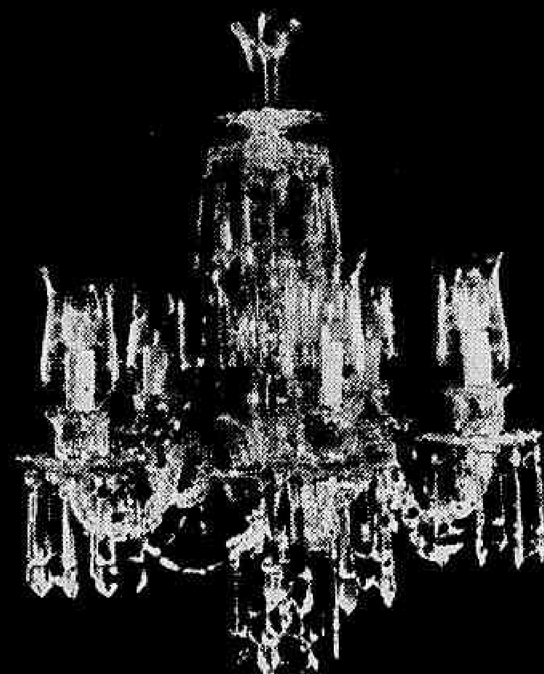
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428


1

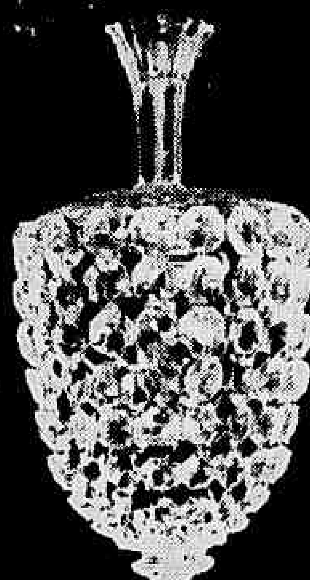

2

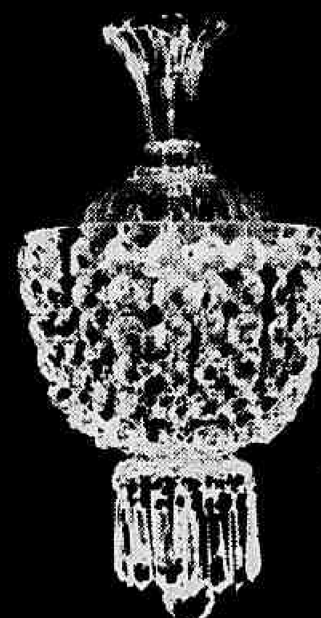

3

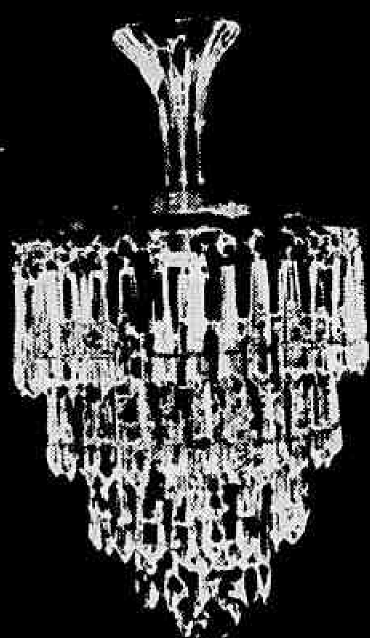

4

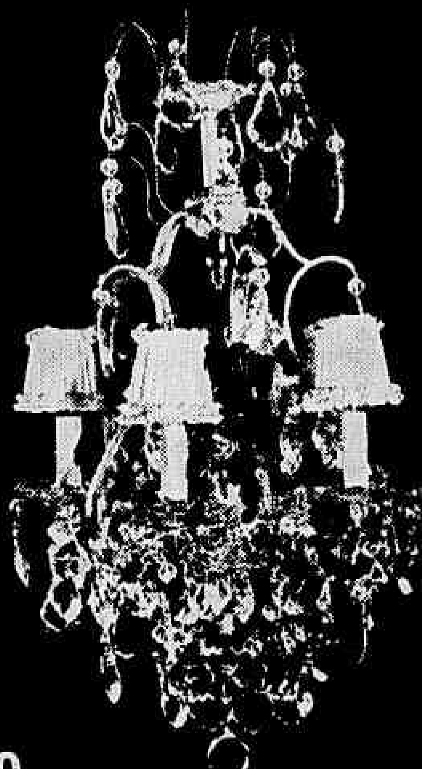

5

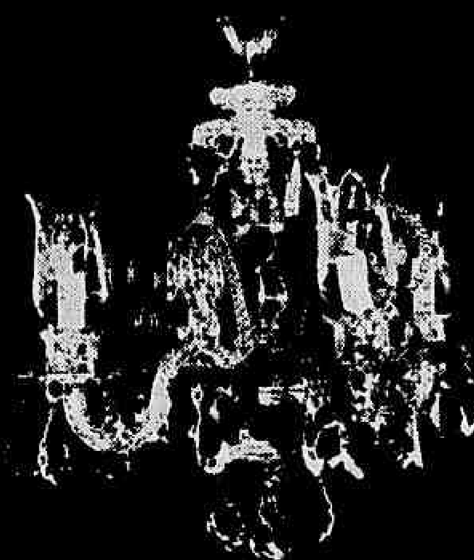

6

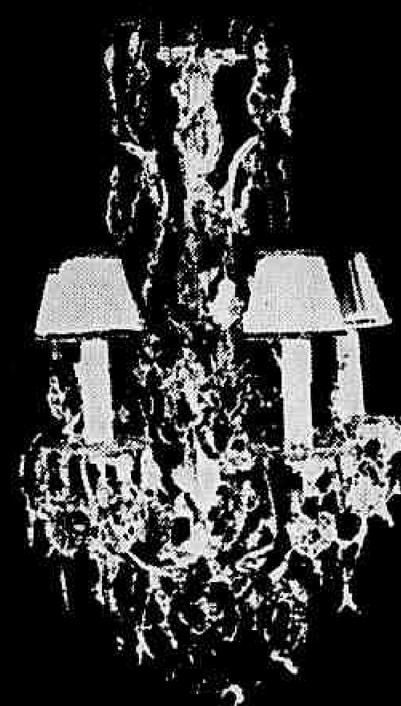

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

★

REPORTAGENS

Carnaval na terra do frevo (Paulo Fábio) 4/7
Lizabeth Scott gostou de "Carne Sêca" 10/11
Como se "bate" uma carteira (Abdias Rodrigues) 12/16
O romance Sérgio Cardoso — Nydia Licia 18/21
O Carnaval das Midinettes (Louis Wiznitzr) 23/27

LITERATURA

O Marxismo Hindochinês (Jacy Rêgo Barros) 3
As irreverências de Cupido (Lysa Castro) 22
Desejo (Galvão de Queiroz) 28
Semana Literária (Edmundo Lys) . 36/37

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 16
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 40
Tudo isto aconteceu 47/49

FEMININAS

De Paris 33
Detalhes interessantes 34
Modelos diferentes 35
Week-End na Cozinha 38/39

HUMORISMO

O pente-fino e o "Cabelo" 9

FOLHETIM

As irmãs atrapalhavam 46

CINEMA

De São Paulo para o Brasil 29/33

ATUALIDADE

A fila de Café Filho 50

BONECOS: Rafael

ILUSTRADOR: Orval

FOTOS

Nodgi — Walter Morgado — Vinícius Lima — Vera-Cruz — Maristela — Avulsas.

★

NA CAPA

Mary Beth Hughes
(Foto Paramount)

O marxismo Hindochinês





TÔDA uma série de lances de evolução cultural, de transformação econômica e de respeito aos direitos do homem, fizera com que, nas sociedades européias de vários séculos, a monarquia viesse da forma absoluta à renúncia por ela própria de todos os poderes da coroa transferidos para os parlamentos, para os tribunais, etc. Noutros países, porém, desencadeia-se a luta entre a velha coroa e as novas idéias de Estado, resultando dêsse choque a instalação da república, onde a eletividade e a descontinuidade do executivo firmam outros modos de govêrno.

O século XIX é a centúria em que se fixam as transformações aludidas nas comunidades estadais euro-americanas.

Na grande Ásia, e no mesmo século, as coisas se sucedem e os fatos se processam de maneira um tanto diferente.

As coroas daquele continente não são constrangidas pelas gentes locais a um recuo sensível em suas atribuições, permanecendo mais ou menos absolutas.

Europeizando-se mais do que o resto da Ásia, o Japão realiza obra social e econômica apreciável, mas não tira da coroa os predicados sagrados e milenários.

No Império do Meio — a China, a situação é mais ou menos a de todo o continente, persistindo, no século em questão, a coroa em tôda sua grandeza.

Se no Império do Meio, de cultura bem mais robusta, a situação é a designada acima, cremos não ser possível esperar aspecto mais evoluído socialmente nas várias comunidades reais que constituem o bloco geralmente designado por Indochina, estados asiatíssimos como: Hanam, Cambodge, Cochinchina, Tonkin, etc.

Antes de uma perfeita compreensão do que fôsse uma república, o Império do Meio faz-se república, já no século atual, e em breve os grandes desentendimentos fazem incendiar a fornalha chinesa. Impulsionado por determinantes econômicas, o ocidente projeta sua influência político-econômica na grande Ásia, protegendo-se com as suas fôrças militares. Na esfera hindochinesa, a França desenvolve atuação preponderante e mesmo progressiva. Em 1862 apreciamos uma incursão inicial, sòlidamente consolidada no fim do século passado 1863. Um acôrdo aqui, uma invasão além, um recuo adiante e uma troca de favores mais adiante ainda, asseguram à França uma supervisão regional, na pessoa de seu Governador Geral sediado em Saigon.

Dentro da maneira clássica dessa expansão, a França distribui poderes e atribuições aproximando e mesclando o mais possível os interêsses gerais.

E' por demais complexa a situação íntima da Hindochina, perfeita esquina continental onde se esbarraram e misturaram crenças continentais as mais diversas das duas grandes partes da Ásia, a do Norte e a do Sul do Himalaia. Buda, Confúcio, Mencius, lá estão em mesclagens regionais que tornam irreconhecíveis as formas originais. Mas isso era natural numa região vastíssima onde estão povos diferentíssimos, assim negritos, thaís, khmers, anamitas, etc.

O Cristianismo, êle próprio, que visitou a Hindochina e o fêz por meio do Catolicismo, não foi feliz, no sentido da propalação doutrinária senão em Cambodge e Hanam. O Império do Meio por várias vêzes projetou influência decisiva em alguns dos estados dessa região, assim o caso de Hanam, sendo essa exatamente a trilha de influência de agora mesmo na convulsão comunista asiática.

Não é possível em um artigo de pouco mais de duas trintenas de linhas dactilografadas desenhar-se a situação interna da Hindochina, mesurando a situação cultural político-econômica e trabalhista regional — uma das mais atrasadas do continente. Do exposto nessas poucas palavras depreende-se que a situação francesa é séria no tocante à sua esfera de influência na Hindochina e mais ainda, que os seus vários reinos ou estados serão portas amplamente escancaradas para outra influência continental — a que vem do outrora Império do Meio e atual China Comunista com sede em Pekim.

Afigura-se-nos que Carlos Marx lá está na Hindochina hoje convulsionada, não por causa de superestruturas econômicas forçando crises, superestruturadas que a Hindochina jamais viu, mas devido a influência regional que se movimenta em redor da flâmula vermelha. No século XIX foram chamadas ou designadas como repúblicas tôdas as porções sociais feitas em estados, porções destacadas dos impérios da Espanha, de Portugal, etc.

E, entretanto, algumas dessas porções estadais nada tinham de repúblicas, sendo ditaduras brutais, às vêzes quase que tangenciando às lindes tribais.

Não laboramos em êrro afirmando que na Hindochina, onde há quase três mil anos floresceu um império, o de Tsiampa, venha acontecer a mesma coisa guardadas as características seculares. Não é suficiente tremular num mastro a bandeira vermelha do sovietismo asiático, para crermos que tudo vai bem na estrutura republicana soviética regional.

Entre os problemas graves do século não trepidamos em afirmar que consideramos o caso da Hindochina um dos mais graves do momento.

JACY RÊGO BARROS



TIMBU COROADO, quando desfila pela cidade, prende as atenções. Vale por uma das gran des tradições do carnaval pernambucano. Do grupo fazem parte os jogadores do Náutico, que depois excursionaram pelas Antilhas. A turma do Timbu não descansa, ensaia meses antes e entra nas competições mais importantes, levando sempre a melhor — ou quase sempre...

CARNAVAL NA TERRA DO FREVO



TURISMO NA TERRA DOS MARACATÚS ★ O NORDESTINO, UM POVO GENTIL ★ GRANDEZAS E COUSAS TÍPICAS DE RECIFE E OLINDA

Texto e fotos de PAULO FÁBIO

ESTÁ certo que se considere Recife a terceira cidade do Brasil. Mas... e Belo Horizonte? Não vale a pena discutir. Analisemos Recife, vista por um turista que já a visitou três vêzes. O pernambucano da Capital gosta muito de jôgo. O bicho corre duas vêzes ao dia. Ao meio-dia, chama-se Banca, Bazar ou S. Paulo, talvez em homenagem ao sr. Ademar de Barros. Às 3 horas, corre pela Federal e se denomina bicho mesmo, sem nenhum sobrenome. O jôgo é feito numa mesinha com talões, ao pé de qualquer escada de escritório ou nos cafés, à vista do freguês.

Quanto ao custo de vida, não podia ser baixo, pois os americanos andaram espalhando dólares por ali, há 5 anos. Uma laranja comum custa 50 centavos, nunca menos. Mas ainda há hotéis regulares e decentes cobrando 100 cruzeiros diários pelo quarto com banheiro privado e comida. Diversões: um auditório de estação de rádio cobra 10 ou 30 cruzeiros por cabeça, conforme a hora e o programa. Procópio e Jaime Costa trabalharam no Santa Isabel, a trinta pratas a poltrona e é claro que não o podiam fazer por menos.

★

Caso engraçado é o da Festa da Mocidade. E' um parque de diversões, com "show" de artistas das principais cidades do país. A entrada, três cruzeiros. Mas lá dentro paga-se mais dez por um ato variado, de hora e meia, com números de dança, rádio, palco e até picadeiro.

— Fica às môscas, dirá o leitor.

Puro engano. Aquilo dá tanto dinheiro que permite aos estudantes, donos da tal Festa, contratarem a sambista Ademilde Fonseca e os cômicos argentinos Tito e Gogo à razão de 3.000 cruzeiros diários cada um.

Por incrível que pareça, uma companhia concessionária do serviço de bondes conseguiu quebrar no Brasil. Isso se deu no Recife. A Tramways fracassou, após vários anos de bons serviços. Hoje os seus bondes não ultrapassam a meia dúzia. E o recifense, rico ou pobre, paga ônibus a um cruzeiro ou mais, o que é caro para muitos. No entanto, há poucos anos ia-se de uma cidade a outra — Recife a Olinda — por 30 centavos. O côco, que em 1939, custava setenta centavos, passou agora a 2 cruzeiros e meio, mas continua dando dois copos de água gostosa e ainda nos oferece a laminha saborosa, casca branca da parte de dentro, algo agradável.

★

Os nomes das ruas...

Abrimos o "Jornal Pequeno". Dá o percurso que fêz Agamenon Magalhães ao sair de sua casa para ir tomar posse do Govêrno.

— Como se chama a rua em que êle mora?

— Rua da Amizade.

— E a seguinte?

— Rua das Creoulas.

←
AINDA HÁ MÁSCARAS dêsse tipo no carnaval do Recife. O mais cabeçudo é da altura do prédio do lado. Reparem os olhos no pescoço.



BATUTAS DE SÃO JOSÉ (ao alto) com o seu préstito inspirado em motivos chineses. Em baixo, os Lenhadores, de larga fama, com pagens em fantasia confeccionada em sêda.





OS CABOCLINHOS, ao alto, legítima reminiscência indígena. A prêta velha é Donana, de 83 anos de idade, rainha do Maracatu há mais de cinqüenta anos. — No centro, a fantasia mais calorenta do carnaval pernambucano: os «caboclinhos» do «Cachorro do Homem Miúdo». — Em baixo, negros cubanos, artistas profissionais, que estiveram no Recife, êste ano, para aprender a tocar os legítimos torós e atabaques.





CARNAVAL NA TERRA DO FREVO

Também há bairros com nomes trágicos: Afogados, Aflitos. Outros, inexpressivos: Casa Amarela, Tôrre, Madalena. Alguns, diferentes: Tigipió, Bairro "do" Recife, Rosarinho, Estância. Outros lembram bombeiros e material hidráulico: Encanamento, Água Fria, onde iríamos ver, mais tarde, um candomblé em homenagem a Xangô.

★

O Teatro Santa Isabel, inaugurado no govêrno do Conde da Boa-Vista, é histórico. Ali há várias placas célebres. Uma delas, lacônica mas expressiva, diz isto: "Aqui fizemos a Abolição. Joaquim Nabuco". Também foi ali que Castro Alves e Tobias Barreto travaram polêmicas em versos, defendendo, respectivamente, as atrizes Eugênia Câmara e Adelaide do Amaral. Agora, comemorando o centenário do lindo teatro côr-de-rosa, sai o n.º 12 da revista "Contraponto", orientada por Valdemar de Oliveira, um médico que tem o virus do teatro. Número muito bem apresentado, com colaborações especiais de Gilberto Freire, Mário Melo, Múcio Leão, Olávio Pinto, marido de Guiomar Novais. Artigos sôbre Louis Vautier, construtor do teatro, Joaquim Nabuco, o amadorismo em Pernambuco, bailes de máscaras, etc. Num livro sôbre a história do Santa Isabel, Luiz Tôrres ergue o seu grito de revolta:

"No mesmo palco pisado por José Ricardo e Apolônia Pinto, por Martins Júnior e Joaquim Nabuco, por João Caetano e Pavlova, desabaram, muitas vêzes, pesadamente, os brutalhões da luta romana. O Santa Isabel resistiu a tudo, impàvidamente, nutrido de gloriosas tradições, voltado para um passado que se confunde com a própria história de Pernambuco. Nenhum movimento social deixou de repercutir entre suas paredes. Nenhuma campanha política desdenhou de fazer dêle o seu teatro. Nenhum relevante acontecimento artístico teve, no Estado, outro palco e outra platéia."

Outra coisa que impressiona ao visitante é a presença de espírito do nordestino e do nortista. Certa vez, tomámos um ônibus para Iputinga e notamos que o condutor não tinha pressa de iniciar a viagem. Já os demais passageiros se aborreciam com isso quando um cabo de polícia observa, jocosamente:

— Essa marinete já anda a passo de tirador de reza, ó xente...

Outro caso. Um modesto "camelot" ganhava sua vida na Rua Nova, vendendo cortes de sêda. Homem do povo, vestido modestamente. Falava sem parar e tinha seu auditório garantido quando foi interrompido por uma negra palpiteira:

— Não grite tanto, "seu" Zé, que fica rouco.

E êle, sem cortar o fio do assunto:

— Minha senhora, cuide de sua vida enquanto eu ganho, honestamente, a minha.

★

O Carnaval de Recife...

Um barulho infernal, pois a Diretoria de Trânsito permite aos motoristas o escape livre, isto é, a retirada do silencioso. Resultado: os carros fazem as descargas com o maior barulho possível. Há blocos, clubes, cordões e troças. Troças são os blocos, com ou sem orquestra, que só desfilam pela manhã, quando não faz tanto calor. E há nomes interessantíssimos de blocos e troças. Vejam, por exemplo, o Prato Misterioso e o Pão da Tarde. O Cachorro do Homem do Miúdo, o Pão Duro e o Bagaço é Meu. No momento em que escrevemos, atravessam a rua da Imperatriz os Teimosos da Mustardinha, o Gaiamun na Vara e um que tem o nome de fechar o comércio:

— Cavalo Apeado Também Come!

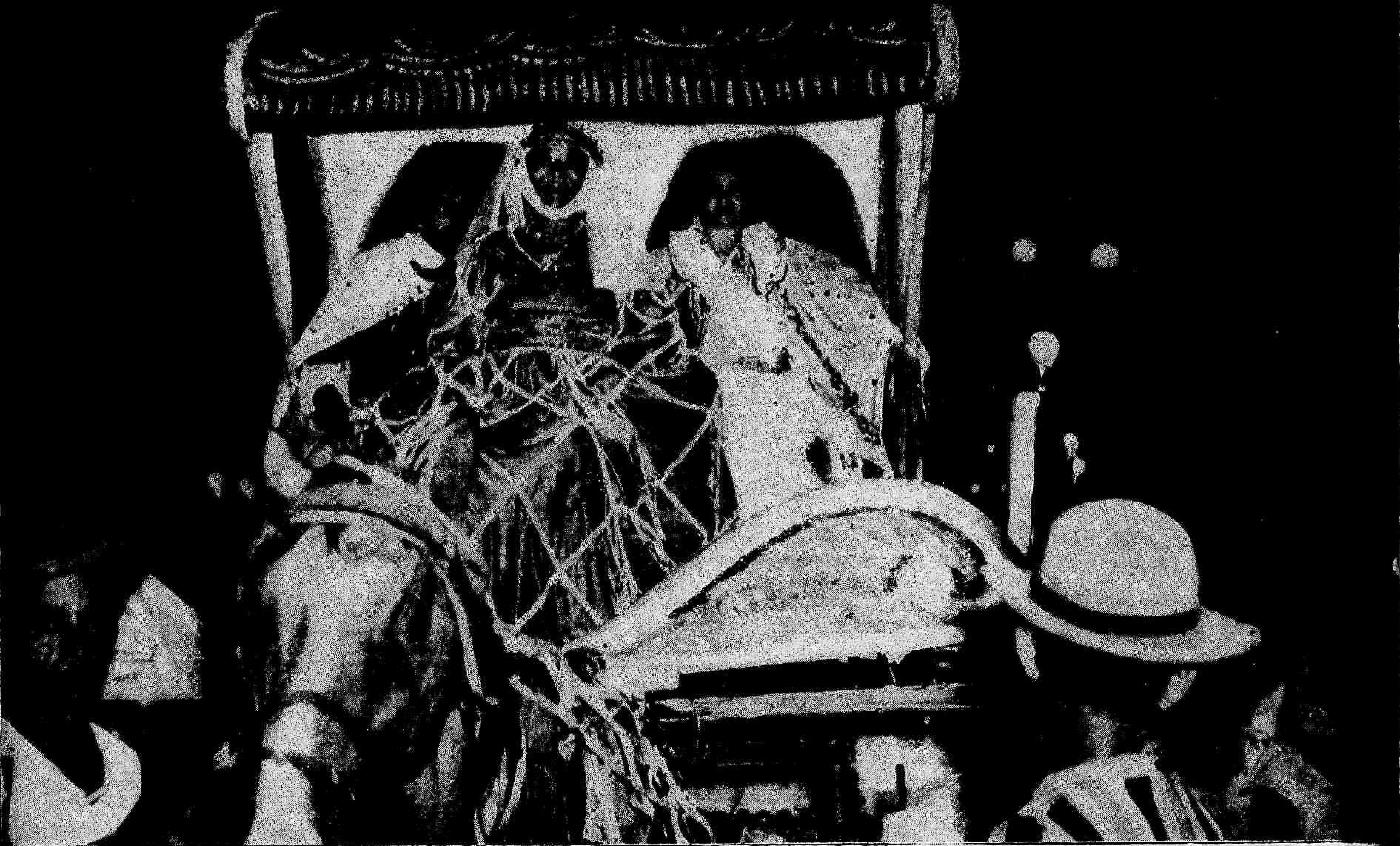
Os maracatus, com a rainha que conduz um ramo de flores, e a princesa que tem nas mãos uma boneca enfeitada (calunga) são de origem tìpicamente africana. Vejam seus nomes: Timbu Coroado, comandado pelo folião Caixa de Banha; Cambinda Estrêla e Almirante da Anunciação. Há ainda o desfile de turmas e escolas de samba, Cabóclinhos e Bumbas-Meu Boi.

A imprensa dedica suas páginas principais ao sucesso dos Vassourinhas, primeiro grupo de frevo do país, no Rio e em S. Paulo. Vimos garotos de 6 anos e velhos de 70 fazendo nas ruas, essa loucura milagrosa que é o passo, o frevo dançado, com suas tesouras, corta-jacas, chan de barriguinha, em que os joelhos ficam em plano superior ao da barriga, sem que o dançarino perca o equilíbrio.

E' também de bom-tom jogar talco na cabeça dos que passam. E cada bloco ou troça tem o seu próprio cordão de isolamento, mantido pelos mais hercúleos dos seus componentes. Nelson Ferreira ("E' frevo, meu bem"), Capiba ("Maracatu da Coroa Imperiá") e o gordíssimo poeta Ascenso Ferreira ("Vou danado prá Catendê"), são os compositores mais festejados pela crítica. A Polícia tenta fazer êste mundo de proibições, o que quase nunca consegue: *a*) o uso de pós e líquidos de qualquer natureza; *b*) o uso de símbolo da Cruz-Vermelha ou de qualquer outra instituição pública e da bandeira nacional de qualquer país; *c*) o uso de fantasias que critiquem as gestantes.

Os Batutas de S. José, pouco nacionalistas êste ano, preferem reviver, em suas fantasias, o Império Celeste em 1860, com o sábio Iang Ling Ching, o Dragão da China, os adeptos de Láo-Tsé, a imperatriz mãe Tzu-Si e a sacerdotisa Mme. Ken-Tao-Soo, de rara beleza. Neste instante entram na Av. Manoel Borba os Morceguinhos Canela de Vidro, grupo formado pelos atletas do Esporte, que deu aos cariocas Ademir, Djalma e China. Quase ninguém dorme. O escape livre e as latas velhas das "fubicas" não deixa. O locutor está convidando:

— A senhorita não quer "fazer o passo"?



AS QUATRO DA MADRUGADA, a Rainha do Maracatu está cansada e volta para a sede do clube. A turma vai entoando: «Meu maracatu é da coroa imperiá!» Mas na manhã seguinte, o préstito volta a circular pelo centro e vai aos bairros mais distantes. Atrás da rainha, um par de noivos, ricamente fantasiados, recebendo os aplausos da multidão. Carnaval no Recife vai até uma semana depois de têrça-feira gorda.

Conclusões de um turista que andou pela terra dos maracatus:

1 — O Carnaval de Recife pode não ser o melhor do mundo, como dizem os seus jornais, mas não há dúvida que é o mais barulhento do universo. E dos mais pitorescos.

2 — As garagens alugam, no Carnaval, carros velhos, modelos antigos, que o povo batiza de "fubica". E cada carro se esforça por ser mais barulhento e de buzina mais estridente.



Este ranchinho de sapé, na praia da Boa Viagem, é a sêde de um blóco quase centenário, os Boêmios da Cabeça Chata

3 — Ainda se vêem, na cidade, aquelas carrocinhas de 2 pés, para venda de doces. São carregadas na cabeça, acompanhadas dos respectivos tamboretes.

4 — O povo em geral conjuga o verbo com mais acêrto que nós do Sul. No Maranhão, a coisa é perfeita. Um condutor não diz "me dá a passagem", mas "dê-me a passagem". Daí a frase-definição de Gilberto Freyre: "Maranhão... mulheres fazendo tricô e homens discutindo gramática".

5 — Têrmos pitorescos do linguajar pernambucano: ganhador — carregador de malas no Cais do Pôrto. Zuada — barulho, desordem. Arriar — descer, desistir, entregar os pontos. Aperrear — aborrecer-se ou aborrecer os outros, preocupar-se, abater-se.

Um garôto reclamava, na Rua Gervásio Pires, lá na Boa-Vista:

— Pai, dê jeito em Aderaldo. Êle está me abusando...

6 — Quando se pergunta onde fica uma rua a um homem simples ou garôto, êste larga o que está fazendo e nos acompanha para onde queremos ir.

7 — A Coca-Cola, para combater os excelentes refrescos de mangaba ou maracujá, pregou sua plaquinha vermelha de propaganda em tôda parte. Até nos cemitérios!

8 — Os jornais do Rio não se acham à venda, mas na Biblioteca Pública, antiga Cadeia, prédio de onde saiu, para ser fuzilado, Frei Caneca, são encontrados. Chegam com o atraso mínimo de 15 dias, pois no Brasil continua não havendo pressa.

9 — "Boîte" é coisa que não pega em Recife. O povo mais culto ama o bom teatro e as multidões se contentam com a Festa da Mocidade, o futebol e o Carnaval.

10 — Há fantasias ricas de pagem, noiva, chinesa, mandarim, político fracassado, etc. Os blocos bem ensaiados, ao fim de cada música, mandam um membro correr o pires, dos dois lados da rua. Dinheiro em caixa nunca faz mal a ninguém.

★

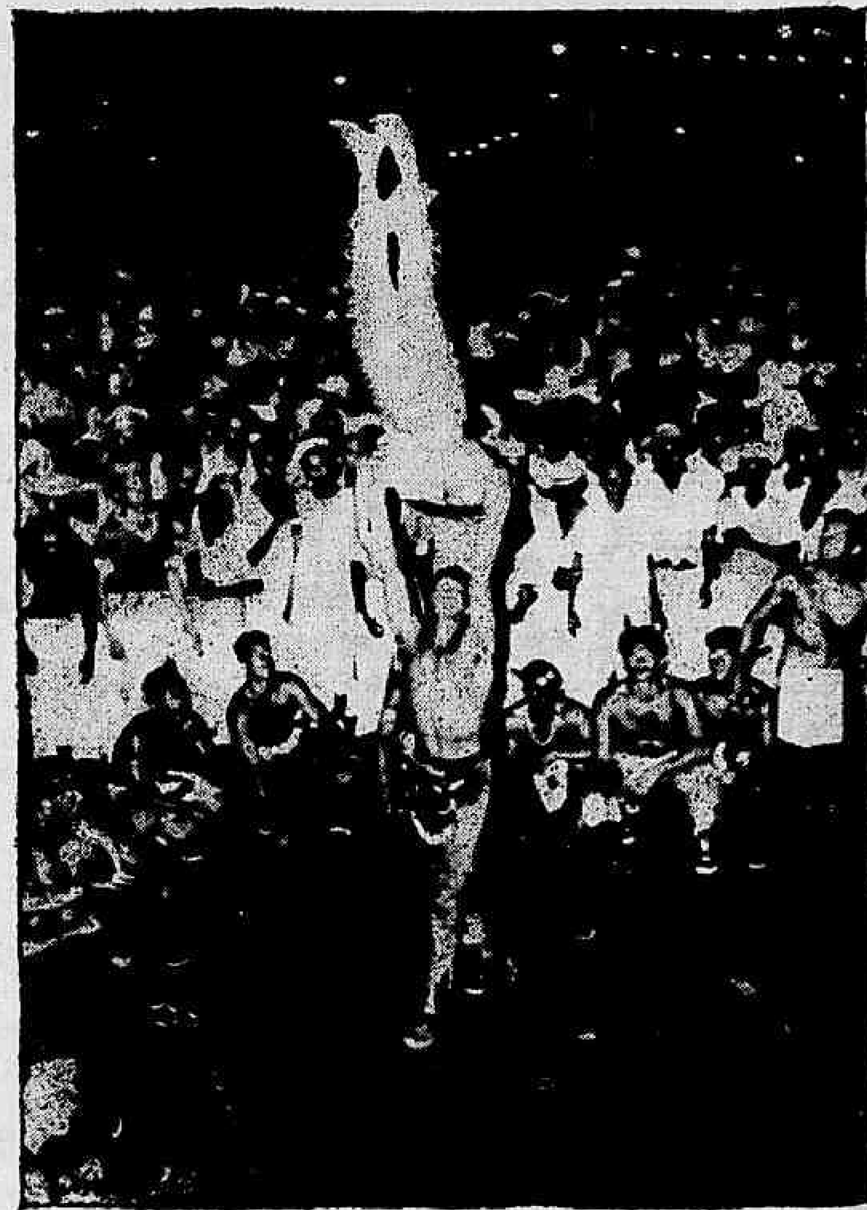
O pitoresco existe em tôdas as cidades antigas. O Rio teve as Ruas do Fogo e da Palha. Sabará, as ruas Caquende e do Jôgo da Bola, onde não havia nem jôgo nem bola. Recife não podia escapar à regra geral. E não escapou, pois apresenta ruas, avenidas, becos ou estradas com êstes nomes saborosos ou esquisitos: ABC, do Caranguejo, da Amizade, da Castanhola, do Orobó, Cais do Abacaxi, das Almas, dos Amôres, do Arame, Azul, Largo do Bacurau, a célebre Rua do Banho, dos Bezerros (sem alusão à família Bezerra, tão tradicional em todo o Nordeste), etc.

Na zona da Várzea há uma de se lhe tirar o chapéu: Rua da Boa-Idéia! Mas não se esqueça a Ladeira do Bode, a Bomba do Hemetério, todos na letra B. E saibam que a Rua Joaquim Távora já se chamou Cai Ligeiro, assim como a Tabaiares já foi o Beco do Caixão.

— Que é o maracatu?

— E' um ritual místico, meio religioso, meio lendário. Uma evocação de saudade das terras da África. Pouco a pouco, se foi deturpando pelo Carnaval até ficar reduzido a um simples rancho, bailado ao som de instrumentos de

(Cont. na pág. 43)



Atletismo à meia-noite. Indios tabajáras fazem exibições em praça pública, e os foliões param o frevo para assistir.

REVISTA DA SEMANA

ANO II ★ N.º 12 ★ 24-3-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

SERVIÇO DE RECLAMAÇÃO

A inovação criada pelo sr. Café Filho, Vice-Presidente da República produziu êste inesperado efeito: — a criação, por ordem do sr. Getúlio Vargas, de uma nova repartição pública, o «Serviço de Reclamação». Funciona essa nova seção federal no Ministério do Trabalho. E tal tem sido a quantidade de reclamadores e queixosos, que o sr. Presidente da República já deu ordem para que fossem aumentados os auxiliares encarregados de colhêr as histórias de cada um. Já houve mesmo quem batizasse o escritório, de «Muro das Lamentações». A cousa se processa com tôda a técnica e eficiência. Chega uma pessoa e declara que tem uma reclamação a fazer. Um funcionário atende, toma nota do assunto em seus menores detalhes, inscreve numa ficha os dados personativos do queixoso e entrega tudo isso a «verificadores» oficiais. Muita gente há-de pensar que o assunto pode ser eliminativo, segundo sua natureza, seu absurdo ou inadaptabilidade aos fins da nova seção. Enganam-se. O sr. Getúlio Vargas fez ver que tôdas as reclamações e queixas deveriam ser recebidas e registradas, fôsse qual fôsse o seu gênero e sentido. Isso determinou, portanto, um estado permanente de inquérito a favor do povo. Depois de tudo isso vai ficar o nosso Ministério do Trabalho com um fichário riquíssimo de novidades e curiosidades sociais, grande fonte para que os sociólogos e cronistas do futuro possam escrever obras de inestimável valor. Casos domésticos, funcionais, psicológicos, econômicos, da maior intimidade, tudo está sendo catalogado em fichas completas. Aí está um aspecto inesperado da inovação do sr. Café Filho...



RAPTO OU SIMULAÇÃO?

Nos começos da semana última estava um casal de poloneses a descansar um pouco num dos bancos do Passeio Público, tendo a mulher um filho de meses ao colo, enquanto uma outra menina de 3 anos brincava na grama. Os europeus estavam satisfeitos com o ambiente e davam graças a Deus pela paz que reina em nosso país, tão diferente das inquietações do Velho Mundo sempre enguiçado. Chega-se até êles uma senhora brasileira e elogia a beleza da menina Maria, filha dos estrangeiros. Êles nada sabem de português, mas a fisionomia risonha da recém-chegada e os seus modos de olhar para a menina eram de maneira a que percebessem que ela gostava da criança. A senhora brasileira pediu permissão para comprar uns bombons para a criança e a levou consigo até uma confeitaria da rua do Passeio. Os pais ficaram à espera e a menina não voltava. Passara-se uma meia hora e nada. Uma hora, duas, e a filha não voltava pela mão daquela estranha mulher amiga da criança. Então os poloneses começaram a chorar. Juntou gente; mas, como ninguém os entendia nem êles aos nacionais, nada se adiantou. Foi quando uma pessoa mais experiente compreendeu que alguém havia levado uma filha do casal. Aconselhados a que fossem à polícia e dessem parte, o assunto passou de vulgaridade para um dos mais emocionantes episódios desta cidade. Os jornais publicaram reportagens sôbre o rapto da criança, e, durante dias, os poloneses ficaram inconsoláveis. Mas, segundo apurou a polícia, não houve rapto nenhum, e sim uma farsa... A criança fôra «dada» pela polonesa que estava a mendigar, à tal senhora, já mãe de cinco menores. Mas, como não se dá filhos como quem dá gatos, Maria voltou aos poloneses.



ELA QUER CASAR

Depois da última grande guerra, apareceram em nossa imprensa, bem como na dos Estados Unidos, cartas de jovens e até de senhoras idosas, cartas e anúncios pedindo um noivo. O que essas desamparadas da catástrofe desejavam era normalizar a vida fora de sua terra desmoronada pelos bombardeiros e canhões de longo alcance e grosso calibre. Não sabemos se o processo deu certo. Talvez, em parte. Mas o assunto já não é comum entre os povos lá da Europa; aqui mesmo no Brasil, e, particularmente na localidade denominada Falcão, no Estado do Rio, já se registram casos dêsses. Veja-se o que escreveu para um dos nossos diários vespertinos a senhorita Maria Soares. Esperando essa moça, inùtilmente, algum rapaz que a desposasse e, como até agora não apareceu nenhum «valiente» capaz de enfrentar a luta de dois contra o mundo, decidiu recorrer à imprensa do Rio pedindo publicar uma carta-apelo, cujos dados são êstes, mais ou menos: «E' órfã de pai e mãe e deseja corresponder-se com um rapaz de 27 a 35 anos de idade, que seja bonzinho, honesto e trabalhador. E' morena, olhos e cabelos prêtos, altura de um metro e cinqüenta e oito centímetros, natural de Minas e tem a profissão de costureira». Acho que a missivista que está à procura de casar-se com um rapaz assim, não devia divulgar certas particularidades íntimas que a colocam na fila dos humildes. Devia fazer como as alemãs, polonesas, austríacas: «Sou muito bonita, elegante, desembaraçada e capaz de fazer a felicidade de um homem. Tenho recursos e capacidade de multiplicar a gaita». Ia ver como todo mundo corria a Falcão...



CUIDADO, NAMORADOS!

Estão as autoridades públicas decididas a acabar com os espetáculos que se vêem aí pelas praças, ruas e praias da capital federal. Casais de amorosos ainda não ligados pelos laços indissolúveis do matrimônio vivem a trocar beijos e abraços muitas vêzes exagerados à vista de todo mundo, numa demonstração de grave insensibilidade moral. Para êsses amorudos só êles é que estão vivos neste mundo. Tudo o mais já se acabou. Nos bancos da Avenida Atlântica as cenas chegam a irritar os cães. Mocinhas e mocinhos se entregam a expansões de alcova, como se estivessem na casa da sogra, isto é, da futura sogra. Nos cinemas é a mesma cousa. E nos bondes, também é comum os agarramentos, o esfrega-esfrega de mãos e de braços, numa ansiedade que denuncia êxtases capazes de explodir como bombas atômicas. Mas agora as autoridades policiais decidiram pôr termo a tais devaneios e falta de vergonha. Desde que assumiu a Delegacia de Jogos, Costumes e Diversões, o delegado Zildo José Jorge vem adotando uma série de providências no sentido de resguardar o interêsse público. Agora mesmo proibiu a exposição de revistas com estampas escandalosas, consideradas obcenas. Com os tais amorosos a autoridade também implicou. Sempre que êsses enamorados forem surpreendidos em atitudes imorais em plena via pública, serão advertidos. Na reincidência, presos. Não sabemos se a campanha já está tendo o esperado efeito. E não sabemos porque, tôdas as noites, e mesmo durante o dia, êles continuam aos beijos e «ligações frenéticas» nos bondes, nos jardins e nos cinemas. Quantas vêzes vai a polícia advertí-los?



A PERSONAGEM DA SEMANA

Vai, aos poucos, o nosso país, rearticulando suas peças políticas e administrativas dentro da grande engrenagem nacional. Empossado o sr. Presidente da República e escolhido o respectivo Ministério, faltava ainda uma das principais "chaves" da maquinaria estatal a fim de que todo o organismo funcionasse em harmonia com as necessidades de nossa restauração geral: — o novo Congresso Legislativo com as respectivas Mesas diretoras. Ao escrevermos estas notas já uma das casas do nosso legislativo federal resolveu o problema: a Câmara dos Deputados. Elegendo para a presidência o sr. Nereu Ramos por expressiva maioria (227 votos numa presença de 253 votantes) deu prova de que o conhecido político catarinense encontra em todos os seus colegas do Palácio Tiradentes, a parcela de prestígio pessoal que soube nutrir sempre, apesar das divergências político-partidárias. O discurso que o novo presidente da Câmara pronunciou reflete os desejos em que está de manter-se acima de interêsses pessoais e políticos, prometendo exercer o mandato na estrita observância democrática de respeito à Constituição e ao regimento interno. Não será o homem do "seu partido", mas o presidente da Câmara dos Deputados, fiel servidor dos interêsses nacionais. Na verdade, a missão do sr. Nereu Ramos vai ser árdua. A situação do país, segundo o discurso do sr. Getúlio Vargas, a 2 de março, irradiado pela Agência Nacional na meia hora do Brasil, e o Relatório do sr. Ministro da Fazenda há pouco divulgado, mostram que providências de profundidade devem suceder às de emergência já tomadas pelo executivo, para que o país se salve da derrocada financeira e se robusteça na sua vida econômica. Para essa segunda e decisiva etapa cabe ao Legislativo elaborar as leis necessárias solicitadas pelo Executivo, anulando-se fontes permanentes de trágicas sangrias no Tesouro, moralizando hábitos de há muito reprováveis e custosos. O mal do país está, em grande parte, em despesas adiáveis ou extinguíveis. Mas para isso é preciso legislação adequada. E o sr. Nereu Ramos quer ser um dos restauradores de nossa economia.


Sr. Nereu Ramos

O "PENTE FINO" E O "CABELLO"...



— O **Cabello** foi para a C.C.P.?! Aquilo ali é de se perder a **cabeça**!



— O **Cabello** também é jornalista!
— Será que êle escreve com **tinta** para cabelos?!



— O **Cabello** é suspeito para opinar sôbre o preço de certos produtos! Como é que êle vai tabelar os **cosmeticos**?!

— O **Cabello** "frisou" bem que não haverá **ondulações** no combate aos **tubarões**; a luta será **permanente**!...



Parece que está a dizer: "Ué! Vocês me descobriram mesmo, hein?" E foi uma verdade!

LIZABETH SCOTT
GOSTOU DE "CARNE SÊCA"



A famosa «estrêla» numa pose que ressalta sua beleza.

FOMOS aos escritórios da «Paramount» fazer uma visita a Lizabeth Scott, a estrêla de Hollywood que estava no Rio a tomar banhos em Copacabana, sem atrair os fãs e a imprensa ou o rádio. Muito nossa conhecida através da tela, não faziamos ainda uma idéia do que fosse miss Scott na realidade. E vimos diante de nós uma criatura de grande simpatia, alta, de um metro e setenta, mais ou menos, cabelos dourados, olhos verdes, dentes perfeitos, pele morena de sol. Elegante sem ser afetada, amável, alegre e atenciosa. Recebeu-nos com sorrisos como se fossemos velhos amigos:

— Como está sendo tratada na terra carioca?

— Maravilhosamente bem. Copacabana é admirável e o Rio, com sua arquitetura audaz, surpreende a qualquer pessoa, mesmo vinda dos Estados Unidos. Quanto aos brasileiros, estou grata pelas atenções e gentilezas com que me distinguem.

Mostramos-lhe um exemplar desta Revista. Ela folheou e nos perguntou quem era aquêle fotografado com tantas tatuagens. Explicamos o caso de «Carne Sêca», suas aventuras e fugas da prisão. Elizabeth Scott achou «Carne Sê-

(Cont. na pág. 41)



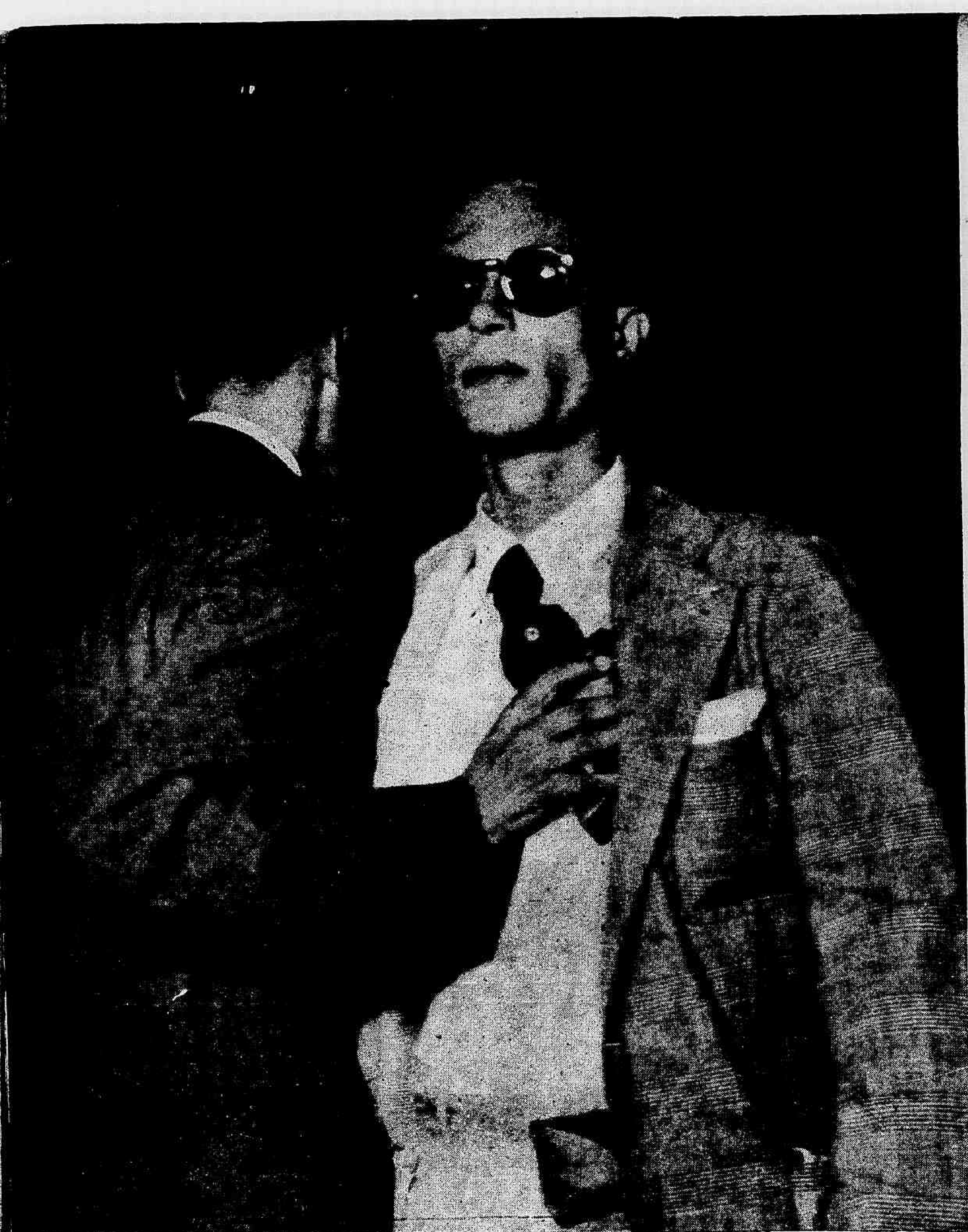
Lizabeth Scott folheia a **REVISTA DA SEMANA** e se detém nas reportagens ilustradas daquele número.

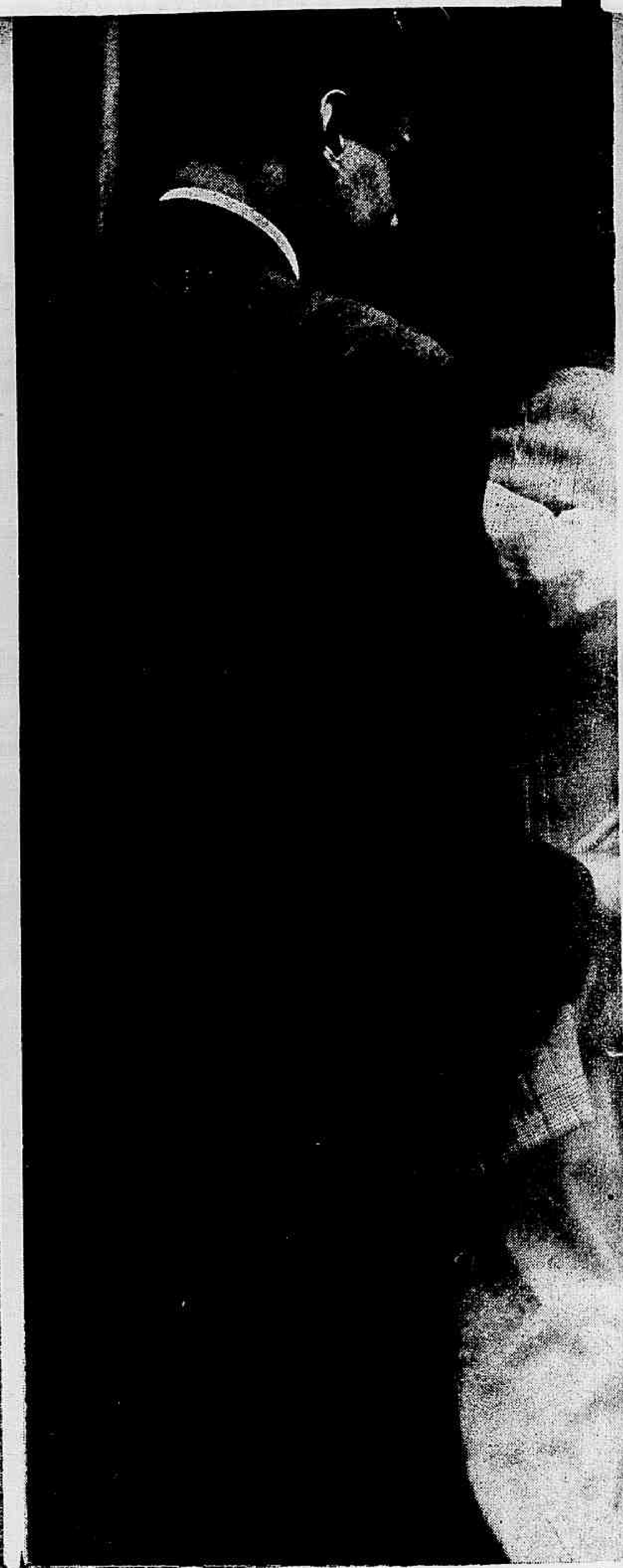


E dedicou sua foto: «A Revista da Semana meus melhores votos»

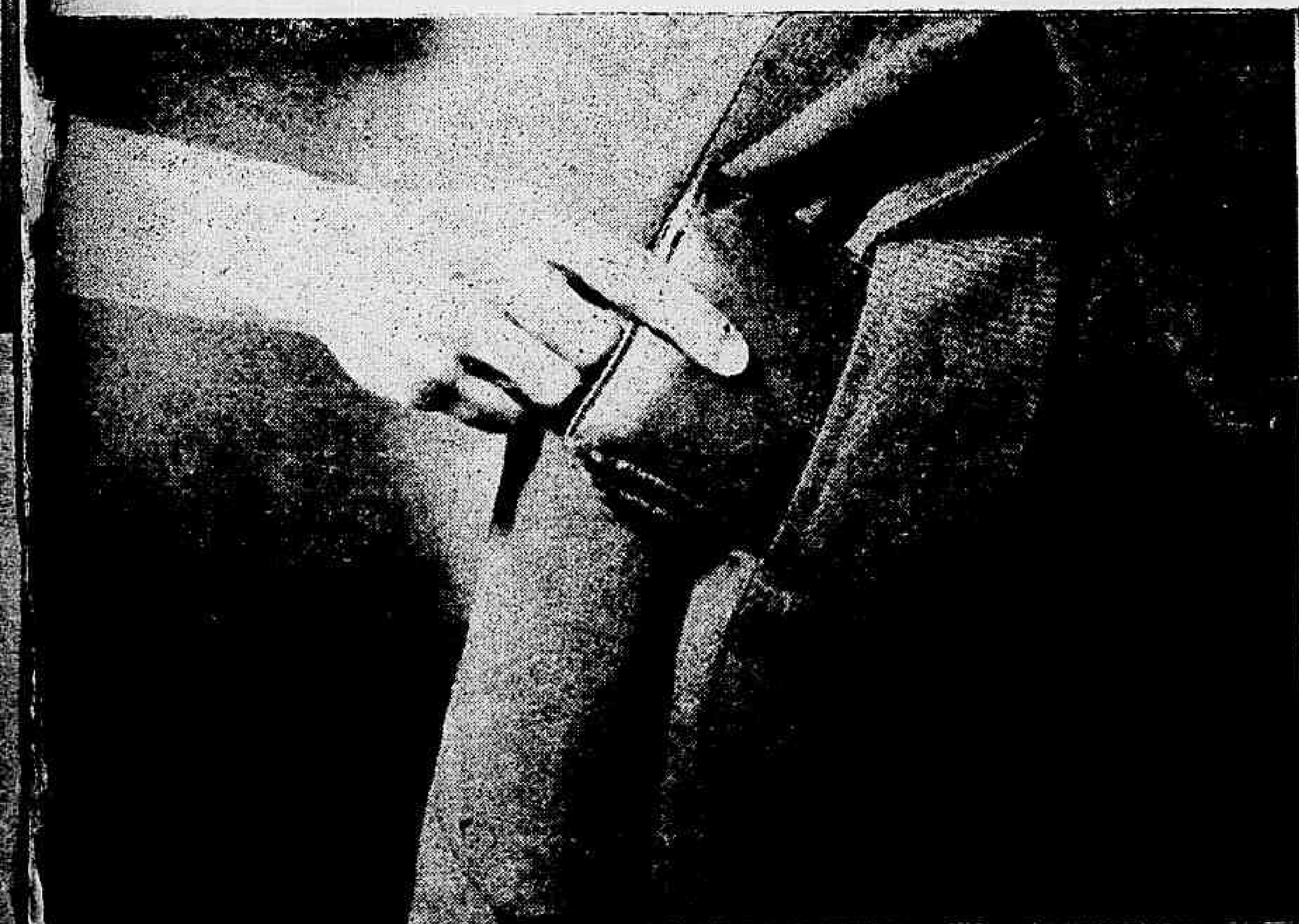


Mas, o que mais a interessou, foi a história da fuga de «Carne Sêca». E como ficou encantada com o episódio!





ROUBAR É UMA ARTE. E já houve, mesmo quem escrevesse um livro com o título: — «A Arte de Furtar». Todavia, ao autor de tão excêntrica obra escapou o capítulo referente ao batedor de carteira. Nessa reportagem procuramos elucidar os leitores «COMO SE BATE UMA CARTEIRA». Geralmente, são preciso dois gatunos Um dá o cha-



NA GIRIA da malandragem cada bolso tem um nome especial. Bolso de fóra do paletó é — **CHULCA**: bolso de cima — **JANELA**; bolcinho da calça — **GRILO**: bolso de dentro do paletó — **SOTALA**; e bolso da calça — **PORAO**



PARA APANHAR níqueis na **CHULCA** o meliante, com dois dedos vai puxando o forro do bolço até vir à tona o conteúdo. Se a vítima for alta o malandro fica nas pontas dos pés Esta foto é bem expressiva

mado **ESBARRO**, pela esquerda, enquanto o outro, pela direita, e com rapidez extraordinária, faz o serviço.

COMO SE BATE UMA CARTEIRA

A ARTE DE FURTAR EM EVOLUÇÃO

E' ASSIM: UM MELIANTE DÁ O ESBARRO E OUTRO FAZ O TRABALHO ★ E QUANDO HÁ ÊXITO, COMENTA: "COM **LANÇA** NA **SOTALA AFANEI** UM **ESTÁCIO** EM DOIS **LUCAS**. ERA **PAQUITO MICHO**. TRÊS **COPAS** DOIS DE DOIS **GAMBAS** E UM DE UMA **GAMBA**. O **OTÁRIO** NÃO **ESTRILOU** NA **JUSTA** E NÃO FUI **ENCANADO** PELO **TIRA A MAJORENGO**." ★ VER TRADUÇÃO NO TEXTO.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES
Fotos de WALTER MORGADO



OS BATEDORES de carteira, na China, sofrem duro castigo. Cada vez que roubam, a polícia corta-lhe um dedo. Esta mão incompleta é de um ladrão chinês regenerado.

O admirável criminalista italiano Manzzini, analisando o crime de furto em face à jurisprudência, escreveu: "A figura constitutiva do furto está enquadrada no clássico *animus delinquendi* (vontade especificada de delinqüir); *animus furandi* (vontade comprovada de lesar) e *invito domino* (ausência do dono). Havendo estas três figuras clássicas do Direito Romano está configurado o crime de furto."

Outros criminalistas de renome como Lombroso e Malatesta também são da mesma opinião. E nesse sentido o tem decidido os nossos juízes criminais, o Tribunal de Apelação e o Supremo Tribunal Federal em subseqüentes acórdãos, que vieram firmar jurisprudência mansa e pacífica perante a nossa legislação vigente.

Analisando o crime de furto ante a Medicina Legal, o eminente Faveiro, penalista de renome e sociólogo profundo, secundado pelo professor Antenor Costa, diretor do Instituto Médico Legal, bem como o professor Hélio Gomes, catedrático das Faculdades Nacional de Direito do Brasil e do Rio de Janeiro, são acordes em afirmar que o larápio é um indivíduo anormal, vítima de circunstâncias mórbidas, da educação incompleta e irregular, oriunda do meio hostil em que foi criado; afora os tarados e anormais congenitos. Os cleptômanos são outra modalidade interessante da Medicina Legal, já posta em aquação por grandes estudiosos. São tipos lombrosianos, tarados e dificilmente curáveis.

★

Essa a opinião de grandes sumidades sôbre o crime de furto, em face da Jurisprudência e da Medicina Legal. Resta-nos, agora, focalizar as modalidades da classificação policial. Passemos, pois, a palavra ao detective Rocha Passos, da Delegacia de Vigilância e que há mais de dez anos não faz outra coisa senão lidar com gatunos.

— Policialmente falando — disse de início — os ladrões são classificados em duas classes: *os que roubam e os que furtam*. Os primeiros empregam a violência e são os que pròpriamente se podem denominar ladrões. Aos demais se chama gatunos. Entre os ladrões destacam-se:

1.º os que matam para roubar (latrocínio);
2.º os degoladores;
3.º assaltadores no mar;
4.º os narcotizadores;
5.º os que *fazem banho de mar;*
6.º os saltadores de janelas (ventanistas);
7.º os que destroem os obstáculos à sua passagem, por meio de instrumentos para tais fins criminosos;
8.º os que visitam galinheiros e casas vazias.

Entre os gatunos há os que *trabalham* com dois dedos e os que se valem da boa-fé alheia. Quanto aos primeiros notam-se:

1.º os que furtam objetos de bôlso;
2.º os que se aproveitam dos descuidos e desmazelos de qualquer pessoa;
3.º os que furtam amostras expostas à porta de casas comerciais ou saqueiam os infelizes que, por qualquer causa, bebedeira ou ataque, são encontrados caídos na via pública.

Nessa classificação não estão incluídos os que se apresentam como agenciadores de certos hotéis... e, finalmente, as mulheres ladras.

COMO ATACAM PELA GARGANTA

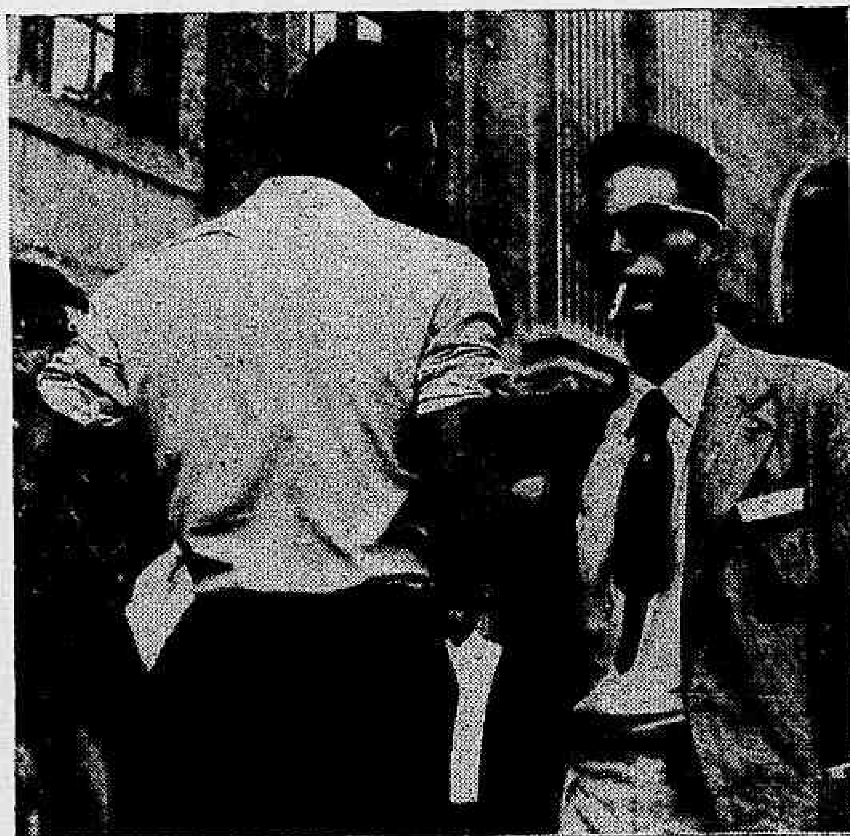
— Os que atacam pela garganta deitam-se no batente de qualquer porta, fingindo que dormem, ou simulando embriaguez. O indivíduo vai passando; êle, que o observa, ao notar que a pessoa deu alguns passos para diante, levanta-se sùbitamente e forma o bote. Embarga os passos da vítima, havendo sempre um, o mais forte, que a subjuga deitando as mãos no pescoço do assaltado, enquanto outro lhe cobre a cabeça, às vêzes enterrando-lhe o chapéu até às orelhas, de modo a tapar-lhe os olhos. Um terceiro passa-lhe, durante essa operação, revista completa, até despojar a vítima de todos os haveres. Se nada é encontrado, o indivíduo sofre então outro martírio: é



ESTRANHAS MAOS furtam do bolso dessa vítima uma recheiada carteira. Isso dito em linguagem corrente. O larápio, no entanto, diria que o curinga está cheio de vento. Curinga (carteira); vento (dinheiro).

QUANDO há êxito na operação o ladrão diz: com lança na sotala afanei um estácio»... Neste flagrante há o detalhe especificado, isto é, a lança que são os dois dedos usados agarrando uma carteira.

COMO SE BATE UMA CARTEIRA



ÊSTE É UM detalhe do ESBARRO. O meliante tem as mangas do blusão arregaçadas. São como os mágicos e prestidigitadores: evitam tudo que os possam embaraçar.



NOS LUGARES de grande movimento, como nas barcas, Leopoldina e Central do Brasil, proliferam os ladrões. Quando não batem carteiras roubam malas.

"estragado". Certa vez deram um tiro num pobre homem porque êle só tinha, no bôlso, dois cruzeiros.

COMO NARCOTIZAM

— Ladrão narcotizador — prossegue o detective Passos — é o que, para conseguir fins criminosos, lança mão de licores preparados ou essências soporíferas. Há alguns que só usam dêsse recurso em último caso: quando vêem que o artifício não pode ser desprezado. Operam, ou nos fundos de um botequim, para onde jeitosamente conduzem a vítima, ou no interior das casas, cujo assalto têm em mira. A conversa encaminha-se de modo que, no meio dela, surja sempre, da parte de um dos rapinantes, o *convite amável* para tomarem alguma coisa.

O indivíduo na boa-fé pede o que lhe vem à cabeça. Se o líquido é de côr, o narcótico a ser usado é uma solução de extrato de beladona; 15 gramas para uma dose de 60 d'água. Calculam a ôlho. Mas para outra qualquer bebida incolor, como aguardente, adotam o koral hidratado; 5 gramas para 60 d'água. Cinco minutos depois o infeliz está *convidado*. Infalivelmente começa a cochilar e pega no sono. Quando acorda... percebe tardiamente que foi roubado.

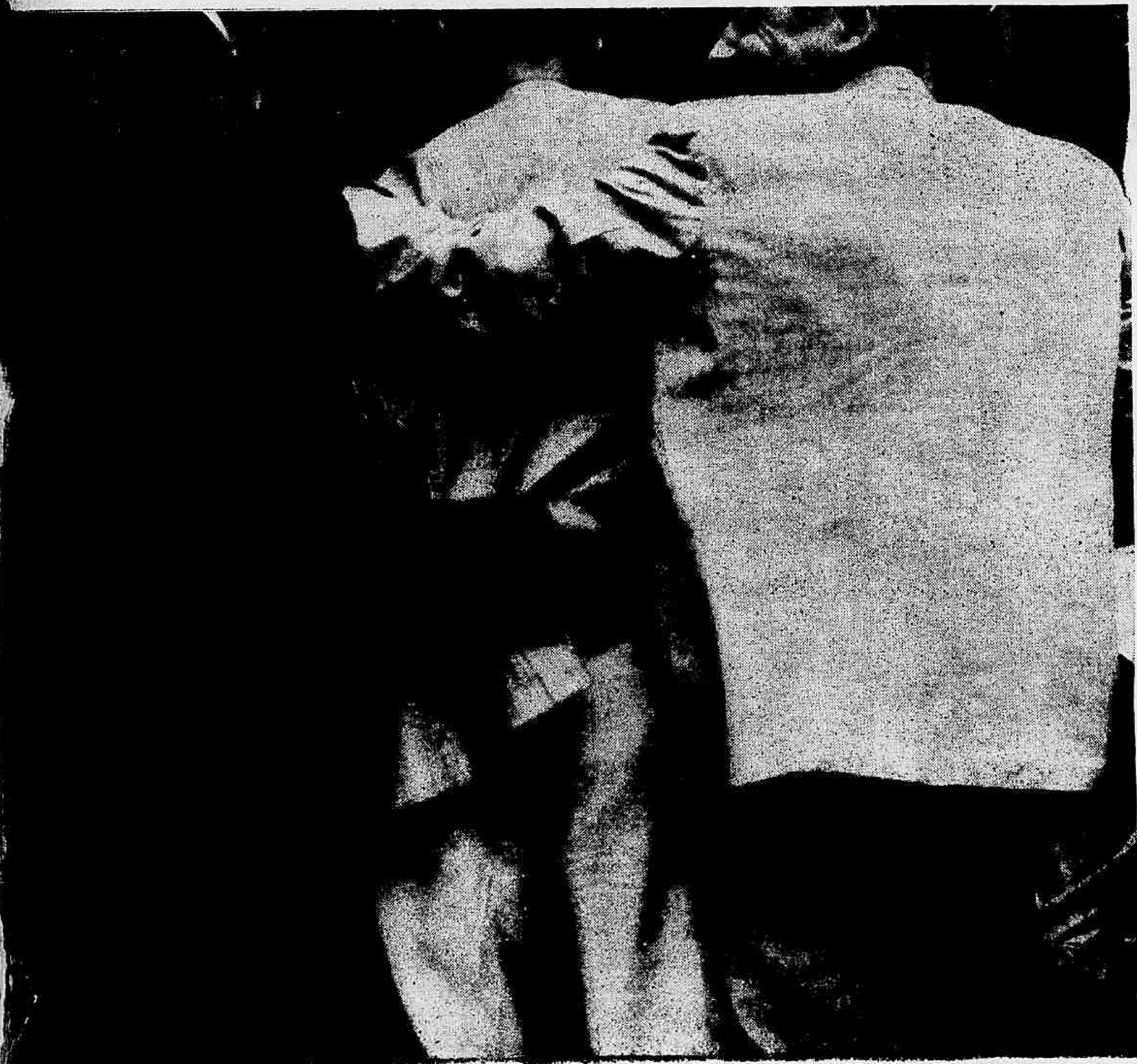
O BANHO DE MAR

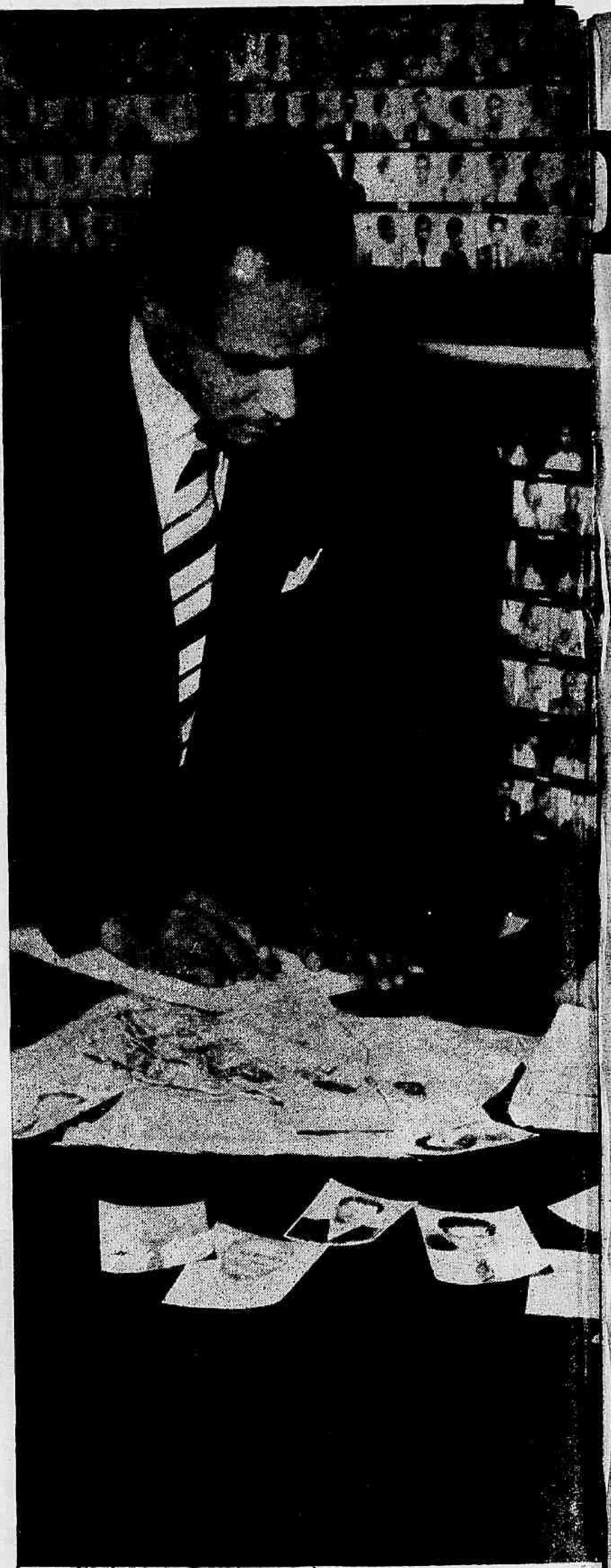
— O ladrão de banho de mar emprega sòmente a chave falsa. Mais nada. O resto depende do estudo feito. Vão para as praias de banho. Os primeiros dias são empregados em observar os banhistas. Marcam, por exemplo, um homem. Vêem que êle possui jóias, ouro; enfim, é rico. Acompanham-no de longe. Conhecem-lhe a morada e os hábitos. Marcam a hora de saída... até que um dia ficam de tocaia. Quando o sujeito sai, êles metem a chave falsa na porta, entram à vontade e fazem a limpeza.

OS SALTADORES DE JANELA OU VENTANISTAS

— Os saltadores de janelas valem-se de cordas apropriadas para tal fim. As cordas são cheias de nós, que se espaçam palmo a palmo. À ponta está sempre prêso um gancho pesado. Êsse gênero de roubo êles empregam mais nas noites quentes. Há muita gente que, habitando prédios altos, dorme com as janelas abertas para que o ar por aí penetre. Pois bem. Os ladrões não medem a altura. Atiram a corda...

O QUE ESTÁ sorrindo está FAZENDO ROUPA para o outro FAZER A CARTEIRA do OTÁRIO. Nos trens, êsse processo é muito usado pelos meliantes.





O DETETIVE Rocha Passos, da Delegacia de Vigilância, quando mostrava ao repórter a ficha de perigoso meliante.

COMO ROUBAM

— Os arrombadores *trabalham* de várias maneiras. Quando não trazem gazua e chaves falsas, usam de ferros apropriados, ou abrem com a chave da casa.

Para o segundo caso o *serviço* é assim: um dêles com um formão levanta a porta. Com outro ferro de dois dedos na ponta suspende o trinco. Em seguida, o mais possante faz fôrça sôbre a fechadura. Esta cede. Pela abertura entra um indivíduo magro que, uma vez dentro, tira a tranca e desce o trinco. Isto feito, não há porta que resista ao menor impulso.

Na terceira hipótese, introduzem pelo orifício da fechadura uma espécie de caneta. Isto conseguido, com simples empurrão a chave cai sôbre um jornal que fôra estendido, antes, por baixo da porta. Resta puxá-lo, pois a chave há de vir para fora. E é com ela que se vai fazer uma entrada em casa alheia.

As vêzes, quando não há remédio, cavam alguma parede. Nela abrem um buraco. Por aí se introduz qualquer criança prática na operação. Com a devida cautela de fazer entrar em primeiro lugar a mão, na qual vai encarapuçado um chapéu. E' para verificar se alguém de dentro espreita. Se o morador da casa está de tocaia, quando vê o vulto, nesse caso o do chapéu, alveja-o, pensando fazê-lo sôbre a cabeça do assaltante.





Sôbre a mesa estão as fotos dos que têm mais de 20 anos de crimes. Na outra foto o grande arquivo, com milhares de fichas de punguistas, vigaristas, descuidistas e ventanistas. A ficha que o repórter observa é do Moleque Pente Fino, um dos mais astuciosos larápios. E' o criador do chamado «Conto do Peru».

NOS GALINHEIROS

— O roubo de galinha — prosseguiu — é feito geralmente com dois pauzinhos. Ninguém ignora que, a não ser o ganso, as demais aves não enxergam à noite, de modo que a colheita se faz de maneira fácil. Chega-se ao poleiro. Com um pau bate-se no pé da ave. Ela levanta-o imediatamente. Nesse *interim*, com a mão esquerda, espera-se com outro pauzinho de maneira que, quando a ave o assenta de novo já não é no poleiro. E assim por diante. E' sempre a bichinha transportada para dentro de um saco molhado para, no caso de gritar, não ser ouvida. Se houver cães no quintal o recurso é dar-lhes *bola* ou esperá-los, se são bravios, com um punhal, matando-os *incontinenti*. Em outras ocasiões (êsse recurso é quase só usado pelos arrombadores) levam uma cadela ao cio e soltam-na para distrair o cão.

COMO FURTAM

— Ainda não relatamos o modo de *trabalho* do chamado larápio de bôlso, mais conhecido por *batedor de carteira* — disse o sr. Soares Passos depois de acender um cigarro.

Com dois dedos vai aos poucos puxando o forro do bôlso até vir à tona o conteúdo. Se a pessoa fôr alta o malandro fica nas pontas dos pés. A operação pelo esbarro efetua-se a dois. O indivíduo vem por uma rua. Um dos meliantes, tomando a direita, bate-lhe no ombro.

(Cont. na pág. 43)



A CENTRAL do Brasil, com seus trens superlotados, torna-se o ponto preferido pelos amigos do alheio. Por isso, muitos passageiros não trazem consigo objetos de valor. Também nos ônibus, principalmente no número 10 — que faz o percurso do aeroporto à Praça Mauá — que já foi apelidado pelos cariocas — PEGA LADRAO, tais são as batidas efetuadas pelos larápios.

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — DE QUEM É ESTA FRASE: «LABOR OMNIA VINCIT»:
De Virgílio?
Dos Evangelhos?
Do Talmud?

2 — QUE SIGNIFICA ESTILO LACÔNICO:
Enfadonho?
Breve?
Lírico?

3 — QUAL O HOMEM DE LETRAS DO BRASIL QUE TINHA ÊSTES SOBRENOMES: MAXIMILIANO PIMENTA:
José Veríssimo?
Carlos de Laet?
Tobias Barreto?

4 — QUE NOME TEM O TANQUE EM QUE SE PISAM UVAS PARA FAZER VINHO:
Lagar?
Rotunda?
Trincheira?

5 — LAMPREIA É:
Peixe?
Cobra?
Pássaro?

6 — COMO SE CHAMA A CAPITAL DA PROVÍNCIA DE BUENOS AIRES, NA ARGENTINA:
Buenos Aires?
Rosário?
La Plata?

7 — COMO É A PRONÚNCIA DE «ALIBI»:
Oxítona?
Proparoxítona?
Paroxítona?

8 — A QUE FAMÍLIA BOTÂNICA PERTENCE A LARANJEIRA:
Auranciaceas?
Cucurbitáceas?
Leguminosas?

9 — A LÍNGUA LATINA ERA:
Língua pura?
Dialeto itálico?
Ou dialeto germânico?

10 — QUE É «LAUDÊMIO»:
Espécie de oração?
Discurso elogiativo?
Imposto foreiro sôbre imóveis?

11 — QUE QUER DIZER «LAURO»:
Rico?
Sábio?
Louro?

12 — QUE NOME TEM A MATÉRIA EM FUSÃO EXPELIDA PELOS VULCÕES:
Lava?
Sucata?
Hipnoses?

13 — DÊSTES VOCÁBULOS QUAL O SINÔNIMO DE LAVATÓRIO:
Patena?
Pia?
Lavabo?

14 — QUE SIGNIFICA LEGISTA:
Andarilho?
Conhecedor das leis?
Medidor de léguas?

15 — QUE OUTRO NOME TEM A LITOSFERA:
Argonal?
Siderite?
Sial?

16 — QUE NOME SE DÁ À DISTÂNCIA RELATIVA DOS PLANÊTAS AO SOL, TENDO A TERRA COMO REFERÊNCIA:
Sinegética?
Equipolente?
Lei de Bode?

17 — QUAL O NOME VULGAR DO CARBONATO DE COBRE HIDRATADO:
Azinhavre?
Ferrugem?
Líquem?

18 — DE QUE ESTADO ERA NATURAL O CHEFE DA REVOLUÇÃO PERNAMBUCANA DE 1817, DOMINGOS JOSÉ MARTINS:
Bahia?
Alagoas?
Espírito Santo?

19 — QUAL A CAPITAL BRASILEIRA QUE JÁ SE CHAMOU VILA REAL DA PRAIA GRANDE:
Vitória?
Niterói?
Pôrto Alegre?

20 — QUAL O NOME POR QUE É TAMBÉM CONHECIDO ZARATRUSTA:
Zendavesta?
Zoroastro?
Hierofante?

(Respostas na página 58)

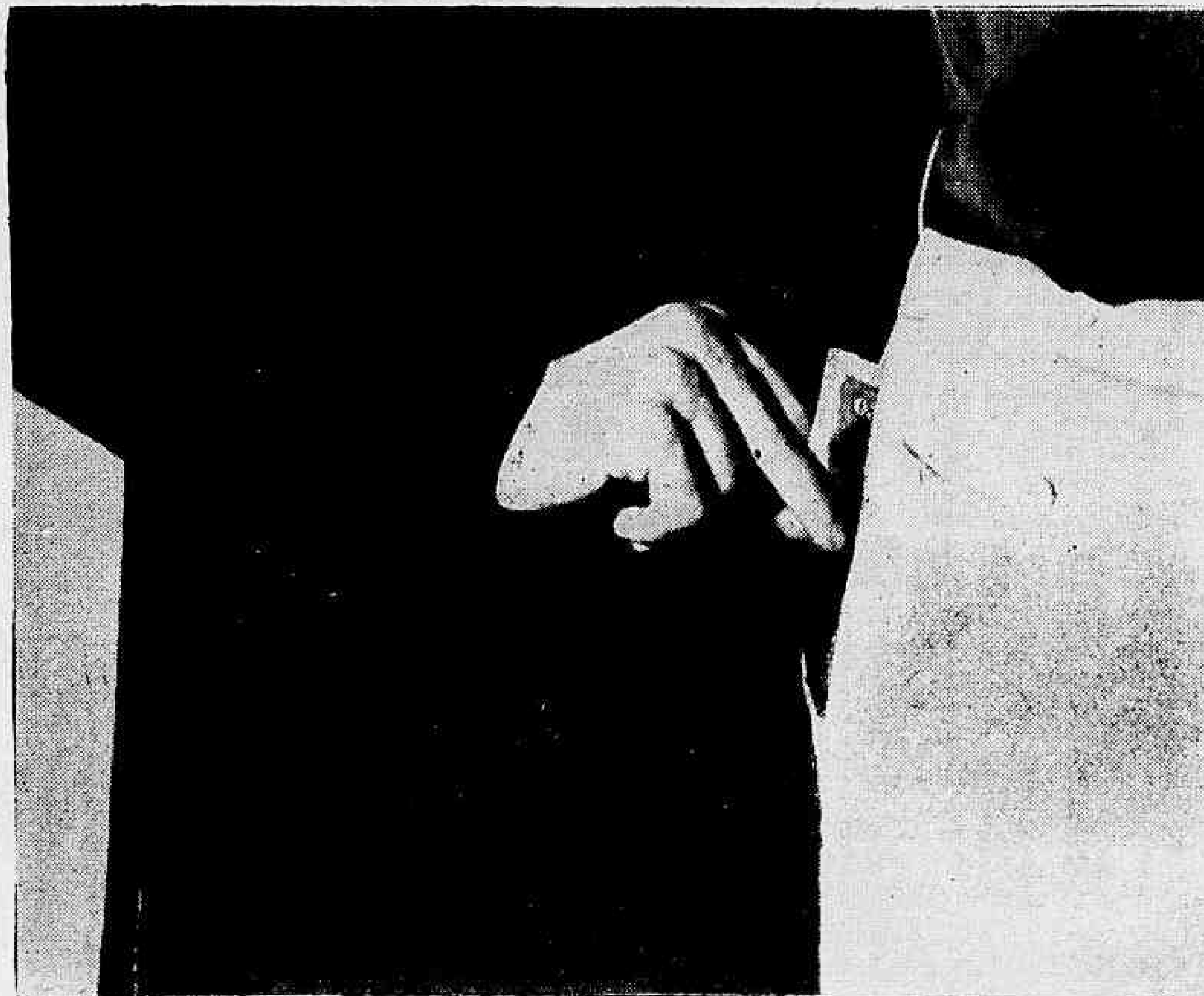
COMO SE BATE UMA CARTEIRA



ESTAÇÃO DAS BARCAS, ponto preferido pelos batedores de carteira e vigaristas. Por aí chegam os otários que vêm do Estado do Rio, inclusive de Niterói. E' um lugar que devia ser melhor policiado.



GALERIA DOS PUNGUISTAS. O leitor, talvez já tenha sido vítima de algum dêsses malandros. Mas, em verdade, é muito difícil identificá-lo assim numa «vista d'olhos». Entretanto, há policiais tão experimentados que lhes bastam rápida descrição para identificar qualquer gatuno.



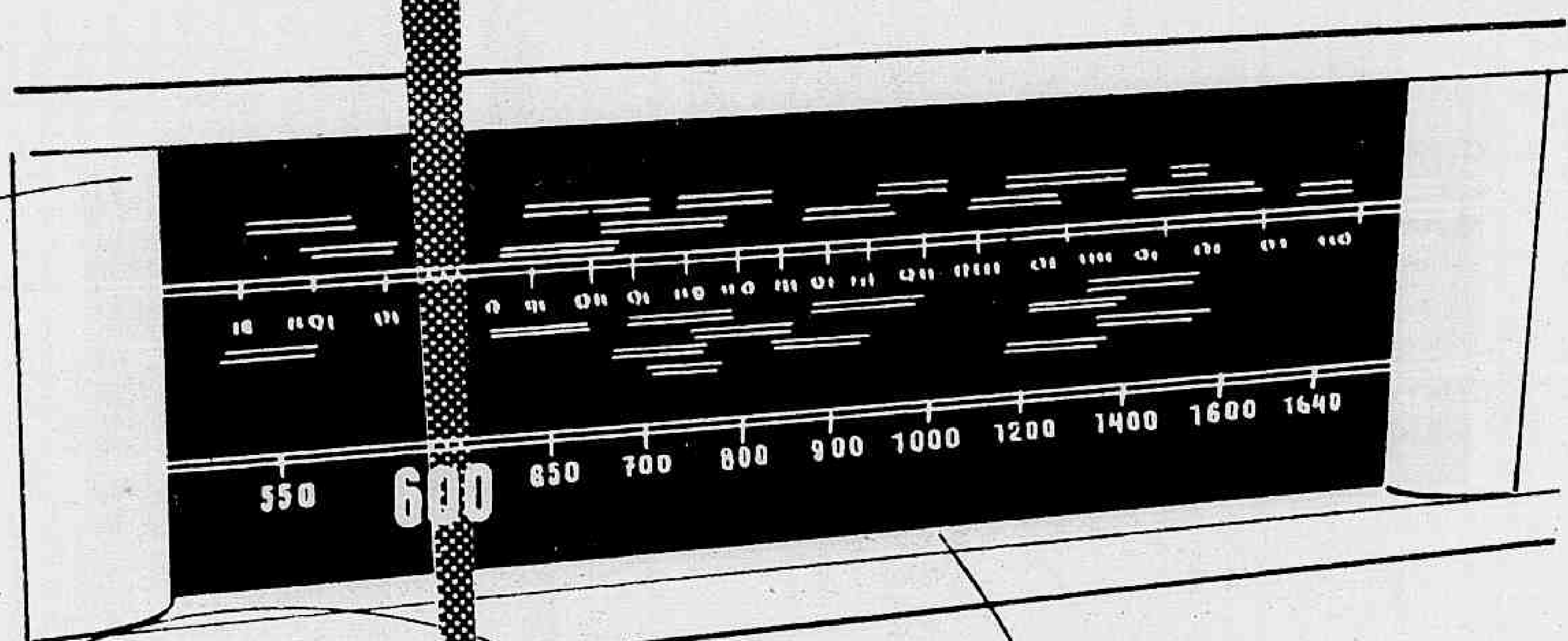
PUNGUISTA DE FATO é aquêle que rouba o dinheiro e deixa a carteira, tal qual está fazendo êste profissional. Os que ainda não têm tal prática costumam devolver depois os documentos das suas vítimas.

VOCÊ PODERÁ OUVIR A

Farroupilha

EM QUALQUER LUGAR DO

Brasil...



...logo no início do dial





PRH2 | RADIO FARROUPILHA

ORGÃO DOS DIARIOS ASSOCIADOS RUA DOS ANDRADAS, 1137 - PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL

HAMLET EM FAMILIA



O AMOR que surgiu nos fascínios da Arte. Tudo assim simbòlicamente maiúsculo. Êle — Sérgio Cardoso, uma das maiores revelações do teatro brasileiro dêstes últimos tempos; ela — Nydia, alma delicada, culta e inteligente, dedicada as glórias e segrêdos da mesma Ar'e. Viram-se, trabalharam juntos, amaram-se e se uniram para tôda a existência.

O ROMANCE SÉRGIO CARDOSO-NYDIA LÍCIA



UM «CLOSE-UP» de Sérgio Cardoso, em cujos traços fisionômicos se percebem os reflexos do seu talento dramático

ÊLE DESPREZOU TEMÍS POR MELPÔMENES E BEVILÁQUA POR SHAKESPEARE — ELA NASCEU EM TRIESTE E FEZ-SE ARTISTA EM S. PAULO — AFINIDADES NO PALCO E NA VIDA PARTICULAR. —

JOÃO ALVARENGA
(Fotos de V. de H.)

UMA visita a S. Paulo nos colocou diante de uma das maiores vocações para o teatro de Arte, o grande teatro de que tanto precisa o nosso país, Sérgio Cardoso. Paraense de nascimento, êsse gènio de inspiração artistica, alma nascida para o palco, menino ainda, veio para o Rio e aqui fèz o seu curso juridico, de acôrdo com a vontade de sua familia.

Ser bacharel é, neste pais, alguma coisa de imprescindivel e tentador. Os homens que recebem grau em Direito, mesmo que não sigam a carreira da advocacia, inspiram respeito e estão amparados em variadissimas pretensões na seara da administrçåo pública, da diplomacia, das letras e das provas em concursos. Èsse conceito do doutor é velho, e nos veio através de Coimbra, quando os nossos avós mandavam estudar lá pela Europa os seus netinhos e filhos aristocráticos.

Criado o curso juridico de Olinda, embora tudo ainda muito envolto em brumas de direitos canônicos e interpretações reinós, com os ranços de ordenações de soberanos enfatuados, ser bacharel no Brasil constituia a mais alta distinção para uma familia, além da carreira sacerdotal e das comendas do Imperador. Mas, a mocidade



NYDIA, a jovem que venceu as resistências de Sérgio e o fez realizar o mais belo romance de sua vida: casaram-se.



EM CADA PEÇA, um tipo diferente, uma figura nova. Aqui está Sérgio em "A Importância de ser Prudente", de Oscar Wilde. Nada de Hamlet nem de "Seis personagens"...

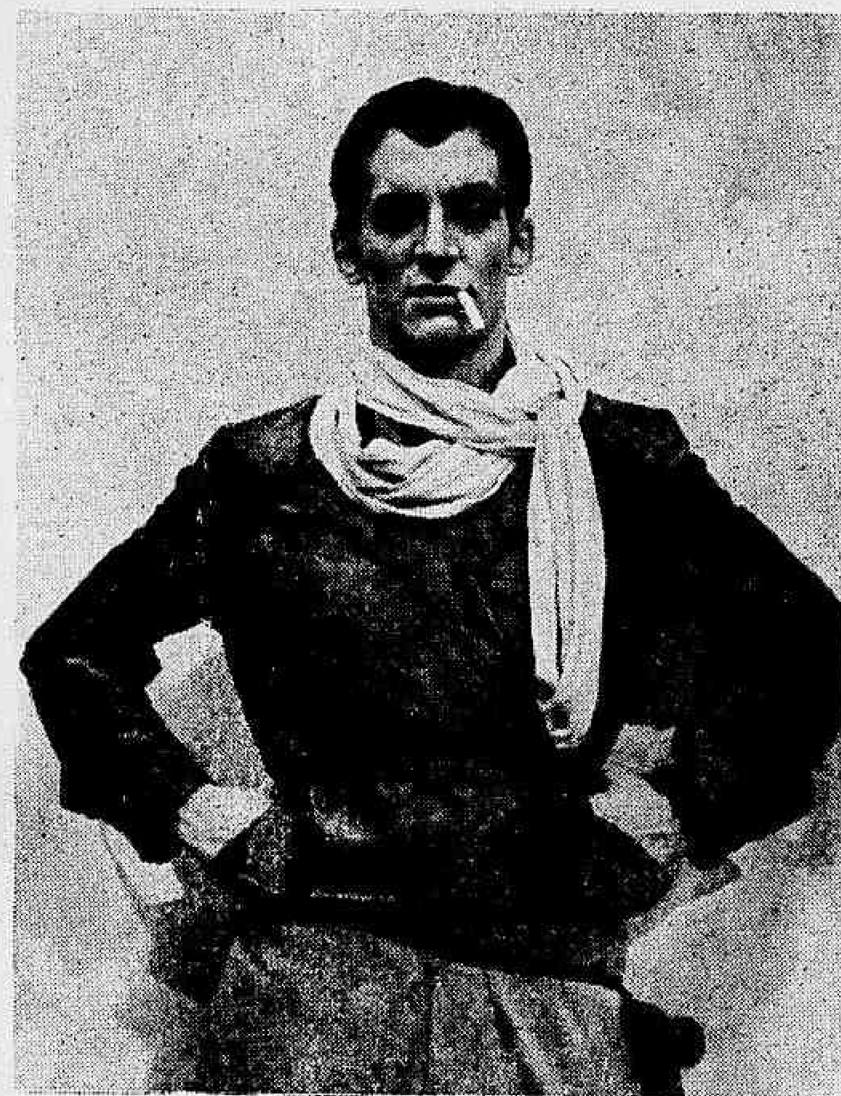


UMA CENA doméstica: Sérgio em busca de um livro para mostrá-lo à espôsa. Não o teria emprestado?

HAMLET EM FAMÍLIA



E' POLIMORFO o talento artístico de Sérgio Cardoso. Aqui o vemos na interpretação de «Pedido de Casamento».



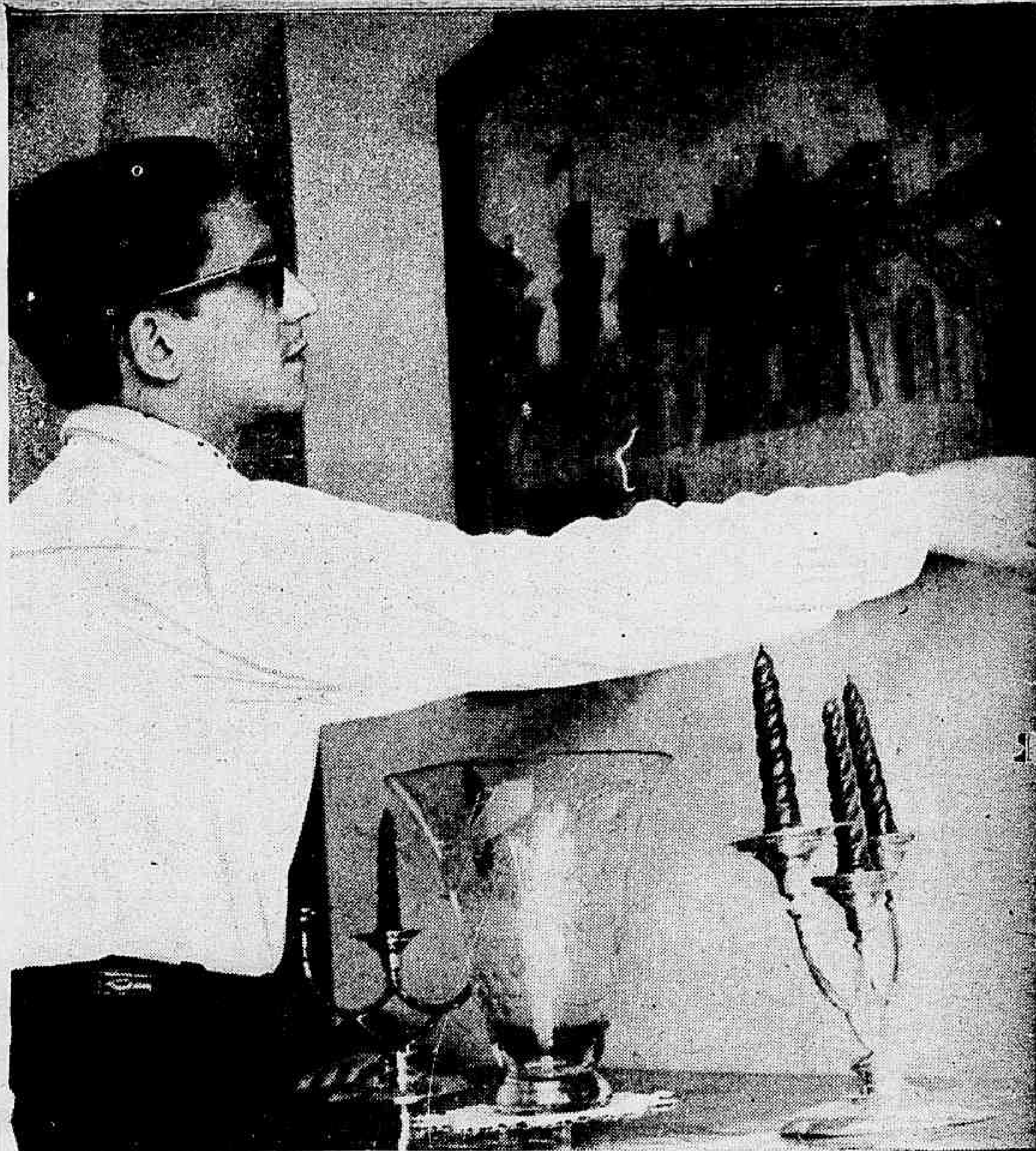
E ÊSTE? E' o mesmo Sérgio, já agora interpretando «Ronda dos Malandros», de John Gay, direção de R. Jacobbi.



Em «O homem da flor na boca», de Pirandello, direção de Ziembisky, Sérgio mais uma vez reafirmou seus talentos.



E TAMBÉM gosta dos bons quitudes «à lá Belém». Embora sem o assaí, o tucupi e outros ingredientes do seu Pará distante, êle muito aprecia o tempero da mulherzinha gentil.



SÉRGIO CARDOSO não é sòmente um gênio dramático e mestre da alta comédia. E' um espírito culto, amante das artes plásticas e um apaixonado pelo confôrto e beleza do lar.

brasileira dos tempos atômicos e da televisão já não pensa assim. Ser doutor nisso ou naquilo se tornou vulgar,e, com as facilidades contemporâneas, também os filhos do pobre poderão adquirir seus cursos superiores.

Sérgio Cardoso saiu da Faculdade de Direito da Universidade Nacional, com as mais altas notas e os mais merecidos louvores. Colegas e mestres lhe reconheciam talento, aptidão para o exercício da advocacia, possibilidades infinitas de triunfar no "Fôrum" da rua D. Manuel; mas êsse jovem situava-se agora num dilema shakespereano: "To be or not to be".

Que deveria ser, afinal? Advogado ou ator? Saia êle da Faculdade com seu diploma e seu anel, e, duas semanas depois tomava parte numa peça de Shakespeare interpretando o papel de Hamlet! Foi a conta: vencendo as oposições de sua família, caiu Sérgio nos braços de Melpômene e, a seguir, aderindo à encantadora Thalia, as duas Musas de seus sonhos de jovem.

Do Rio excursionou êle a S. Paulo. Era uma das mais impressionantes figuras do Teatro do Estudante e já os seus talentos despertavam os aplausos do público e dos colegas. Foi na capital bandeirante que o panorama da vida de Sérgio tomou outra feição: surgiu um romance...

Moderno Orfeu sem argonautas, não pôde deixar de render-se às seduções de sua Euridice. Surgiu diante de seus olhos uma criaturinha delicada, culta e inteligente: Nydia Licia. Seu nome, com a predominância vocálica dos ii, forçou o já hoje grande Sérgio a botar mesmo os pontos nos ii e definir-se de uma vez em sua carreira pelas largas estradas da Arte cênica.

Era êle o "Hamlet", que tantas palmas arrebatava do público e ocupava colunas nos jornais de lá e do Rio, surpreendendo os críticos. O gênio dramático, o trágico à Shakespeare, mostrava-se a inclinação insuperável de Sérgio. E êle se empolgou tanto pelo teatro que verificou ser impossível retroceder à seara de Themis. Agora e sempre, seria um discípulo de Thais e de Melpômene; aos tratados de Bevilacqua e Teixeira de Freitas, preferia os ensaios sôbre Sófocles, e Euripeses. O século de Péricles o empolgava mais do que as pandectas romanas. Era uma vocação incoercível para a Arte dramática.

Nydia ficou enfeitiçada por aquêle artista em plena fulguração de sua florescência espiritual. Seu porte elegante, os traços fisionômicos de um guerreiro de Hélade e a pureza de sentimentos e de elocução de um ático, completaram o sonho de amor e venturas de Nydia. Naquela ocasião, era Nydia assistente do professor Bardi, do Museu

(Cont. na pág. 41)



DEPOIS DOS TRABALHOS e dos estudos, ambos se entregam à delicada convivência doméstica. Ela dedilha ao violão as canções mais lindas, enquanto êle a ouve embevecido e achando que Ulisses foi um tolo quando não se deixou dominar pelas sereias do mar Egeu, naquele recanto épico e romântico do gênio imortal de Homero. Não havia violão...

AS IRREVERÊNCIAS DE CUPIDO

NOVELA DE LYSA CASTRO

DESDE sua adolescência, quando começara a olhar as garôtas de sua idade com certo prazer, que Fred se mostrara um perfeito D. Juan. Jamais se contentava com uma só namorada e não raro havia conflito entre as que o disputavam. Efetivamente Fred era um soberbo rapazinho, prometendo melhorar mais ainda para o futuro. Conquanto as mamãs das moças casadouras procurassem cativar tão grande "partido" para suas filhinhas, Fred conservara-se invulnerável até à idade de vinte e cinco anos, quando, contrariando a tôdas as moças do bairro apaixonou-se por uma jovem ali chegada recentemente com sua família. Como sói acontecer na vida de cada um, essa foi a primeira paixão ao recalcitrante rapaz e como tal, veio de um modo absorvente, enleando-o seguramente nas malhas macias e perigosas de Cupido.

Sally era o nome do objeto de seu amor. Jovem de vinte anos, loura e de feições rigorosamente modeladas, corpo absolutamente perfeito como a estética o exige. Sally além do mais, era sedutora e coquette como uma verdadeira "vamp". Para Fred, rapaz habituado com a simplicidade de suas colegas, a recém-chegada era como a luz para a mariposa. Não se passava muitos meses e o casamento estava em vias de ser marcado, quando Sally lhe contou a novidade:

— Vamos deixar a cidade, Fred. Papai recebeu uma carta chamando-o ao Canadá onde deverá receber uma herança. Imagine: meio milhão de dólares!

— Por que você não fica para realizarmos o casamento? Depois poderemos seguir... ou nos casarmos antes que vocês partam.

— Devemos partir ainda esta semana. Papai tem urgência e eu... você compreende... quero estar presente quando êle receber o dinheiro. Mas fique tranqüilo — concluiu persuasiva — voltarei para casar, exatamente no dia que ficar combinado. Você sabe que eu não poderia casar com mais ninguém.

Seria impossível descrever o que se passava na alma do rapaz. Revolta, ciúme, desespêro, ódio e amor, tudo num tumulto desordenado. Pensou em suicídio, em matá-la, mas acabou habituando-se com a idéia da separação. E sally viajou. Foram de reclusão os primeiros meses de ausência de sua noiva. Fred não visitava ninguém e nem aparecia no clube local. Esperava ansiosamente que Sally escrevesse dando-lhe o endereço, mas os dias, as semanas e os meses passavam sem que o correio lhe entregasse um só carta. Desesperado, Fred passou a freqüentar lugares escusos onde bebia o mais ordinário uísque, chegando em casa inteiramente embriagado, para desespêro de sua família. Fazia já um ano que Sally desaparecera tão prontamente quanto quando ali chegara e o coração de Fred continuava despedaçado. Em vão seus pais tentaram fazê-lo interessar-se por outras moças que por seu lado também procuravam conquistar o rapaz. Em desespêro de causa, a família resolveu mudar para uma cidade vizinha. Longe daquele ambiente que tantas recordações lhe trazia de Sally, Fred sentou-se reviver e passou a olhar as jovens do lugar com alguma atenção, embora não sentisse pròpriamente interêsse por conquistar qualquer delas. Mas estava escrito que o rapaz encontraria alguém que, embora sem o conquistar, seria, pelo menos, conquistada por êle. E foi assim, que, alguns meses depois Frederic Sherman e Norma Duran eram declarados marido e mulher. Para a jovem Norma, foi uma felicidade êsse casamento, porque não pudera resistir a atração dêsse rapaz tão belo no porte, gentil nas maneiras e com um ar de infeliz. Ambos foram residir em uma cidade vizinha onde Fred se estabelecera no período de sua decepção amorosa.

Com o passar do tempo, Fred acabou por habituar-se com a companhia de Norma, que por seu turno procurava dar-lhe todo o confôrto moral de que êle necessitava. Cinco anos já, dêsse viver tranqüilo e embora não amando e nem procurando amar a espôsa, Fred mantinha-se absolutamente fiel, isto é, salvo algumas pequenas aventuras sem conseqüência com uma ou outra de suas secretárias mais expansivas.

Norma não tinha, enfim, do que se queixar, até o dia em que...

— Fred... — Aquela voz jamais esquecida e agora tão rica de harmonia, como que atirou o rapaz a muitos anos atrás .

— Sally! — Envolta em luxuosa "toilette", a jovem fugitiva do amor de Fred ali estava plena de sedução. Maravilhoso era o sorriso que entreabria os lábios ligeiramente carminados de Sally. Irresistível era o seu olhar castanho.

— Que foi feito de você, meu amigo?

— Eu é que lhe pergunto. Por que desapareceu e nem sequer me escreveu?

— Eu escrevi, sim. Mamãe se encarregava de enviar as cartas. Soube depois que ela jamais o fizera. Pretendiam casar-me com algum milionário, agora que a fortuna nos visitava.

— E você... encontrou êsse milionário?

— Encontrei. Mas não se preocupe. Agora sou uma mulher divorciada. E você? Naturalmente ainda está solteiro, à minha espera...

— Engana-se. Casei-me com uma jovem... que não se parece com você. E' menos elegante...

— Você a ama?

— Não seja irônica. Como amar alguém depois de conhecê-la? Mas precisamos conversar muito. Quer jantar comigo?

— Aceito. Não tenho mesmo nada para fazer...

A partir daquele dia a vida de Norma mudou inteiramente. Seu marido raramente vinha almoçar e jamais jantava em casa. Sofrendo em silêncio, a jovem esperara resignada que Fred voltasse ao bom caminho, mas isso estava bem longe de acontecer. Desesperada com a situação, Norma, resolveu esperá-lo na sala, naquela noite, indiferente à hora em que chegasse. Quando ouviu o ruído da chave ergueu-se e ficou erecta, absolutamente firme, esperando o infiel:

— De pé? Por que não está dormindo? — Perguntou contrafeito.

— Estava à sua espera, Fred. Precisamos resolver a nossa situação que está insustentável.

— Acredito que nada há de anormal. Poderemos continuar assim indefinidamente. Falta-lhe alguma coisa?

— Tudo. Não pense que ter casa e comida é o suficiente para uma espôsa, principalmente quando esta ama o marido. Não tenho merecido de sua parte um só olhar, um gesto de atenção e isto não pode continuar. Se você acha que não se pode modificar, peço-lhe que se mude desta casa até que o divórcio seja concedido e então eu voltarei para a casa de minha família.

Fred ficou esmagado pelo imprevisto. Jamais pensara em divórcio. Norma, afinal, não lhe dava nenhum trabalho. Pensara em viver eternamente assim. Casado com Norma e amando Sally. Diante da irredutibilidade da espôsa, Fred não via outra alternativa, pois estava demasiado ligado a Sally, não só pelo arrebatamento do seu antigo amor, ou melhor, pelo arrebatamento de sua paixão como pelo ardor inesperado que a moça vinha mostrando. Já no dia seguinte seus objetos pessoais eram transportados para um apartamento de hotel

(Cont. na pág. 42)





MONSIEUR FATH é um dos muitos costureiros e modistas de Paris. Mas sua glória não seria possível sem que as midinettes francesas lhe dessem todo o apoio e solidariedade. Por isso, no dia do «Carnaval das Midinettes» de Paris, há dessas alegrias nas comidas e bebidas «Chez-Fath», e elas se divertem à larga, bebendo taças de champanha.

O CARNAVAL DAS "MIDINETTES"

LOUIS WIZNITZER

NÃO é em tôda parte que se pode ter um carnaval carioca. Conforme as suas tradições, o seu espírito, as suas preocupações do momento, cada país festeja um carnaval mais ou menos entusiástico. Assim, êste ano, as Midinettes parisienses caíram alegremente na folia. Midinettes são aquelas encantadoras moças que fazem a moda. Elas costuram, passam, criam e vendem os vestidos que são enviados aos quatro cantos do mundo. Saias, peles, casacos são tratados pelas suas mãos leves e mágicas. Ganham pouco e trabalham muito. Mas constituem um artesanato que na França é tão antigo e tão importante como o da tapeçaria ou da porcelana. A França irradia pelo mundo a elegância, o bom gôsto, a preocupação do "rafinnement" individual. Os grandes nomes de Dior, Fath, Balmain, Sciaparelli, escondem na realidade o trabalho paciente, anônimo, das Midinettes. Nem sempre são bonitas. Mas nunca lhe falta "charme" nem vontade de se divertir. Na hora do carnaval, é para elas... As oficinas de costura, os salões de desfile dos modelos, os escritórios da administração se enchem de alegres gritos, de confetes, de fantasias, de garrafas de champagne. Os namorados são convidados à festa, e como vocês sabem, cada um tem pelo menos um namorado e vários fãs. As vendedoras chefes, aos patrões, só resta se inclinar, participar da festa



COMO SUCEDEU entre as auxiliares de Mr. Fath, também as costureirinhas do famoso Diot, o ditador da moda feminina, se entregaram à farra em memória ao seu dia, isto é, ao dia delas. Vejam com que entusiasmo Mlle. Suzanne abriu o armário onde são guardados os modelos e foi escolher um para envergá-lo sem nenhum remorso. Mas não viu o fotógrafo...



«CHEZ SCIAPARELLI» elas desceram à «cave e se esbaldaram com fantasias e champanha batizando o «peché»



MICHELINE, de Maggy-Rouff fez tanto banzé que parou no distrito; mas a midinette é sagaz e dominou o «inimigo»

ou então ficar em casa (o que raramente fazem).

As vêzes êsse povo alegre se fantasia à Luis XIV; são oferecidos festins de batatas fritas e de vinho branco, são organizados concursos de beleza. Lanvin, Molyneux, Patou, tantos outros célebres costureiros rivalizam no dia de carnaval, mas desta vez, pela alegria e folia.

Infelizmente, o carnaval em Paris é só de um dia. E' um parente pobre e magrinho do carnaval carioca; ouviu falar do seu primo e pretende um dia visitá-lo, para se misturar aos foliões da Praça 11 e do Municipal. Por enquanto, o carnaval das Midinettes de Paris encontra todos os anos o seu dia de triunfo: desejamos que assim continue.

Nestas páginas apresentamos vários aspectos do carnaval das costureirinhas parisienses.



ESTA MIDINETTE se chama Manon. É uma criaturinha delicada e possui qualidades artís ticas. Trabalha no «Chez Carven», outro que impõe a moda elegante para a parisiense e para o mundo. Caindo na festa, Manon cantou velhas canções de sua terra e até sambas brasilei ros e a marchinha de nosso último Carnaval: «Tomara que chova» E... choveu «champagne».

Elas, se viessem ao Rio, redobrariam de entusiasmo e de alegria, pois que aqui, ao contrário do que se dá lá fora, não se brinca o carnaval excitado pelos vinhos capitosos ou mesmo pelas bebidas fortes. Isso é até proibido pelas autoridades policiais...

O carnaval carioca é um imperativo humano. Êle ajuda a esquecer as máguas dos 365 dias anteriores e cada qual se diverte como quiser, contanto, é claro, que não atente contra a moral pública. Se as Midinettes dos grandes costureiros de Paris viessem ao Rio para o tríduo de Momo, sem contar com o sábado "gordo", elas não desejariam outra vida, e, talvez nem voltassem à capital da França.

Vemos que essas moças são da alegria e do bom viver. A cena que nos mostra uma delas sentada no distrito policial, cercada de solda-



NO DIA seguinte, ei-las novamente no «batente». E muitas cortam a fazenda e vão cortando a «casaca» das outras.



ROSALIE, de Manguin, traiu as companheiras quando o namorado a convenceu de que o melhor era irem passear...



O CARNAVAL DAS "MIDINETTES"



O MANEQUIM Lucky, entre serpentinas, prepara-se para o concu
ça à moderna, mesmo vestida como as avozinhas dos tempos de L
festança das costureiras de Paris foi a «conversão de Madam
do tem medo dela, pois é severa e enérgica como um general alemã

dos, é ilustrativa. Em lugar de estar a lamentar-se, a limpar o nariz com o seu lencinho de cambraia, essa jovem atraente e alegre oferece champagne aos seus "algozes" e os converte às alegrias carnavalescas.

Mocidade é sinônimo de vida. Quem é velho gosta de uma farrinha, de quando em quando, quanto mais quem está na bela quadra dos amores, dos romances e dos sonhos. Passar a vida inteira a costurar para terceiros ou a exibir vestidos deslumbrantes destinados à clientela cheia da "gaita", é mesmo um ofício caceteador. Se não houver, todos os anos, um derivativo, um oásis para aplacar a aridez de





E ESTAS da Casa Dior? Depois de champanhar, foram fazer estas mágicas esperando por algum Principe Encantado

TTES"



para-se para o concurso de beleza. Em plena farra, esta midinette dan-as dos tempos de Luís XV. Entretanto a nota sensacional e emotiva da conversão de Madame Duval, a vendedora-chefe da casa Dior. Todo mun-mo um general alemão. Mas caiu na dança e quer até imitar La Miranda...





uma existência dessas, o melhor é não ter nascido...

Eis a razão por que o carioca se esbalda no Carnaval e as modistas de Paris fazem o seu à sua moda. Muitas vêzes é para esquecer, e outras, para lembrar cada vez mais. Paradoxo? Não. E' a vida. Enquanto se está entregue ao vinho, à dança, à folia esfusiante, nosso espírito descansa das permanentes preocupações de todos os dias, durante anos a fio.

Vem um carnaval, seja qual fôr, e a gente cai na farra, brinca, canta, grita, esperneia, veste fantasias, diz pilhérias, pinta a manta. Depois... tudo volta ao normal e, de tudo isso muitas vêzes só fica mesmo a saudade...

★

QUE IDÍLIO Charlotte, costureira de Belenciaga, ouve palavras de amor de Lucien, palavras amorosas de Carnaval...

DESEJO

DEBRUÇADOS à amurada, ficamos a olhar os banhistas que deixavam a praia. Havia lentidão nos gestos daquela gente que há pouco se agitava, pulando na água, sem canseira. Moviam-se todos agora, sem pressa, como a querer retardar o mais possível o momento de virar as costas ao mar. O crepúsculo, baixando, expulsava-os da extensa faixa de areia, recurva e branca, onde as coisas começavam a se tornar imprecisas à luz difusa. Ao longe um farol deixava perceber os primeiros lampejos regulares, isócronos, fatais.

— Sempre que olho o mar — disse eu, para quebrar o silêncio, e mentindo, porque na verdade tal idéia só naquele instante me ocorrera — sempre que olho o mar, e o vejo assim, a se atirar sôfrego e inùtilmente sôbre a areia, tenho a sensação de ter ante os olhos a mais perfeita imagem do desejo...

Ivone nada disse. Voltou, apenas, o rosto para mim, sorriu e ergueu, de modo irônico, as sobrancelhas, num gesto a que eu desde muito me habituara e que sabia muito bem como interpretar.

— A comparação nada tem de novo, original ou brilhante — continuei. — Mas é tão exata!... Veja aquelas ondas. Surgem de um nada, de um simples arrepio de superfície. Avolumam-se, crescem, encristam-se e avançam num derrame impetuoso sôbre a praia, que as recebe indiferente... Há um que de desvairo, de loucura, na impetuosidade daquele anseio de posse que se eterniza e repete, há milênios, em vão, em tôdas as praias do mundo... E essa loucura teimosa, cega, bela e trágica, que lembra, senão o desejo?

Pusemo-nos a andar lentamente pelo cais de pedra. O silêncio de Ivone pareceu-me sinal de desacôrdo, e eu insisti:

— Você nada diz; por que? Naturalmente não aprova a comparação... Já notei que vocês, mulheres, não gostam dêsse vocábulo. Parece que atribuem à palavra **desejo** um sentido imoral. Se sabem que um homem as deseja, embora ìntimamente isso as lisonjeie, mostram-se ofendidas... Só há um caso em que a mulher recebe sem ofensa o desejo de um homem: quando o deseja também...

— Não é que eu desaprove suas idéias e... suas blagues — disse ela, por fim.

— Então?...

— Estava apenas recordando.

— Alguém a quem tenha inspirado, alguma vez, tal sentimento?

— Apenas uma história de que fui, infelizmente, testemunha, e na qual pude ver que o desejo e a loucura, realmente, são irmãos...

— Deve ser curiosa!

— Julgue-a por si. Eu a conto.

E, enquanto caminhávamos rumo ao Hotel, começou a contar.

— Não sei se já lhe disse, alguma vez, que fui forçado, há alguns anos, a passar longa temporada nas montanhas. Andava muito fraca e os médicos a que minha família me levou foram de opinião que uma estada em outro clima me faria bem.

Meu pai, através de amigos, conseguiu localizar uma família que, a preço nada pequeno, recebia hóspedes, "pensionistas" nas minhas condições. Não aceitava "doentes", mas apenas "propensos" e "candidatos". E para lá fui despachada...

Os primeiros dias foram amargos e dolorosos. Sofri terrìvelmente! Basta que lhe diga que o meu sofrimento era tão grande que eu pedia a Deus que me agravasse o mal, em vez de curá-lo, que me tirasse a saúde e me matasse de uma vez.

Depois, habituei-me. Fui fazendo relações entre os hóspedes — apenas moças e senhoras — e embora ainda sentisse enormes saudades de casa, passei a sofrer menos, cheguei quase a nem sofrer. Entre as pensionistas havia uma senhora ainda moça à qual me afeiçoei. Filzemo-nos amigas. Vivíamos juntas as horas deixadas livres pelo "regime" de cura que ali cada qual recebia isoladamente do seu médico, mas que tôdas faziam extrema questão de seguir à risca. Nos passeios que dávamos, minha nova amiga me contava coisas, falava do família, dos filhos, do marido. Os filhos eram dois, já mocinhos, encarreirados nos estudos, e eram — via-se bem — seu grande orgulho e o seu maior estímulo para viver.

Cheguei a vê-los, um dia. Dois rapazes fortes, tostados do sol, alegres, bem dispostos, extravazando ternura para com aquela moça, bonita, atraente, que mais parecia, ao lado dêles, uma irmã mais velha.

Isso mesmo eu lhe disse, aliás, e fiquei sabendo que casara cêdo e que quando o mais velho lhe nascera, ela não havia ainda, completado vinte anos.

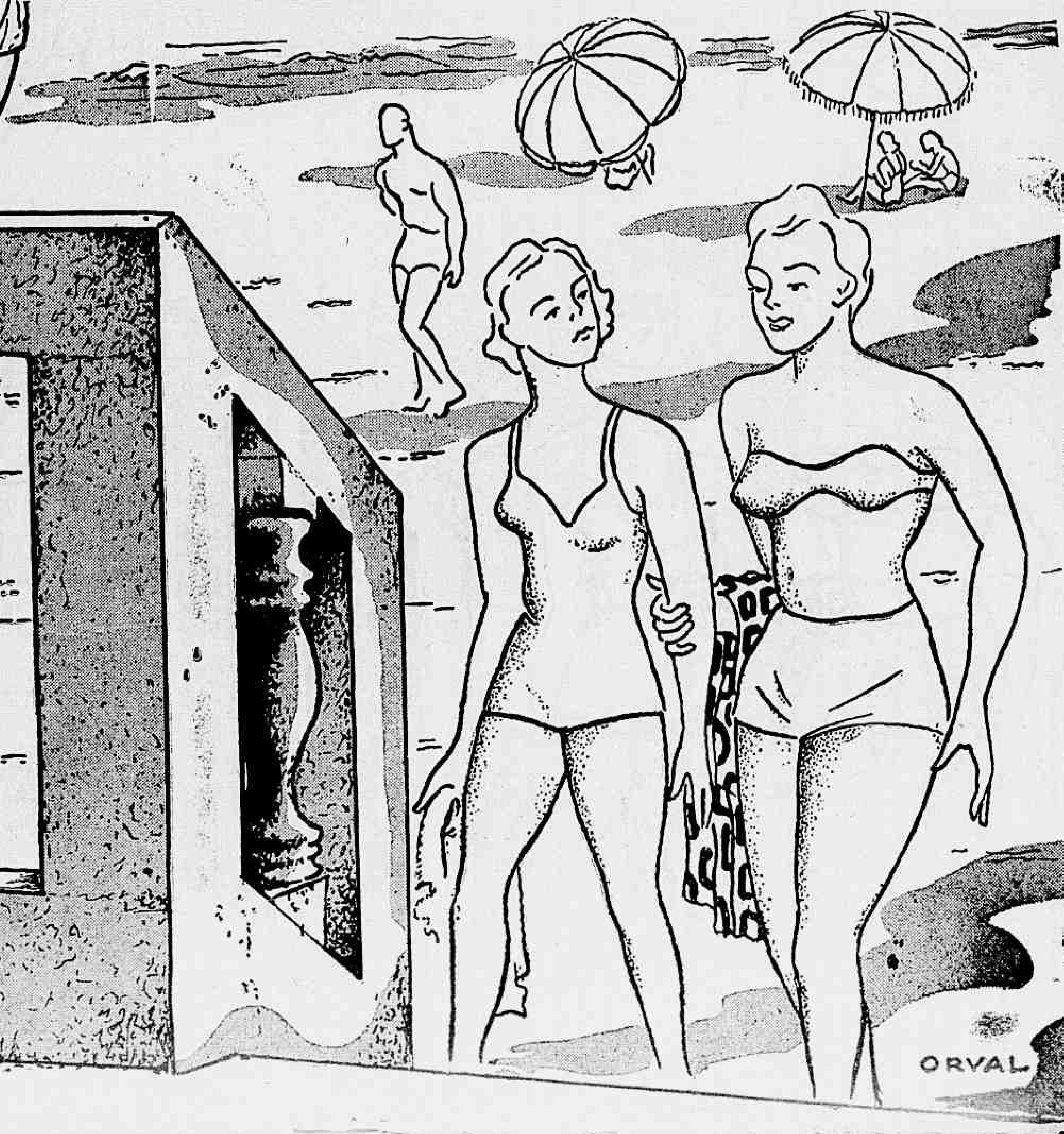
Os filhos e o marido telefonavam-lhe com freqüência, e uma tarde, depois de demorada conversa telefônica, dona Helena me pediu que a acompanhasse, no dia seguinte, à Estação.

— Vai ter visita? — indaguei, estranhando, porque o marido ou os filhos costumavam vir sempre aos domingos.

(Cont. na pág. 42)

Conto de GALVÃO DE QUEIROZ ★ Ilustração de ORVAL





DE SÃO PAULO

CINEMA PARA O BRASIL

SÃO PAULO, março — Não há nenhum propósito regionalista no surto cinematográfico que se processa neste momento aqui em São Paulo. Há, apenas, vontade de trabalhar e a coincidência de dois grandes estúdios darem andamento aos seus serviços. Quem faz uma visita à Vera Cruz, em São Bernardo do Campo (via estrada Anchieta em direção a Santos), dali sai animado e convencido de já se fazer cinema com espírito de indústria, sem subestimar o prisma artístico, em nosso país. Mas quem procura conhecer o que está sendo realizado na Maristela, no bairro de Jaçanã, não traz outra impressão. A Vera Cruz possui técnicos da categoria de Lima Barreto (que fêz «Painel», consagrado em todo o país), Adolfo Celi e Tom Payne, diretores; Oswald Haffenrichter, editor; Erik Rasmossen, engenheiro de som; Henry C. Fowle, iluminador; Nigel C. Huke e Jacques Dehenzeline, operadores; Edith Haffenrichter e Rex Ensleight, cortadores; Jerry e Valery Fletcher, maquiladores; Michael Stoll e Owe Schirm, técnicos de som. Tem ainda um «cast» que reúne entre outros, Anselmo Duarte (cedido pela Atlântida, do Rio, para fazer o protagonista de «Tico-Tico no Fubá»), e Tônia Carrero. Recentemente ambos foram ao Festival Internacional Cinematográfico de Punta del Este, no Uruguai, onde também se encontrava Alberto Cavalcânti, e foram cumulados de homenagens. Não faltou um maioral da RKO, convidando Anselmo Duarte para filmar em Hollywood, enquanto Tônia Carrero competia em interêsse, junto ao público, com as maiores sumidades dos cinemas americano e europeu.

A Maristela, cuja fundação não data de mais de sete meses, procura fazer seus filmes sem quebra de continuidade e promete dar conta de oito ainda êste ano. Os dois primeiros estão prontos, «Presença de Anita» e «Susana e o Presidente». Filmará depois, «O Comprador de Fazendas», extraído de um conto de Monteiro Lobato (com Procópio Ferreira e Henriette Morineau), «Meu Destino é Pecar» e outros «best sellers» nacionais ou estrangeiros.

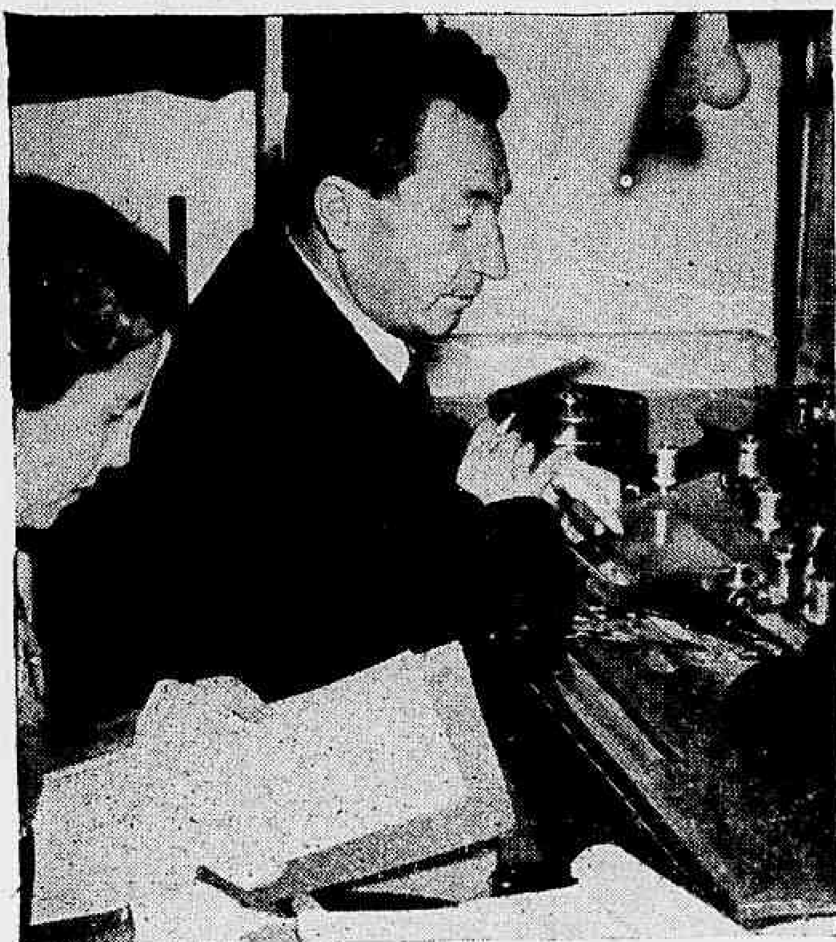
Observe o leitor que propositadamente misturamos, nestas notas impressões sôbre os dois parques industriais cinematográficos da Paulicéia. Isso porque se trata, em conjunto, de iniciativas análogas. A Maristela tem quatro bonitos palcos onde se filma com tenacidade. Nesses estúdios, os operários cujo salário é inferior a três mil cruzeiros, têm direito gratuitamente, às refeições. E os demais, pagam dez cruzeiros pelo almôço ou jantar. O «menu» é o mesmo, substancioso e variado. Devido ao grande consumo de ovos e verduras, a Maristela tem uma extensa horta em seus domínios e criação avícola para suprimento interno.

Na Vera Cruz, o equipamento técnico é da melhor qualidade. Máquinas moderníssimas, superiores a muitas com que são feitos os melhores filmes norte-americanos, aqui estão em pleno funcionamento. E técnicos hábeis, famosos alguns, manejam êsse mecanismo. Agora mesmo o editor Oswald Haffenrichter prepara-se para fazer uma viagem a Hollywood, de onde recebeu telegrama comunicando que lhe será entregue uma estatueta Oscar, como prêmio pelo seu admirável serviço de «montage» do filme de Orson Welles «O Terceiro Homem», produzido na Europa e ainda não estreado no Brasil.



ELIANA LAGE, da Vera Cruz, apareceu em «Caiçara» e posteriormente filmou «Angela». Foi proclamada a melhor intérprete do cinema nacional em 50 e veio ao Rio para receber o diploma da ABCC acompanhada de seu marido, Tom Payne

A Vera Cruz trabalha neste momento, para a filmagem de «Tico-Tico no Fubá», história inspirada na vida do compositor Zèquinha de Abreu. Quando fizemos esta visita a São Bernardo, encontramos uma turma de operários fazen-



OSWALD HAFENRICHTER, que fez a montagem de «O Terceiro Homem», está na Vera Cruz. Com êle, Lúcia Pereira de Almeida, assistente.



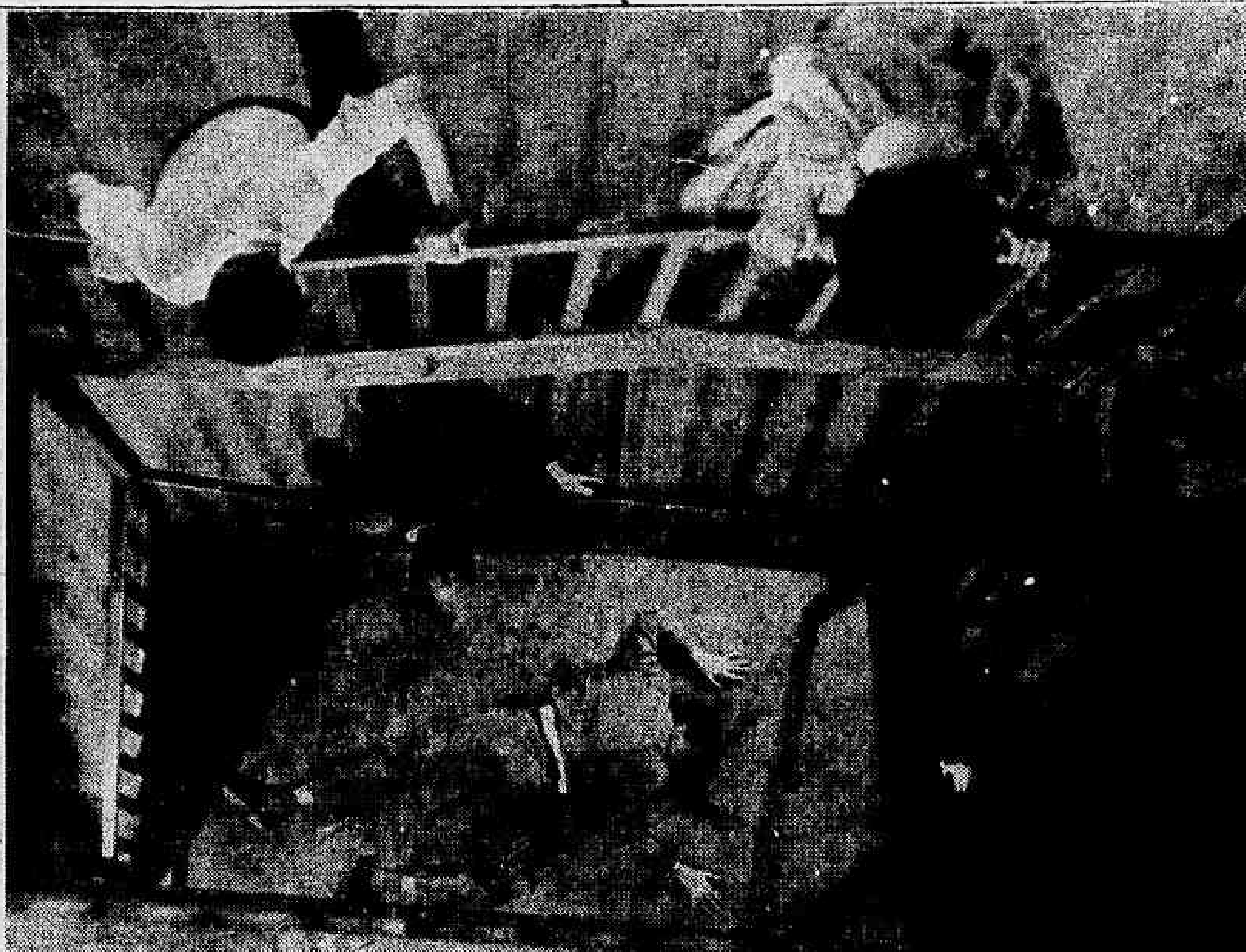
LIMA BARRETO fez o notável «Painel» (de Portinari) e agora um documentário sôbre os Apóstolos do Aleijadinho em Congonhas do Campo.



TÔNIA CARRERO ao assinar seu contrato com a Vera Cruz. Ao seu lado Franco Zampari, que também orienta o Teatro Brasileiro de Comédia.



ORLANDO VILAR e Vera Nunes, protagonistas de «Presença de Anita» com que a Maristela iniciou suas atividades. O filme andou recebendo observação da censura mas tudo foi resolvido satisfatòriamente.



OUTRA CENA de «Presença de Anita». A Maristela promete rodar oito filmes êste ano, já estando também em andamento «Suzana e o Presidente» e «Comprador de Fazendas». Produção em larga escala.



ASSIM SE trabalha em S. Paulo, onde dois estúdios produzem sem rivalidades tôlas mas com boa competição. Filmagem no «hall» do Municipal, cedido pelas autoridades para êsse empreendimento. Tempo é dinheiro, as películas tem de ser concluídas sem demora.

do em extensa área, o levantamento do que virá a ser, na película, a reconstituição da praça central de Santa Rita de Passa Quatro, onde nasceu Zèquinha de Abreu. E para viver o protagonista, dizem-nos que a Vera Cruz vai pagar cento e cinqüenta mil cruzeiros ao ator Anselmo Duarte, até aqui tendo filmado apenas na Atlântida, do Rio. Esta será a quarta produção da Vera Cruz em pouco mais de um ano. Os três anteriores filmes foram: «Caiçara», premiado nó Uruguai como o melhor nacional de 1950, «Terra é Sempre Terra» e «Angela».

O filme «Terra é Sempre Terra» constitui a versão cinematográfica da peça «Paiol Velho», representada no Teatro Brasileiro de Comédia (associado à Vera Cruz), de autoria de Abílio Pereira de Almeida, que é também um de seus intérpretes.

Fernando de Barros, conhecido homem de teatro e de cinema, está sob contrato na Vera Cruz, na qualidade de produtor, correndo sob sua responsabilidade a realização de «Tico-Tico no Fubá».

Por sua vez a Maristela se apresenta com uma organização esmerada. Em seus domínios sente-se ordem desde a oficina de carpintaria ao departamento de maquillage. E ali nos dizem que mais de doze milhões de cruzeiros estão investidos nestes seus primeiros empreendimentos.

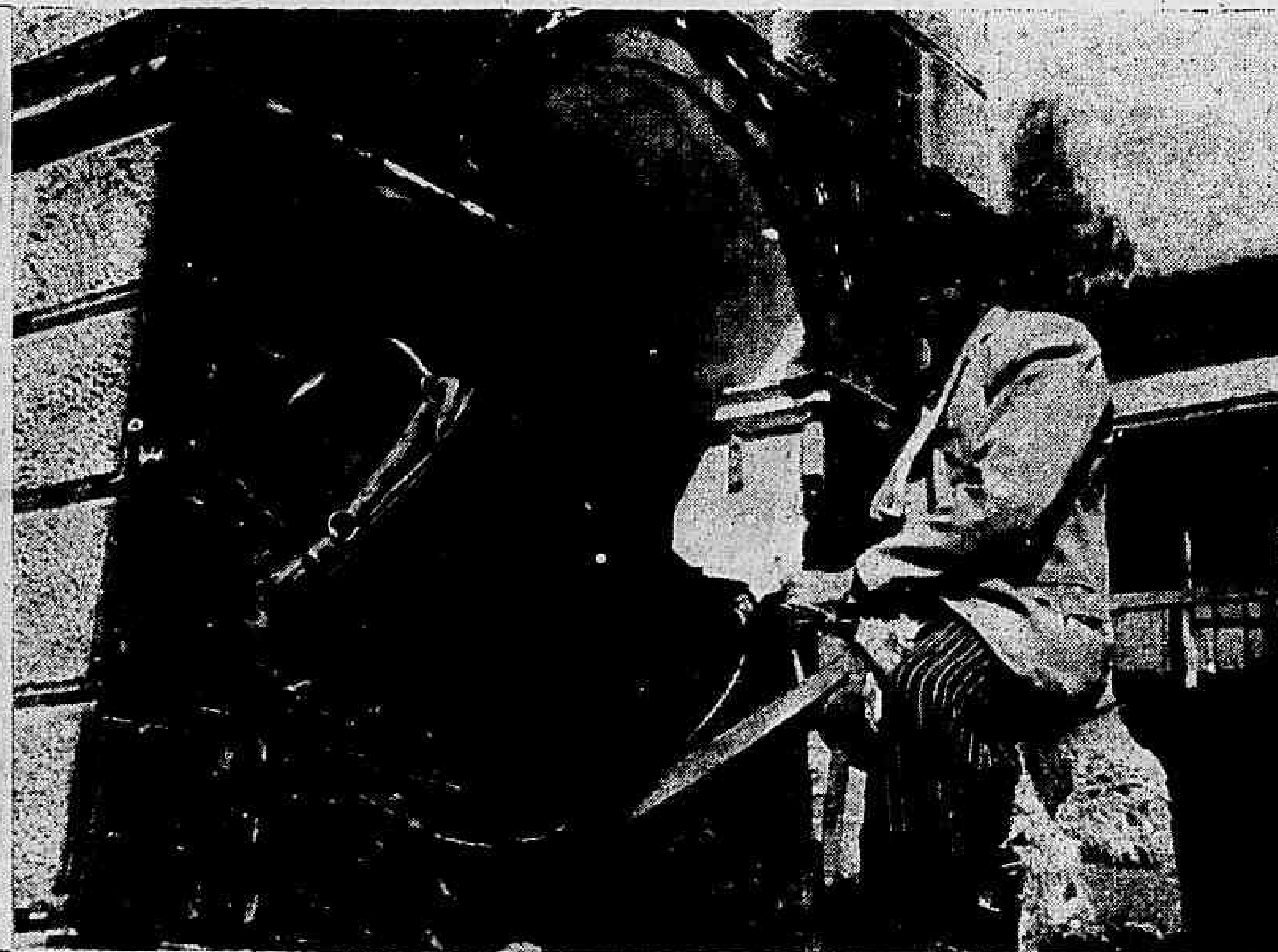
Ruggero Jaccobi é um dos diretores da Maristela. Vamos encontrá-lo a postos, nas filmagens de «Susana e o Presidente» que tem Vera Nunes e Orlando Vilar como protagonistas.

Mario Civelli, diretor geral de produção, diz-nos que tem como objetivo não só enriquecer o estúdio com técnicos estrangeiros da melhor categoria, como promover o aproveitamento audacioso dos nacionais. Alex Viany e Carlos Ortiz ali se encontram. O primeiro, um dia dêstes, viajou de caminhão, até ao Rio, para recolher flagrantes dessas costumeiras excursões, enquanto o segundo prepara «Alameda da Saudade», que êle mesmo dirigirá. E pròximamente será iniciado também «O Comprador de Fazendas», filme extraído de um conto de Monteiro Lobato com

(Cont. na pág. 41)



VERA NUNES começou na Atlântida e agora está na Maristela. Aqui a vemos em «Suzana e o Presidente», com o famoso palhaço Arrelia, que pela primeira vez muda de tipo e faz cinema com propriedade.



ABILIO PEREIRA DE ALMEIDA também estreou em «Caiçara» e agora fez «Terra é sempre terra» (Vera Cruz). A direção é de Tom Payne, produção de Cavalcanti e partitura musical de Guerra Peixe.



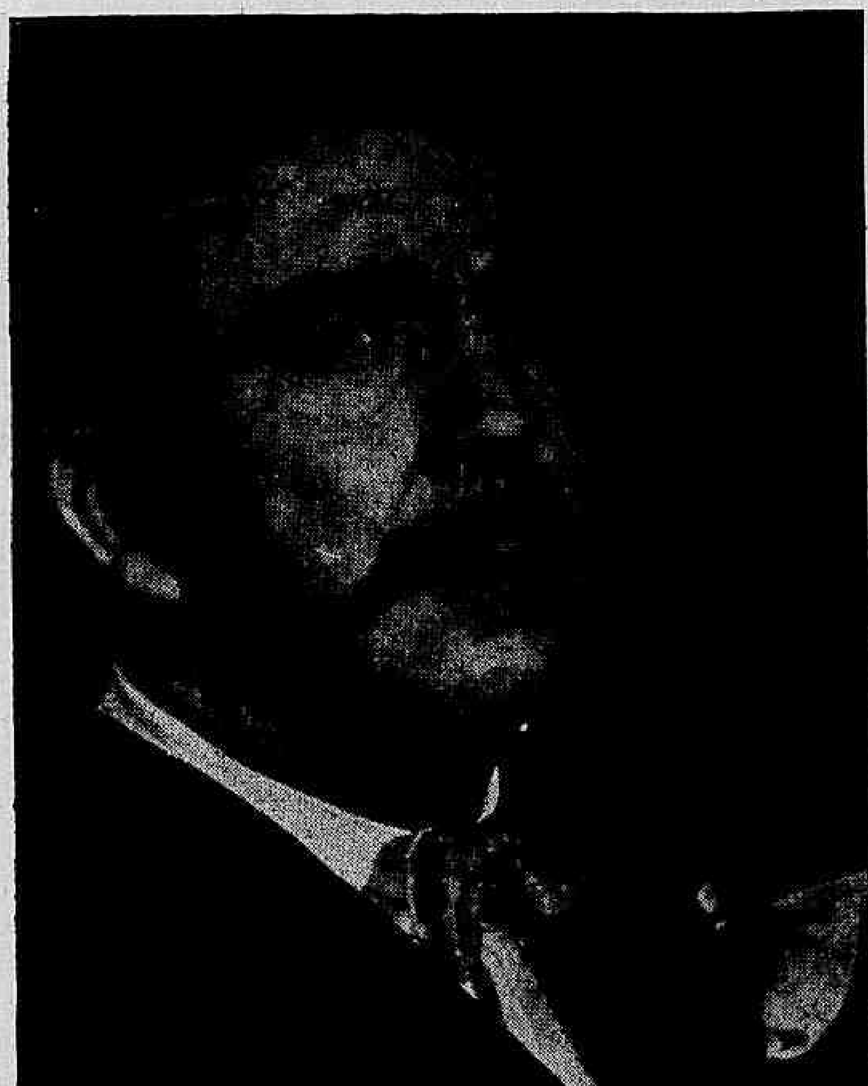
MARISA PRADO
Aparece em «Terra, sempre terra», da Vera Cruz.



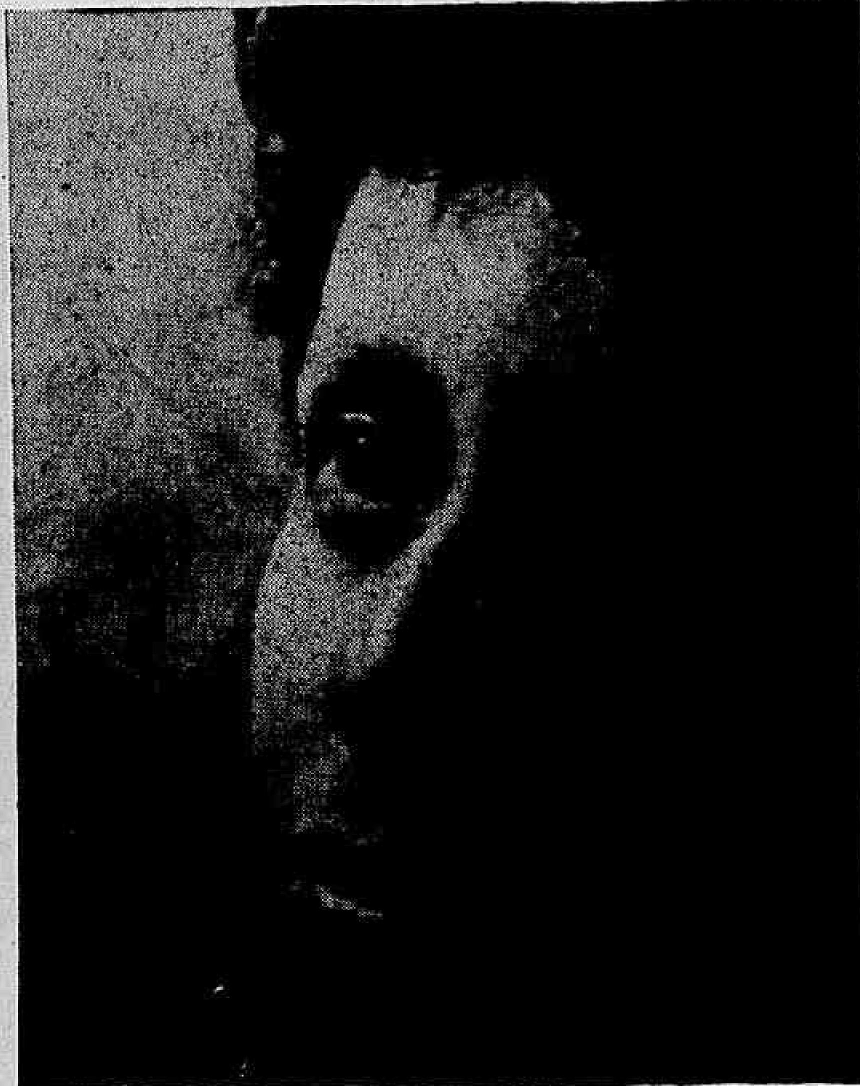
ORLANDO VILAR
«Presença de Anita» e «Suzana e o presidente» da Maristela



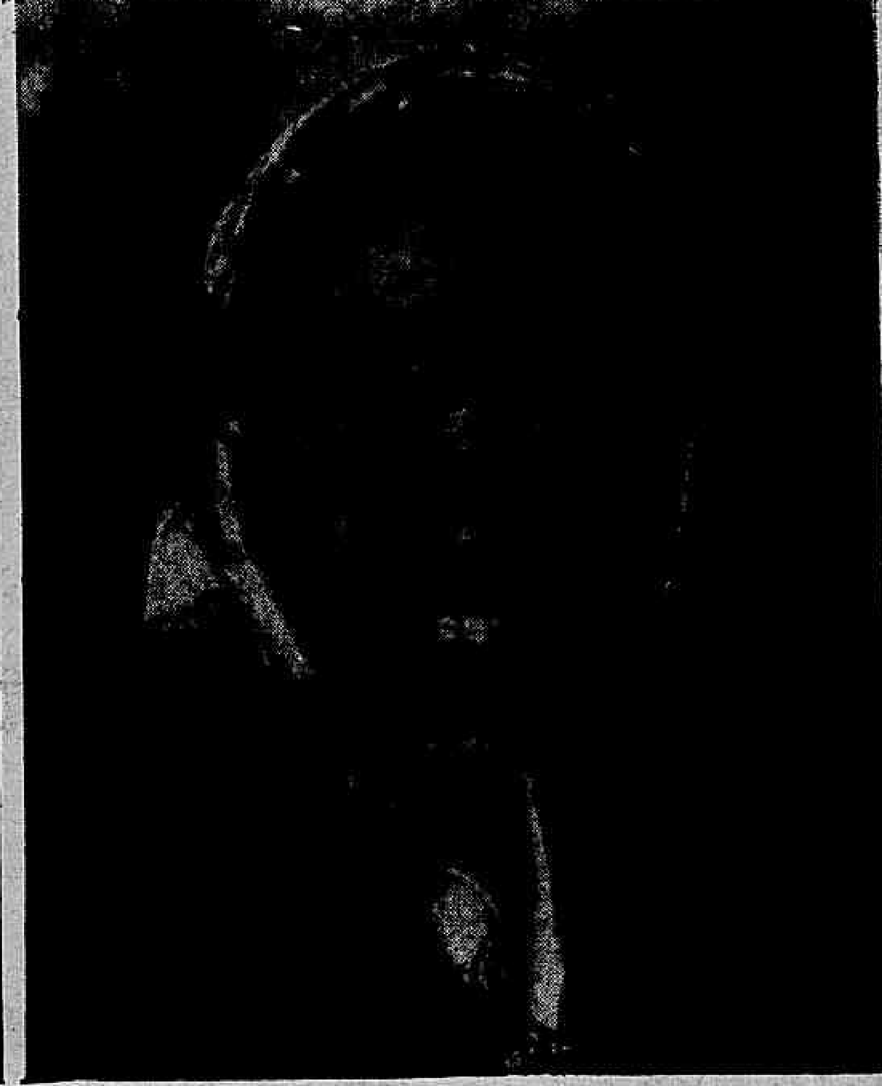
RUTH DE SOUZA
Está em «Angela» e «Terra, sempre terra», da Vera Cruz.



ARRELIA
Conhecido palhaço circense paulista. Agora na Maristela.



MARIA CLARA MACHADO
Está com Eliana Lage e outros em «Angela», da Vera Cruz



VERA NUNES
Faz teatro em S. Paulo e é exclusiva da Maristela.



MARIO SÉRGIO
Intérprete de «Angela», seu filme de estréia.



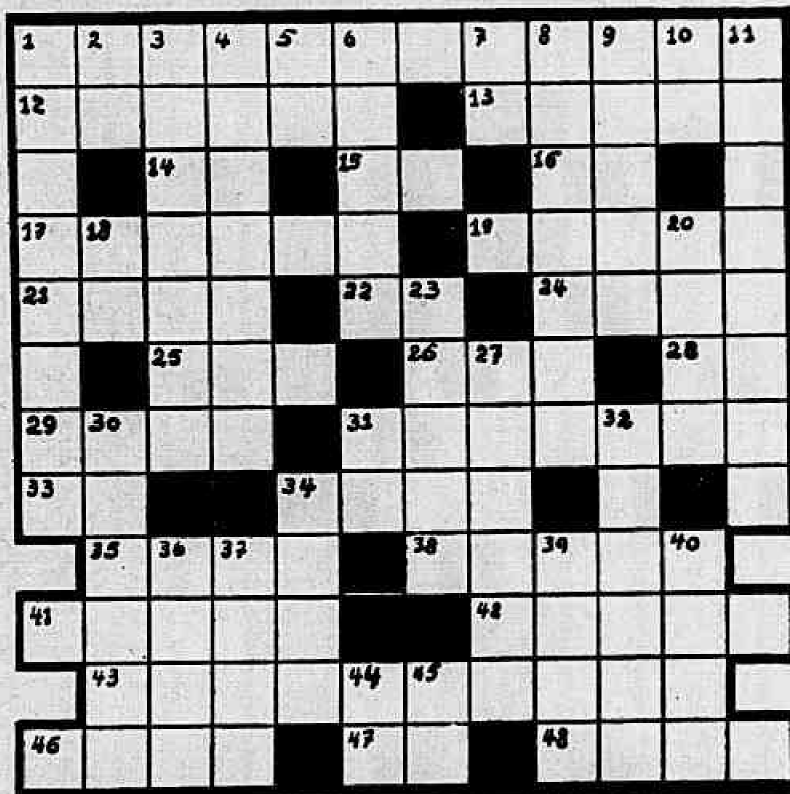
Sra. NAIR LOPES
Dama da sociedade portoalegrense. Filmou em «Angela».



ALBERTO RUSHEL
E[illegible] aproveitado para o «cast» de «Angela».

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 44 -- PARA VETERANOS

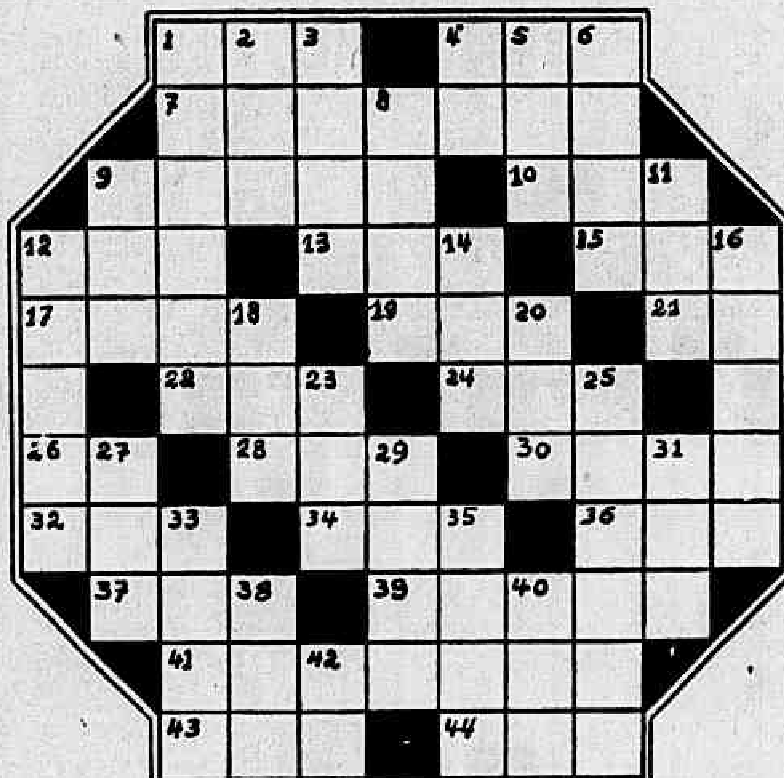


HORIZONTAIS: — 1. Enorme réptil da fauna masozóica — 12. Guaraná — 13. Unir — 14. Preposição — 15 — Nota musical — 16. Manga — 17. Molusco lamelibrânquio — 19. Espécie de antílope — 21. Aconchegar — 22. Símbolo do estrôncio — 24. Arrastar com o rodo o sal nas marinhas — 25. Negro velho — 26. Coisa que atrái — 28. Anel muito delgado — 29. Enfezado — 31. Entregara-se com excesso às más paixões — 33. Fundo de agulha — 34. Montanha sôbre a qual foi edificada a cidade de Jerusalém — 35. Argumento que não tem réplica — 38. Subtrair fraudulentamente — 41. A mais culta das línguas dravídicas — 42. Estar a espreita — 43. Amofinaríamos — 46. Ousadia — 47. Fôlego — 48. Ligeireza.

VERTICAIS: — 1. Sujeito infame (pl.) — 2. 2ª corda do violino — 3. Solitário — 4 Metal raro — 5. Prefixo que traz a idéia de privação — 6. Lugar aprazível entre outros que não o são — 7. Pura — 8. Da aurora — 9. Conciliara — 10. 10ª letra do alfabeto árabe — 11. Decorariam — 18. Prefixo de negação — 20. Fazer a refeição da noite — 23. Quaisquer cerimônias — 27. Espécie de mandioca — 30. Estranhara — 31. Gemido — 32 — Antigo aparador (pl.) — 34. Salva — 36. Querer — 37. Descasca — 39. Chefe de tribo, ao sul de Angola — 40. Descrédito — 44. Variedade de melão — 45. Fugir.

★

PROBLEMA N.º 44 -- PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Fileira — 4. Um milhar — 7. Instrumento para determinar o peso relativo dos corpos — 9. Varredores de rua — 10. Albino — 12. Cloreto de sódio — 13. Mulher de pequena estatura — 15. Capa sem mangas usada nas confrarias religiosas — 17. Membro empenado de aves (pl.) — 19. Prega — 21. Símbolo químico da prata — 22. Caminho — 24. Ovário de peixe — 26. Fisionomia — 28. Vazia — 30. Catafalco — 32. Cabeça de gado — 34. Altar dos sacrifícios — 36. Seguiam — 37. Interjeição de surprêsa ou espanto — 39. Medula — 41. O mesmo que araúna — 43. Reza — 44. Afluente esquerdo do Reno.

VERTICAIS: — 1. Aluir — 2. A casa — 3. Combina — 4. Símbolo do manganês — 5. Saúva — 6. Laçada — 8. Burro — 9. Fluido gasoso — 11. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 12. Curar — 14. Argola — 16. Atuavam — 18. Transpiro — 20. Vertebrado coberto de penas — 23. Mau cheiro — 25. Abrigar — 27. Criminoso — 29. Instrumento de ataque ou defesa — 31. Sadio — 33. Receptáculo de tecido ou de couro — 35. O mesmo que «aiuê» — 38. Desinência verbal — 40. Sufixo feminino de aumentativos em «ão» — 42. Batráquio.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 43 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS — Besa — Loio — Ali — Cal — Nott — Amei — Ir — Da — Unciforme — Leocorion — Restrinja — Impontual — Om — Al — Aino — Lodz — Lar — Aro — Aiar — Arar.

VERTICAIS: — Bar — El — Singularizara — Ocidentalizar — Ia — Ola — Tico — Tricótomo — Adorbital — Mari — Ne — Fo — Mó — Em — Spon — Rn — Nulo — Já — Ula — Pôr — Ai! — Rã.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mal — Par — Palacetes — Apito — Sã — Ité — As — Badalar — Lá — Are — Al — Araca — Aprimorar — Tio — Sor.

VERTICAIS: — Má — Ala — Lapidário — Petelecos — Ato — Re — Pés — Citaram — Sós — Aba — Ara — Lua — Lar — Ari — Aro — Pt — Ar.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



ANTONIETA MORINEAU apareceu no teatro, faz um ano, apresentada por sua mãe a consagrada atriz Henriette Morineau, que também se encontra na Maristela. Depois foi a São Paulo e os diretores do estúdio de Jaçanã ofereceram-lhe um longo contrato. Aqui está em seu filme de estréia, «Presença de Anita», com Orlando Vilar, galã exclusivo da Maristela e de méritos reconhecidos.



TRÊS «SHORTS» foram rodados na Maristela aproveitando motivos do excelente Teatro Folklórico Brasileiro. Suas apresentações nos palcos bandeirantes foram consagradoras, motivo por que os diretores daquele estúdio não perderam o ensejo de levar para a tela êsses inspirados motivos. Trata-se de filmes curtos que breve estão percorrendo os cinemas do país e do exterior.



DE PARIS



SUGESTIVOS e sem dúvida encantadores são os três modelos aqui exibidos, e que Paris creou para serem usados à tarde e à noite. Em cima «surah» verde com botões dourados; à direita setim com bordados vivos e brilhantes; e à esquerda tafetá prêto com «faille» estampada.





"ATÉ QUE A MORTE..."

A espôsa daquele médico patrício, vitimado pelo cancer, que foi em sua companhia aos Estados Unidos onde recebeu uma sentença inapelável de morte, é um exemplo para a humanidade e particularmente para nós, mulheres. Ela sabe o destino que a espera e ao pai de seu idolatrado filho. Ela o acompanhou nessa dolorosa jornada e do marido não se separa um minuto: com êle voltou para a terra onde ambos nasceram. — «Devemos morrer em casa» — declarou o médico cheio de coragem, aos repórteres norte-americanos.

— «Vou com êle aonde fôr» — disse por sua vez a companheira heróica. E voltaram ambos. O espírito de resistência e resignação dêsse homem só encontra similar no da espôsa. E o juramento feito ao altar, ela o cumpre sem esmorecimento: juntos ficarão até que a morte venha separá-los.

Sirva êsse exemplo, repito, para nós tôdas e principalmente para as mais jovens, que sonham com um casamento, como tôda mulher normal. Casamento é isso, minhas amigas, é sofrer junto ao homem que nos deu seu nome, não apenas comungar nos momentos de felicidade. Casamento é fazer de cada um o complemento do outro. E ainda quando o infortúnio parece desabar por sôbre a cabeça de ambos, nada os separa nem acabrunha. Essa magnífica mulher brasileira, hoje admirada pelas mulheres do mundo inteiro, está cumprindo apenas o seu dever — mas quantas não sucumbiriam, quantas não estariam, nessa altura, cogitando apenas da estabilidade da própria vida quando a vida do companheiro tiver parado!

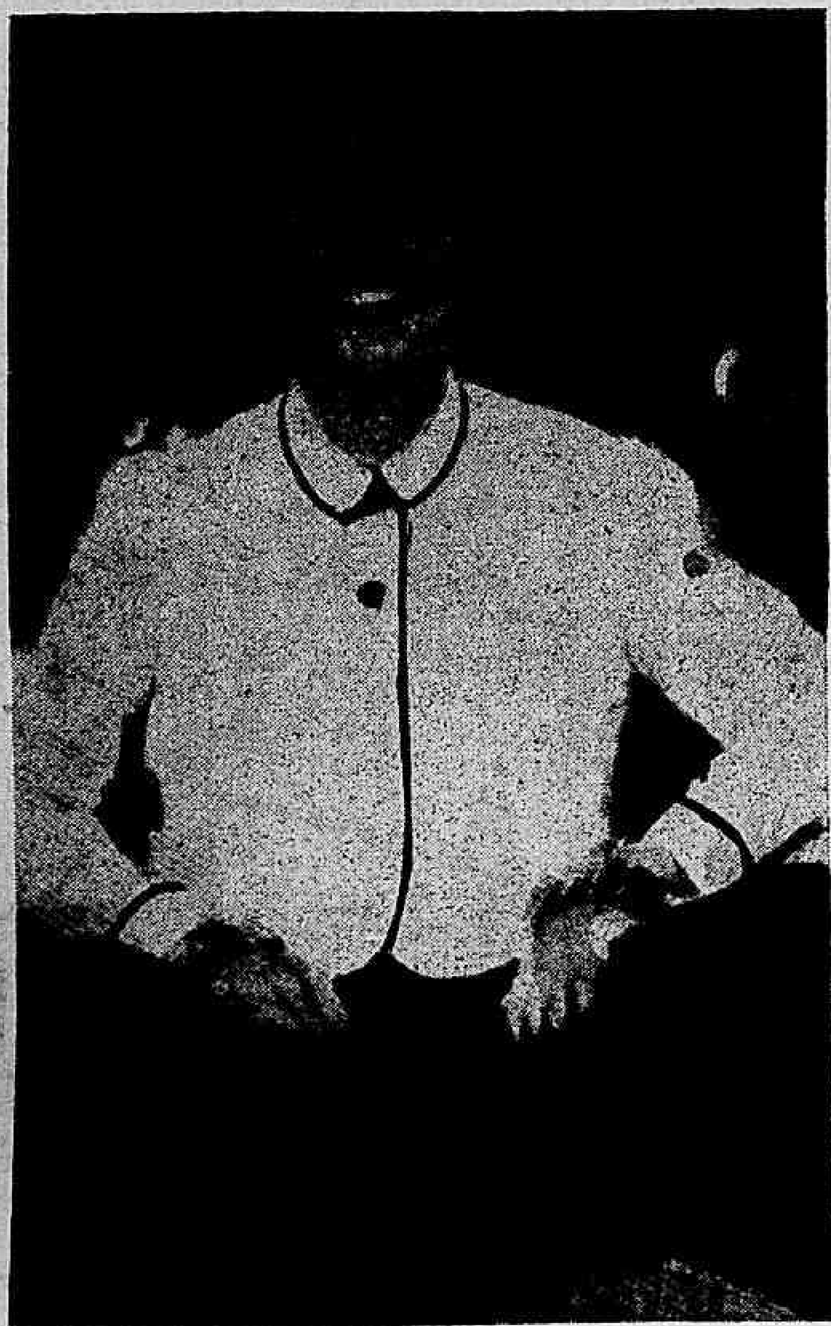
Casamento é assim, minhas amigas, unidos para a vida e para a morte, com santa resignação, com espírito forte, sempre esperando um milagre. Se a esperança é a última que morre, a dessa patrícia ilustre deve ser mais forte que a da mulher comum. E que Deus venha a ouvir suas préces. — MARY.





DETALHES INTERESSANTES

MUITAS vêzes um simples modêlo pode tornar-se original pela característica de um pequeno detalhe que o torna agradável e diferente. Nesta página, nossas leitoras, examinando os modelos apresentados terão uma confirmação do que acabamos de dizer. À esquerda, Patrícia Neal (W.B.) apresenta êste modêlo simples, caracterizado, porém, pela saia dupla e pela ampla gola enviezada. À direita, um vestido para noite, cuja nota original está também no decote assimétrico. Em baixo três outros modelos apresentando as seguintes características: casaco de panamá debruado de sêda escura, blusa de organza com grande flor, vestido de sêda prêta com o busto todo drapeado.











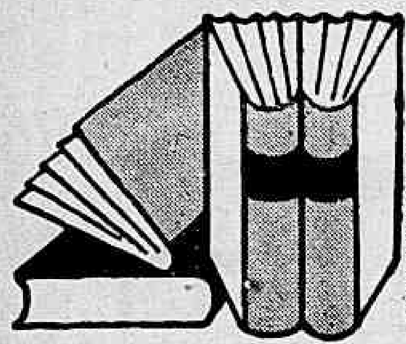
SUGESTIVOS e apresentando bastante originalidade temos aqui estampados cinco diferentes modelos, todos êles muito atuais e de grande originalidade. Na foto, à direita, temos um notável modêlo em pesada sêda cinza perola, todo drapeado, apresentado por Fay Baker, uma louríssima estrêla da RKO; à esquerda modêlo para bailes, em organza rosa, organdi estampado e renda prêta. Em baixo, da esquerda para a direita, para passeio modêlo em lã cinza, saia justa com quatro panos soltos, organdi bordado e organdi liso (na gola e nos bolsos), compõe êste vestido de cock-tail, tule branca, foi o material usado na confecção dêste sensacional modêlo; flôres aplicadas no busto.

MODELOS DIFERENTES

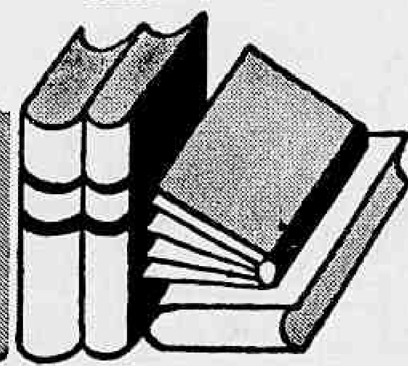






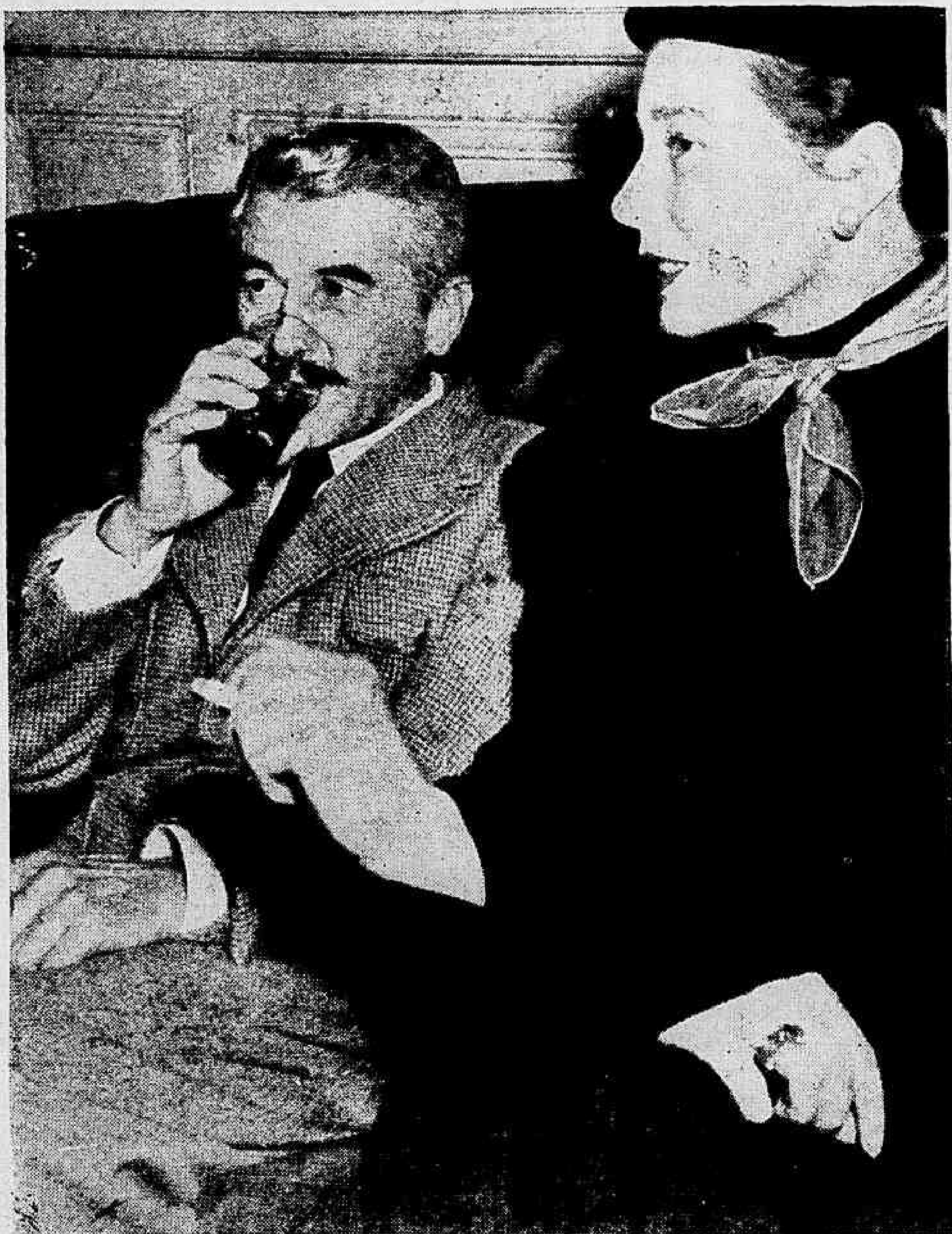


SEMANA LITERARIA



EDMUNDO LYS

ÁLBUM DE FAMÍLIA



WILLIAM FAULKNER, o famoso escritor americano que vem de ser laureado com o Prêmio Nobel, em companhia de Bettina, da Livraria Gallimard, quando de sua passagem por Paris, no seu regresso de Estocolmo. Faulkner foi considerado o criador do que se convencionou chamar "romance noir", cujo livro "Santuaire", na tradução francesa prefaciada por André Malraux, lhe deu fama universal. Natural do Mississippi, aí tem êle criado uma obra de incontestável importância, sendo um dos escritores de maior influência, hoje em dia. Recentemente, transportou ao cinema, com Clarence Brown, um de seus livros — "The Intruder".

"Alma vazia"

Há algum tempo, um dos jornais do Rio publicou alguns poemas femininos, muito femininos, na sua doçura e no seu embalo, assinados com um pseudônimo raro **Maria Flor.** Agora, o poeta vem de identificar-se, em um livro que abriu com uma segura afirmação o ano poético de 1951, pois trata-se de Yolanda Maria Olivieri, de que êste volume, "Alma Vazia", marca a estréia, em uma emocionante mensagem lírica. Aqui está um de seus poemas:

Vou andando e olhando o céu,
(eu só com meu pensamento...)
sou mais feliz assim, ao léo,
pois tenho tudo o que invento...
num braço levo uma lira
que distrai o meu tormento —
tudo é feito de mentira,
mas essas coisas que invento,
nunca me trazem tristezas,
como as que — s vêzes — tento...
Seus passos vão com os meus passos
por onde vou e caminho —
sua voz enche os espaços —
e segura nos seus braços
— me adivinho!...
Bem feliz que é o poeta.
Resolve sua própria sina —
escreve uma linha reta
e tem tudo o que imagina!...

★

REEDIÇÃO DOS LIVROS DE LEONARDO MOTTA

O escritor Leonardo Mota, que morreu, recentemente, no Ceará, deixou esgotados os seus melhores livros folclóricos e que tanto sucesso alcançaram. A Editôra "A Noite" vem de adquirir os direitos autorais da família do conhecido poeta e prosador, para reeditar as suas principais obras, que são "Cantadores", "Violeiros do Norte", "Sertão Alegre" e "No Tempo de Lampeão", livros que encerram, na verdade, a obra folclórica de Leonardo Mota. O primeiro volume será "Cantadores".

Companheira

(NILO APARECIDA PINTO

Doce é a palavra Companheira! Quanta
Ternura, quanta, ela exprimir não ousa!
Ao murmurá-la, eu sinto qualquer coisa
Que me faz crer que esta palavra é santa!

Repito-a: E' a luz que enleva, é o som que encanta.
Mais do que Amada, Amante, Irmã, Espôsa,
Parece que, ao dizê-la, ela me pousa
A música dos anjos na garganta...

Por isso mesmo é na minha estrada
Eu vos peço, Senhor, desta maneira:
— Que Aquela, que me deres na jornada,

Para os acasos de uma vida inteira,
Seja — mais do que Espôsa, Irmã e Amada
A que eu possa chamar de Companheira!



CHIANG-SING que nos promete para breve um novo livro de poemetos à maneira do Oriente: — «O PAVILHÃO DAS PEÔNIAS».

Fora do Prelo

MERCEOLOGIA — Miguel Milano — Edições Melhoramentos - São Paulo

Diz-se, com tôdas as aparências de probabilidade, que a moeda apareceu... e no mesmo instante fez nascer, no cérebro do homem, a idéia de falsificação. Todavia, nada existirá mais sujeito a fraudes do que os artigos apresentados pelo comércio. A maneira de conhecer os verdadeiros e os mistificados é encontrada, como estudo consciencioso, claro, convincente, nas páginas de «Merceologia» e técnologia merceológica, para uso das escolas de comércio e do comércio em geral.

Na didática nacional faltava uma obra dêste gênero, para análise, compreensão e certeza das mercadorias em sua origem, preparação e usos, alterações e adulterações a que as submetem, os modos de conservá-las e os meios empregados para transportá-las. Miguel Milano foi duma felicidade completa ao planejar e escrever «Merceologia».

★

HISTÓRIA GERAL — R. Haddock Lobo — Edições Melhoramentos - São Paulo

Depende muito do método, o ensino de História. Assunto dos mais empolgantes, freqüentemente é imposto, aos estudantes, como simples cronologia, que enche o cérebro de inutilidades e transforma os aprendizes em puros papagaios: basta a memorização.

Autores há, porém, que têm o senso, o descortino, a convicção do legítimo encanto de tão bela matéria e R. Haddock Lobo é um dêles. Andou muito bem, portanto, a Melhoramentos de S. Paulo ao fazer a 4ª edição da «História Geral» para a primeira série do Ciclo Colegial, magnífico trabalho didático e literário de R. Haddock Lobo. Sim literário tanto quanto pedagógico, pois em suas páginas palpita a graça do estilo. A singeleza com que se expõem os fatos e se colocam em desfile as figuras, a oportunidade exata dos comentários que elucidam e dão, ao leitor, a consciência da «História Geral» e sua influência, suas lições e a sua voz de justiça.

★

OS FILHOS DO MÊDO — Ruth Guimarães — Editora Globo — Pôrto Alegre

O livro «Filhos do Mêdo», de Ruth Guimarães, agora publicado pela Editôra Globo, trata da história dos demônios, do seu longo caminho através dos tempos, até chegar à significação atual do mito, na tradição oral do Brasil.

A autora de «Água Funda» apresenta nesta sua nova obra, em suma, a história do terror e a análise das suas consequências, proporcionando um trabalho honesto, leal, objetivo e útil aos estudiosos.

O critério seguido em «Filhos do Mêdo» é o mais simples e seguro. Fatos em grande número, o maior número possível, fatos e não argumentos ou hipóteses engenhosas, das que fazem um livro de folclore um repositório de fórmulas, de contingentes soluções «a priori» e que no entanto lhe prejudicam o valor intrínseco, histórico e etnográfico.

Poderão alguns leitores dizer que é êste um livro necessário e que veio preencher uma lacuna. O que todos deverão dizer, porém, para não faltar à verdade, é que aqui está um livro que veio a tempo. A tempo de se recolherem algumas tradições que estão desaparecendo e lendas que contiuamente se modificam.

«Filhos do Mêdo» vem enriquecer a literatura folclórica nacional com mais um estudo interessante e valioso, fornecendo rico acervo de pesquisas em tôrno de uma das mais antigas crenças da humanidade.

★

HISTÓRIA GERAL DO TEATRO — Bandeira Duarte — Editôra Minerva — Rio.

Podemos dizer que tôdas as artes se ligam à do teatro, direta ou indiretamente. E' tão grande a variedade de seus aspectos, que o verdadeiro teatrólogo é um polígrafo — ao menos no sentido de que deve abranger conhecimentos artísticos, sociais, literários, científicos.

Apesar de sua importância, não temos, em nossa língua, salvo estudos rápidos, sem grandes vôos, uma obra no gênero, obra que dispense longas pesquisas e milhares de volumes. Já agora, porém, sentimos a satisfação de afirmar que, em breve, o Brasil apresentará um trabalho excepcional, assim pela extensão, como pelo brilho. E' que Bandeira Duarte escreveu «História Geral do Teatro», de que a Editôra Minerva publicou, até aqui, dois tomos. O primeiro, «Antes dos gregos», focaliza: O problema das origens, Arte primitiva, Teatro e Religião, O primeiro ator, Índia, China, Egito; o segundo (Grécia, I) trata de História e Língua, Mitologia, Dança, música, poesia; Evolução do ditirambo, Tragédia, Téspis, Drama satírico, Comédia.

Modestamente, diz Bandeira Duarte ser apenas uma compilação. Todavia, o poder de sua observação, a agudeza de sua crítica, a filtragem que a sua cultura sabe fazer, a sua facilidade expositiva confirmam o dono do assunto, em cujo desenvolvimento o estilo do autor vai como água límpida: aclarando.

Promete a Editôra Minerva estampar um volume por mês, até atingir os vinte que compõe a obra monumental planejada e executada pela formosa inteligência que escreveu «O homem que salvou a terra», «Minha mulher e seu marido», «A vida gloriosa de Osvaldo Cruz». E' caso de felicitar os nossos meios culturais em geral e, de modo particular, os círculos teatrais — sem esquecer o autor e a editôra, pelo arrôjo da iniciativa.

★

O LIVRO ILUSTRADO

Uma das excelentes ilustrações do livro de poemas de César Mêmolo Júnior — «Permanência e Tempo» — edição do Clube de Poesia, de São Paulo: «linóleo» de João Luís Chaves.

OUTROS LIVROS

O que torna mais difícil, ainda, a difusão da ciência é o pernosticismo dos seus falsos divulgadores, que recorrem à linguagem técnica. Daí o encanto com que se folheia e se lê a série «O homem e o universo», das Ediçes Melhoramentos, e da qual já surgiram «Os homens de antigamente», «O princípio da terra», «Os caprichos do tempo», «O que a terra nos dá».

Agora, «Outros mundos além do nosso», livrinho singelo e altamente cultural pela dose de conhecimentos de astronomia que transmite.

★

Também da Melhoramentos duas obras que o tempo não conseguirá destruir: «Salambô» (versão medíocre de Aloísio Ferraz Pereira, ilustrações de L. Specker) e «A educação sentimental», brutalmente castigada pela espécie de tradução que fez **Mirinha de Lacerda Soares**.

Conquanto sofressem na passagem para nossa língua, verdade é que a leitura de «Salambô» e «A educação sentimental» nos leva a esquecer a enxurrada aparvorante de romancistas inferiores — enquanto Flaubert segue os caminhos da glória.

★

Ao que dizem os especialistas em casos e coisas de outróra, foi a abelha o primeiro animal domesticado pelo homem. Esta afirmativa naturalmente se relaciona com os conhecimentos acêrca da primitiva medicina: desde Hipócrates que a água e o mel constituem a base de centenas de tratamentos. E ainda hoje, por mais conspícuo e pedante que seja, o médico não dispensa o mel e a água, elementos que, juntamente com a sangria, formavam o trio salvador dos enfermos, quando não os levavam para o descanso eterno.

A obra, que temos diante dos olhos, «Criação racional de abelhas», volume 14º da «Biblioteca Criação e Lavoura», das Edições Melhoramentos, é de autoria de Pedro Luís Van Tol Filho, professor de apicultura da Universidade Rural. Não sendo hóspede, mas frequentador do assunto, o mencionado mestre dissecou-o com inteligência e clareza, pondo-o ao alcance de tôda e qualquer pessoa que queira aproveitar as grandes vantagens proporcionadas pela «Criação racional de abelhas».

O leigo, lendo as lições de tão interessante compêndio, certamente se convencerá dos benefícios decorrentes da apicultura nos moldes simples, econômicos e lógicos ensinados nas páginas ilustradas de «Criação racional de abelhas». Como apêndice, o livro publica uma lista de «Nomes comuns em apicultura», desde abelha-mãe até zangão, explicando tudo com muita propriedade.

O poeta Nodival Reis que tem, no prélo, seu livro de estréia: «Sob a Sombra da Desgraça».

Trovas

NIDOVAL REIS

Sonho

Os meus sonhos de ventura
se resumem, veja bem:
Entre roseiras, um lar,
eu, você e mais ninguém.

MALDIÇÃO

Maldigo tanto o Presente
feliz, contigo, meu bem,
só por saber que o Presente
será Passado também.

SAUDADE

A Saudade é uma espécie
de moléstias diferentes:
Machuca, corrói, não mata,
mas maltrata muita gente.

ESPERANÇA

Por dar-nos Deus, um destino
que a gente nunca prevê,
é que não perco a esperança
de ser feliz com você!

PARALELOS

Os teus cabelos revoltos
esvoaçantes ao léu...
São como os raios da lua
que se desprendem do céu.

★

Ainda das Edições Melhoramentos, na série de livros para a mocidade, é «Lautaro, o jovem libertador de Arauco», de Fernando Alegria, empolgante narrativa das lutas mantidas pelos antigos habitantes do território do Chile contra os invasores. Páginas que fazem vibrar o sentimento e os ideais de liberdade.

A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

O preço da REVISTA DA SEMANA, para a venda avulsa, é Cr$ 3,00. Os agentes e revendedores recebem os pedidos com o desconto necessário para que o público não pague mais do que o preço de capa.

Não se submeta a explorações. Tome uma assinatura que, por seis meses custa Cr$ 70,00; por um ano Cr$ 140,00. Registrada custa, respectivamente, Cr$ 85,00 e Cr$ 170,00.

Pedidos para a Rua Visconde de Maranguape, 15. — Lapa. — Distrito Federal.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

WEEK-EN

SARRABULHO TRASMONTANO

Faça uma calda com 50 gr de açúcar, junte 200 gr de amêndoas passadas na máquina e meio quilo de sarrabulho ralado (sangue de porco cozido). Abrande o fogo e junte uma xícara de pão ralado, uma colher-de-sopa de manteiga; mexa devagarinho até mostrar o fundo da panela. Servir em compoteiras ou pratinhos, polvilhando com canela.

SALADA INDIVIDUAL DE MAÇÃ

As fatias de maçã devem ser largas. Por isso, corte a maçã pelo meio e tire daí as fatias. Conserve a casca. Tire as sementes do centro, formando um círculo vazio. Coloque nesse círculo uma colherada de maionese com pedacinhos de abacaxi.

BÔLO DE CHUCHU

Depois de descascados alguns chuchus, tirar os centros e eferveccer em água e sal, pôr a escorrer e espremer depois num passador. Mistura-se à massa dos chuchus, ½ xícara de leite, 4 ovos, 3 colheres de queijo ralado, uma colher de manteiga, uma colher de maizena; mistura-se tudo bem e põe-se numa fôrma untada com manteiga. Levar ao forno para assar. Enfeitar depois com cebolinhas e rodelas de ovos cozidos.

QUEIJO DE BATATAS

Junte 50 gr de açúcar, água suficiente e leve ao fogo, fazendo uma calda bem fina; junte a esta calda 125 gr de batatas cozidas, amassa-



das, 250 gr de amêndoas passadas pela máquina, misture tudo muito bem e deixe ferver um pouco e ligue bem a massa; tire do fogo, junte 7 gemas de ovos, 2 claras batidas, depois de a massa esfriar. Leve de novo ao fogo, mexendo até mostrar o fundo da panela. Tire aos poucos, dando forma de queijinhos e embrulhe em açúcar cristalizado.

SOPA DE OVOS EM 10 MINUTOS

Fazer o refogado com cebola, salsa, tomate e sal, juntar o caldo e deixar ferver. Coar êsse caldo, retirar do fogo, juntar 2 ovos desmanchados com o garfo. Voltar ao fogo brando. Servir com ramos de coentro.

BACALHAU DE FREIRA

Deixar o bacalhau de môlho desde a véspera. Levar ao fogo uma frigideira com bastante azeite. Fritar nesse azeite os pedaços de bacalhau. Separá-los em um prato. Ainda no mesmo azeite, fritar rodelas de batatas. Separá-las noutro prato. Ainda no mesmo azeite fritar tiras de pimentão, separar. No azeite restante, dourar uma cebola branca das grandes, partida em fatias, juntar quatro tomates aos pedaços, sal, cebola verde, e salsa picadas. Colocar metade dêsse môlho no fundo de uma panela. Sôbre o môlho uma camada de pimentões. Sôbre ela uma camada de batatas. Sôbre as batatas uma camada de bacalhau, sôbre esta uma camada de môlho e assim por diante. Depois da última camada, regar com azeite para que fique com bastante môlho. Leve ao fogo brando durante uma hora sem mexer, evitando abrir a panela. Se o môlho secar acrescentar mais azeite. Sacudir a panela, às vêzes.

SANDUICHES DE PALMITO

Tome 1 palmito, cozinhe em água e sal e limão, e pique a parte macia bem miudinha. Bata 3 ovos, junte 1 pitada de sal, deite numa frigideira com 1 colher de manteiga e vá mexendo até ficar cozido. Retire do fogo, depois de morno junte 100 gr de parmezão ralado, e misture o palmito com o garfo. Tome 1 pão de fôrma cortado em fatias finas e passe uma camada do recheio na metade, e na outra passe manteiga fresca. Una duas a duas, parta em quadrados e depois em triângulos.

FATIAS DE VITELA

Tome as fatias da vitela. Arrume numa travessa rodeada de fôlhas de alface e enfeitada com pedacinhos de conserva ou de azeitona e sirva com salada.

CREME MARQUISE

6 tabletes de chocolate fino de baunilha, 150 gr de manteiga e 6 ovos. Parta e derreta o chocolate em banho-maria, sem água. Assim que derreter todo, vá juntando pouco a pouco e sempre mexendo, a manteiga, as gemas e por último as claras em neve. Tudo lentamente. Deite o creme numa fôrma de vidro e guarde na geladeira.

ROYAL COCKTAIL

1/3 de gin, 1/3 de French Vermuth, 1/3 de Cherry Brandy, 1 salpico de Marraschino. Saculeje bem, deite em copinhos com 1 cereja.

CREME DE CARAMELO

Bata 8 gemas e junte aos poucos 1 litro de leite a ferver. Deite numa frigideira 600 gr de açúcar e leve ao fogo, sempre mexendo, até o açúcar ficar côr de castanha. Regue com 1 litro de água quente, mexa bem, junte aos ovos com leite e deixe esfriar.

CUCA DE LARANJA

10 colheres de farinha, 2 colheres de manteiga, 1 copo de leite, 2 colheres de fermento Royal, 2 colheres de açúcar, talhadas de laranja.

Mistura-se tudo sem bater. Leva-se ao forno em fôrma untada com manteiga. Na superfície, colocam-se as talhadas de laranja e açúcar, tendo o cuidado de cobrir inteiramente a cuca. Forno quente.

COSTELAS DE PORCO

Não se deve tirar muito a carne da costela. Tempera-se com o lombo. Tira-se do tempêro, pendura-se em lugar fresco. Há quem goste de pendurar no fumeiro. Corta-se aos pedaços, para pôr no feijão, para fazer sopa, ou para comer à milanesa, com pirão de farinha de mandioca e água quente. Só se tempera depois de serrar a costela ao meio, para separá-la.

NA COZINHA

CANELONES

Faz-se uma massa com 1 ôvo, 2 xícaras de água, um pouquinho de sal e a farinha necessária. Sove-se bem, estende-se com o rôlo, corta-se em pedaços que devem medir uns 4 cm e aferventa-se. Retira-se do fogo, põe-se sôbre a mesa e rechea-se com guizadinho, ovos picados e azeitonas ou qualquer outro recheio que se queira. Enrolam-se bem, arrumam-se num prato e cobrem-se com môlho para talharim com bastante queijo.

MÔLHO HOLANDÊS

2 colheres de vinagre, 3 gemas, 100 gr de manteiga, 1 pitada de pimenta do reino, 2 colheres de água.

Leva-se o vinagre ao fogo com a pimenta do reino. Deixa-se secar um pouco. Retira-se do fogo, acrescentam-se as gemas dissolvidas na água e se vai acrescentando aos poucos a manteiga e água. Aquece-se em banho-maria e serve-se com carnes, legumes ou peixe.

TOMATES SABOROSOS

Arranjam-se 4 tomates grandes, partem-se ao meio e retiram-se as sementes. Mistura-se o conteúdo de uma latinha de atum, duas gemas cozidas, 1 colherinha de mostarda e azeite. Recheiam-se as metades dos tomates e colocam-se sôbre fôlhas de agrião em salada e enfeita-se com claras picadas.

PURÊ DE NABOS

Cozinham-se os nabos, esmagam-se bem. Faz-se um refogado saboroso na manteiga, com todos os temperos. Acrescentam-se os nabos e engrossa-se com farinha de mandioca. Antes de retirar do fogo, adiciona-se uma colher de temperos verdes.

TORTA RUY BARBOSA

200 gr de amêndoas raladas, 250 gramas de açúcar, 50 gr de cidra cristalizada, bem picada, um pouco de canela, noz-moscada e cravo em pó, 2 ovos, 90 gr de manteiga, 100 gr de farinha de trigo, 1 colher-de-chá de fermento em pó e 1 pitada de sal.

Com êsses ingredientes, forma-se uma massa encorpada, que deve ser bem trabalhada e que se divide em duas partes. Uma parte estende-se com o rôlo, formando-se um bôlo redondo, põe-se numa assadeira bem untada e recebe por cima uma camada de marmelada. Com a outra parte da massa faz-se outro bôlo igual, coloca-se êste em cima do primeiro, apertando-se as extremidades para ligá-las bem. Pincela-se com gemas batidas e polvilha-se com açúcar cristalizado, levando-se a forno regular. Preferindo-se cobrí-lo com glacê, não se pincela com gemas batidas.

BROINHAS DE CÔCO

1 k de araruta, 250 gr de manteiga, 450 gr de açúcar, 2 ovos e um côco ralado.

Bate-se bem a manteiga com o açúcar, juntam-se os ovos, o côco ralado e a araruta. Com uma colher fazem-se pequenas broinhas que se colocam em uma assadeira bem untada e levam-se ao forno regular.

BOLACHINHAS AMERICANAS

100 gr de manteiga, 2 ovos, 125 gramas de farinha de trigo misturada com 1 pitada de sal.

À manteiga bem batida juntam-se os ovos, e bate-se até formar um creme grosso; adiciona-se a farinha e estende-se a massa com cuidado sôbre uma tábua polvilhada. Cortam-se com forminhas as bolachinhas que se levam ao forno pelo tempo necessário até que se soltem da assadeira por si mesmas.

PUDIM DE CHOCOLATE

1 litro de leite, 100 gr de chocolate ralado, 70 gr de açúcar, 90 gr de maizena, 2 gemas e 1 pitada de sal.

Mistura-se a maizena com um pouco de leite frio; ferve-se o resto do leite, com o açúcar, sal e chocolate, mistura-se com a maizena, deixando-se cozinhar novamente uns 3 minutos; despeja-se tudo sôbre as gemas desmanchadas e coloca-se em uma fôrma molhada. Serve-se com môlho de baunilha.

CREME DE AZEDINHA COM AVEIA

Em 1 ½ litros de leite a ferver despeje 150 gr de farinha de aveia dissolvida em 1 xícara de leite. Mexa com o batedor, até tornar a abrir fervura, e retire para fogo fraco por 1 hora. Junte 150 gr de azedinha lavada, e frita em 1 colher de manteiga, deixe cozinhar mais 1/4 de hora e peneire. Incorpore mais 3 xícaras de leite, esquente e sirva.

BABA DE CERVEJA

900 gr de farinha de trigo, 110 gr de manteiga, 5 ovos, 3 colheres de fermento de cerveja, 150 gr de passas, água e sal que baste. Faça uma coroa no centro da farinha



e deite no meio o sal, os ovos, o fermento e um pouco de água morna até formar massa mole. Junte as passas, despeje num pequeno tabuleiro e deixe fermentar durante 5 horas. Quando estiver bem levedado, leve a assar no forno. Pronto, polvilhe com açúcar e canela. Pode fazer à noite e assar de manhã.

LEGUMES EM FÔRMA

Cozinhe em bastante água a ferver, sal e 1 colher de açúcar, 1 couve-flor pequena, 6 cenouras, ½ repôlho regular e um punhado de vagens sem os fios. Depois de tenros, parta a couve-flor em galinhos, as cenouras em rodelas e o repôlho em tiras. Tome uma fôrma comprida (de bôlo inglês) bem untada de manteiga e aí vá arrumando em camadas as cenouras, depois a couve-flor, as vagens e, por último, o repôlho. Bata 3 ovos, as claras em neve, junte ½ xícara de leite, 1 colher de manteiga derretida e despeje tudo sôbre os legumes, polvilhe de queijo, deite numa fôrma untada e polvilhada de queijo e leve a assar por alguns minutos no forno ou em banho-maria.

"Sem dúvida... Kolynos embeleza!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais, causadores das dolorosas cáries. Provas científicas, realizadas por famosas universidades norte-americanas e européias, demonstraram que Kolynos destroi até 92% das bacterias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Que susto!... O dentista disse-me que os milhões de bacterias que temos na boca podem destruir os dentes...*



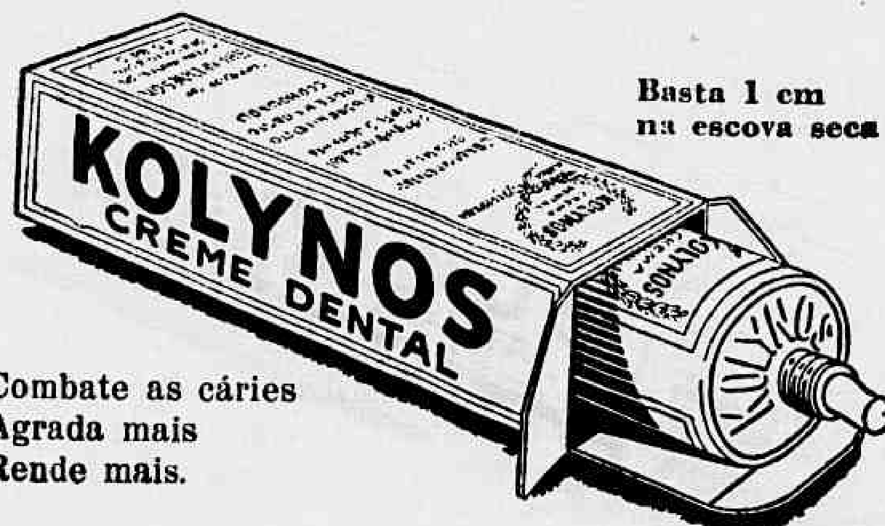
2. *...porque essas bacterias produzem ácidos capazes de atacar o esmalte dos dentes e causar as cáries... as dolorosas cáries!*



3. *Mas... aqui vem Kolynos!... O Creme Dental Kolynos, com sua espuma penetrante, destroi as bacterias que produzem esses ácidos, causadores das cáries.*



4. *E Kolynos, que nos protege contra as cáries, clareia os dentes, refresca o hálito, torna o sorriso encantador... Sim, Kolynos embeleza.*



Basta 1 cm na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais.

Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria.

K-405-P

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL

PREÇO: — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

A SAÚDE DO BEBÊ

COMO CRIAR O BEBÊ NEUROPÁTICO

Dr. SABOIA RIBEIRO

TEMOS recomendado sempre, que se esforcem quanto possível, as mães, a fim de que seja o bebê amamentado ao seio, quando menos, até completar 3 meses. Dito, mesmo, que jámais suspendam, nessa fase a amamentação ao seio sem que ouçam primeiro o pediatra, pois muitas vêzes o que falta não é o leite, como dizem, nem o leite é fraco, como pensam; sòmente falta é a palavra do pediatra, que as oriente e tranquilize.

E, contudo, dão-se muitas mães pressa em suspender a amamentação e iniciar a esmo o uso de outros leites, privando o bebê daquele que é, sem dúvida nenhuma, o seu melhor leite, porque o leite que a natureza formou justamente para a sua criação.

No entanto, há um caso especial em que o leite materno deve ser substituido a benefício do bebê.

E' o caso do bebê portador da **constituição neuropática**, em cuja criação as dificuldades se avolumam e crescem, com prejuizo evidente de seu desenvolvimento, e a despeito da boa qualidade do alimento natural, o próprio leite materno.

Deve-se presumir que se está diante de uma criança portadora dessa constituição, sempre que ela, embora amamentada ao seio com leite farto de mãe sadia, ou à mamadeira com bom preparo do alimento, mostre desassocego, falta de sôno, chore de contínuo e tenha diarréia verde ou prisão de ventre, etc.

O mais difícil é convencer que o mal não está no alimento, mas na própria criança.

De fato, às vêzes parece que a criança está passando fome. Outras que está superalimentada.

No primeiro caso, chora, suga frenèticamente os dedos ou a chupeta, acorda de noite, o pêso quase nada aumenta.

No segundo, chora, vomita e tem diarréia — e a diarréia logo sugere que o alimento é imprestável ou pesado para o bebê.

Convencidos de uma outra coisa na família, dão de experimentar, sem nenhum sucesso, os mais diferentes leites, ou mesmo lançam mão de uma ama mercenária.

Atribuindo à fome o quadro clínico da criança, passam a dar o alimento mais a miude; porém, a criança após poucas tragadas do seio ou da mamadeira, larga-os em seguida, continuando em momentos os seus esperneios e o seu choro.

Atribuindo ao excesso de alimento, se limitam o tempo de cada mamadura ou aumentam o intervalo entre as mamadeiras, o choro não cessa, o vômito e a diarréia tampouco.

Em ambas as hipóteses, a criança estará sempre prejudicada.

Quando uma criança se mostra assim difícil na sua criação, é inútil insistir nesses métodos que não dão nenhum resultado e antes levam de mal a pior.

Ao contrário, deve-se o mais cêdo possível seguir pelos conselhos do pediatra, afim de bem precisar a que circunstâncias se prendem êsses sintomas que lhe perturbam o desenvolvimento e trazem o eterno desassocego dentro de casa.

Noutro artigo, há algum tempo, acentuamos a necessidade de disciplinar desde a mais tenra idade, o ambiente e o método alimentar dessas crianças.

O bebê deverá ser conservado no berço de tôdas as maneiras e dêle só se acercará a mãe no momento de dar-lhe o alimento. O choro a que se entrega a criança nervosa de uma maneira incrível desde os primeiros dias, só aplacando quando o põem ao colo, provém quase sempre da quebra dêsse princípio, que é o de sua vida isolada no bercinho.

Horário inflexível do alimento de 3 em 3 horas; mesmo que o bebê esteja dormindo na hora do alimento deve ser acordado.

O bebê dêsse tipo de que nos ocupamos é um grande disperdiçador de energias, que cumpre compensar com um alimento de alto nível calórico e ao mesmo tempo de fácil digestão.

De fato, o regime prescrito com êxito para um bebê normal não lhe assegura um desenvolvimento correto. Ao contrário, o alimento ocasiona muitas vêzes evacuaçes líquidas e frequentes, motivadas por uma irritabilidade do intestino tôda especial.

Mas, há um alimento cuja ótima tolerância, com aumento do peso em condições ótimas, realiza verdadeiras maravilhas. E' a **mistura butiro-arinácea**.

Nós preparamos hoje a mistura partindo do leitelho.

Eis a fórmula para 1 mamadeira de 150 a 200: Manteiga, farinha e açúcar, 2 a 3 colheres de chá; leitelho em pó, 4 a 6 colheres de chá; água quente (do filtro) 150 a 200.

O processo de preparo é simples: o leitelho é desmanchado na água quente. A parte, numa caçarola esmaltada, a manteiga é aquecida até espumar (fogo brando); juntar, então, a farinha aos poucos, sempre mexendo com colher de pau, uns 3 a 5 minutos, até que a massa adquira uma cor marron característica. Reunidos, enfim, ao cabo da operação, os dois constituem o mingau de manteiga.

Essa mistura pode ser usada no primeiro triméstre da criança, sempre que seu desenvolvimento está retardado e há distúrbios do aparelho digestivo. Pode-se prolongar mais tarde, entremeiada com outros mingaus.

Mas, é no bebê de criação difícil, e indiosincrasia manifesta para o leite materno, na qual o exame do pediatra apura um desvio da constituição, que a sua indicação é insubstituível.

Aqui, porém, se observará a mudança do alimento ante o menor sinal de exagerada ascenção da curva do peso.

Nos 2 e 3 primeiros meses poderemos manobrar com o leitelho sem manteiga, segundo o preparo, por exemplo, para 150 a 180 gramas:

Farinha de arroz — 1 e meia colher de chá; águua (do filtro) — 75 gramas; coser 5 minutos e juntar ao seguinte: leitelho — 1 a 2 medidas cheias; água — 75 a 120 gramas. Agitar vivamente na mamadeira.

Pelo 4º e 5º meses deve-se introduzir comida de sal:

200 gramas de caldo de carne magra, ou de ossos e frango bem desengordurado (com o auxilio de uma toalha molhada), sal, 2 a 3 colheres de chá de uma farinha (maizena, aveia, fécula de batata, semolina).

Convém centuar que o beba de temperamento nervoso nem sempre aceita de boa sombra essas inovaçes, e costuma dar trabalho nessas mudanças. Mas deve-se insistir em variar o alimento. Se, por exemplo, recusa o sal, tente-se então o cozimento de cenouras passadas por peneira, engrossado com uma dessas farinhas.

Deve-se evitar, o mais que possa, o uso de medicamentos calmantes. Só no início poder-se-á, a êsse respeito, transigir, e só até que o bebê se afaça ao nosso regimen.

«Envoltórios humidos, em panos molhados em água morna, duas ou três vêzes por dia, são um excelente calmante».

Como remédio interno, com as cautelas já recomendadas, o bromural é por muitos o preferido: 0,15 gr. em cada papel (de 1 a 2 meses), ou 0,30 gr. (acima de 3 meses). Dar 1 antes do sôno do dia, outro à noite. (Chiaffarelli).

CORRESPONDÊNCIA DAS MAES

F.G. — Juiz de Fora — Pergunta qual o futuro do prematuro? A mesma robustez da criança nascida a termo, mais tarde. De fato a curva do crescimento e do peso é, nele, muito mais intensa que nesta, e no fim do 5º mês o peso já triplicou, enquanto que no bebê a termo o peso apenas duplica. Assim um prematuro que nasceu com 2.000 gramas no fim do 5º mês já pesa 6.000 como uma criança que nasceu a termo com 3.000 gramas!

Quanto à inteligência não há nenhuma inferioridade, bem como quanto às funçes neuromotoras.

R.S. — Nesta — Dê 50 a 100 gramas de suco de lima, laranja, uva, tomate ou cenouras, misturados ou não, adoçado, do 3º mês em diante a seu bebê. Ao mesmo tempo vá ensaiando os banhos de sol com as devidas cautelas.

Z.R. — Nesta — Como pediu com urgência, aqui vai a tabela da criança do sexo feminino no 1º ano:

N.M. — Nesta — Experimente as mamadeiras com as normas acima e use uma farinha laxativa como de aveia, de preferência. Se a prisão de ventre persistir, dê extrato de malte (1 colherinha, aumentando a dose se fôr necessário, por dia). Um bom preparado com o complexo B também é para aconselhar. Purgativos e supositórios, não.

C.S. — Amparo — Seu caso é semelhante ao acima. Acrescento que as lavagens no tratamento da prisão de ventre são da mesma forma condenadas; até de nós na tripa têem sido incriminadas. Pare com isso. Também pode adoçar as mamadeiras com extrato de Malte.

L. T. — Nesta — Não penso em verminose no caso de seu filhinho. Mende-lhe examinar a garganta, amígdalas. Talvez aí esteja a causa de sua palidez, constante resfriados, «mau dormir». E' conveniente, porém, para afastar as dúvidas, que mande proceder ao exame das fezes para vermes e outros parasitos.

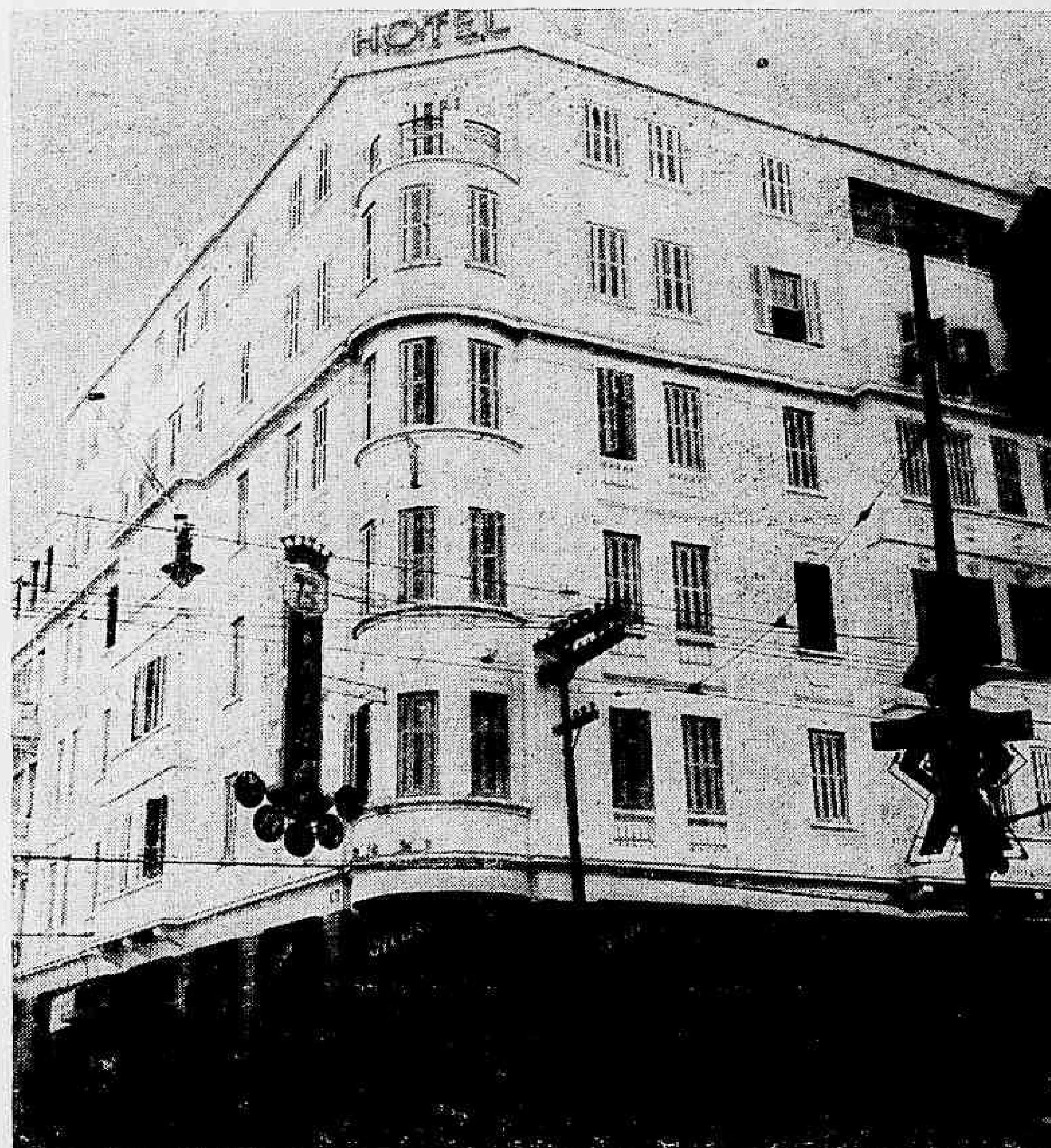
Idade	Peso	Estatura	Circ. torax	Idem cabeça
Nascimento	3.239	0,49	31 centimetros	33
1 mês	4.200	0,54	33 centimetros	35
2 meses	4.730	0,55	35 centimetros	37
3 meses	5.650	0,60	37 centimetros	39
4 meses	6.290	0,62	38 centimetros	40
5 meses	6.820	0,63	39 centimetros	41
6 meses	7.230	0,65	40 centimetros	41
7 meses	7.720	0,66	41 centimetros	42
8 meses	8.220	0,67	41 centimetros	42
9 meses	8.650	0,68	42 centimetros	43
10 meses	8.910	0,69	43 centimetros	43
11 meses	9.180	0,70	43 centimetros	44
12 meses	10.040	0,71	44 centimetros	44

NOTA: — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê dirigir à REVISTA DA SEMANA, para a seção SAÚDE DO BOBE — R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio.

INCREMENTO AO TURISMO NACIONAL

SÃO PAULO DOTADO DE LUXUOSO HOTEL

O "HOTEL BARABAY", UM ESTABELECIMENTO À ALTURA DO PROGRESSO PAULISTA ★ O DINAMISMO DO COMENDADOR JOSÉ FORTE POSSIBILITOU O SURGIMENTO, NA CAPITAL PAULISTA, DE UM ESTABELECIMENTO À ALTURA DO SEU PROGRESSO ★ ALTO CONFÔRTO NUM HOTEL QUE NÃO E' CARO



UM dos problemas de maior importância para o movimento de turistas, em todo o Brasil, e marcadamente em São Paulo, é hoje em dia o dos hotéis. Os elementos ligados ao comércio, que recebem sempre a visita de representantes, comerciantes e amigos de outros Estados, passaram já pela experiência de ter que reservar aposentos com grande antecedência, e quando por acaso alguém chega a São Paulo, de outros pontos do Brasil, de uma hora para outra, vê-se em sérias dificuldades para conseguir acomodação. Este quadro serve para dramatizar uma situação que não escapou ao tino argulo do comendador José Forte, dinâmico industrial e banqueiro paulista, que logo compreendeu a necessidade de dotar São Paulo de um hotel a par de seu vertiginoso progresso, com seus dois milhões de habitantes. O comendador José Forte é pessoa que tem seu nome ligado a várias realizações em prol do bem-estar público, e mesmo o ramo de hotéis não lhe é desconhecido, pois foi êle quem organizou, em 1944 o "Hotel Amália", sito à rua Xavier de Toledo, em magnífico prédio de sua propriedade, hoje arrendado a terceiros.

LOCALIZAÇÃO E PREÇOS

O "Hotel Barabay" é o novel estabelecimento do gênero de que estamos falando. Instalado em prédio amplo, de seis andares, totalmente remodelado, o "Hotel Barabay" está situado na rua dos Gusmões, esquina da rua Santa Ifigênia. Dotado de ótimo "hall" de entrada, a impressão que se tem ao entrar no prédio é de confôrto. Nos seus 115 quartos e apartamentos vêem-se roupas de cama finíssimas, colchões de molas das melhores marcas, água corrente, telefone, tudo isso sob o maior apuro e bom-gôsto. Entretanto, apesar de verdadeiramente luxuoso e proporcionando o maior confôrto aos seus hóspedes, o HOTEL BARABAY não é caro. Seus preços, conforme logo verificam seus clientes, são bastante acessíveis. O serviço do hotel é impecável, com serviço de café matinal, confortáveis poltronas na sala de estar, lavanderia própria sob os requisitos da técnica moderna, ótimo serviço de "bar", tudo a cargo de pessoal com muitos anos de serviço no ramo, pois o comendador José Forte fêz questão de sòmente contratar gente experimentada no "metier".

O comendador José Forte, que já teve seu nome ligado a um dos magníficos hotéis da capital paulista, pretende criar mais dois dêsses estabelecimentos, um na Capital e outro em Santos, ambos em prédio próprio, para o que já adquiriu os respectivos terrenos. Assim, o comendador José Forte confirma o espírito de bandeirismo dos industriais e banqueiros de São Paulo, criando, arrojando para o futuro obras de que o Brasil necessita para o seu desenvolvimento, para um maior entrelaçamento entre os brasileiros. O exemplo do dinâmico homem de negócios paulista é digno de ser seguido por outros e prestigiado pelo povo brasileiro.

CINEMA PARA O BRASIL

(Cont. na pág. 30)

o mesmo titulo. Seus protagonistas serão Procópio Ferreira e Henriette Morineau. Também a jovem atriz Antonieta Morineau está sob contrato nos estúdios de Jaçanã.

Alfredo Palácios, experimentado colaborador do «metier» cinematográfico, e Armando Couto, são os responsáveis pelos diálogos de «Susana e o Presidente», cujo argumento-base se deve a Ruggero Jaccobi e Gino de Sanctis.

Ainda voltando à Vera Cruz, diremos que Luciano Salce, contratado na Europa pelo Teatro Brasileiro de Comédia para dirigir alguns de seus espetáculos, também realizará filmes em São Bernardo. Um dêles será a versão cinematográfica de «O Anjo de Pedra», de Tennessee Williams, que Cacilda Becker interpretou admiràvelmente, faz poucos meses, no palco do vitorioso teatro da rua Major Diogo.

E para terminar êste apanhado de notas após as visitas que vimos de fazer aos dois produtores do cinema brasileiro em São Paulo: Quando se filmavam exteriores de «Ângela», na cidade gaúcha de Pelotas, a estrêla da película, Eliana Lage, contraiu matrimônio com o diretor do filme, Tom Payne.

LIZABETH SCOTT, GOSTOU . . .

(Cont. da pág. 11)

ca» muito simpático e admirou as tatuagens. Em seguida nos informou de que voltará ao Rio para conhecê-lo melhor. Seus últimos filmes são: «Amei até morrer», com Robert Cummings, e «Cidade Negra» com um novo galã, Charlton Heston, ambos da «Paramount».

Perguntamos quais os companheiros de trabalho de que mais gostava, e ela nos respondeu com um sorriso: «De todos. Não faço distinção».

— Por que retirou o E inicial de seu nome, mis Scott?

— Ah! sou muito supersticiosa! Com o E, teríamos 14 letras e sem essa letra, são treze, o número da felicidade, para mim... Treze — concluiu — dá sorte, e, além disso, dá mais personalidade, contribui mais para a publicidade.

Os fãs haviam descoberto a estrêla e passaram a assediá-la. Despedimo-nos e aguardamos sua volta brevemente, a fim de passar mais tempo entre nós e gozar mais demoradamente dos encantos do Rio.

ROMANCE SÉRGIO CARDOSO

(Cont. da pág. 21)

de Arte, o que não a impediu de iniciar os ensaios no papel de Rainha Gertrudes, em substituição à intérprete Barbara Heliodora Carneiro de Mendonça, que, por motivos vários não pudera continuar em cena. Contudo, ainda desta vez Nydia não pôde estrear, sendo substituida por Cacilda Becker. Mas os efeitos dêsse primeiro encontro entre Nydia e Sérgio, foram os mais românticos. Êle guardou daquela moça muito bela e inteligente, com uma voz que é hoje considerada como a "mais linda do teatro brasileiro", falando italiano, francês, inglês e alemão, além do seu próprio idioma, a melhor das impressões.

Nydia pretendia ser cantora lirica, tendo feito excelente curso com sua própria mãe, professôra de longa prática e raras qualidades pedagógicas.

Dos contatos entre êsses jovens de tão harmonioso espirito de luta pelo ideal, verificou ainda Sérgio Cardoso que Nydia não sentia pelo teatro apenas um interêsse de platéia ou de simples desejo de erudição literária. Era ela, também, uma artista, uma devotada amante da vida ativa e emocionante do proscênio.

Quase um ano se passou sôbre êsse idilio mais ou menos intelectual e platônico. E, sucedeu o que estava escrito no livro do destino. Quando Nydia foi para o Teatro Copacabana, integrando o Teatro Experimental de S. Paulo, Sérgio voltou a rever-se nos próprios olhos de sua colega de arte. Nydia já interpretava, como artista de teatro, as peças de Abilio Pereira de Almeida, "Pif-Paf", "A mulher do próximo", "À margem da vida" (The Glass menagerie), de Tennessee Williams. O que foi essa temporada, está consagrado pela critica e pelo público que afluiu ao Teatro Copacabana. Sérgio também ficara encantado com Nydia. Muito conversaram sôbre a Arte de Teatro neste país, e Sérgio não escondeu as decepções por que passara com sua tentativa malograda do Teatro dos Doze, tendo cabido a culpa, em grande parte, ao Serviço Nacional de Teatro. Mas a vida do homem de inteligência, de ideais, de espiritualismos é assim mesmo.

Não lhe tendo sido possivel realizar o programa que traçara meticulosa e eficazmente para a excursão por todo o Brasil, com o "Teatro dos Doze", pois falharam os recursos com que contava, sentiu o amargor da desilusão como se estivessem, êle e os companheiros, a sofrer os dissabores dos perseguidos Doze Apóstolos de Cristo nos começos do cristianismo. Mas, a chama do entusiasmo continuava a crepitar em sua alma de artista e jovem empreendedor. E não lhe saía do pensamento a idéia de trabalhar no Teatro Brasileiro de Comédia. Surprêsa agradável! Soube Sérgio que Nydia também iria para o mesmo conjunto e que, portanto, seriam colegas!

Quando ela mesma lhe entregou em mão os originais de "O Mentiroso", de Goldoni, com que iria Sérgio estrear no TBC declarou que também seria uma das integrantes do mesmo. E assim sucedeu. Sérgio entrou para o TBC em São Paulo e, já na representação de "Entre quatro paredes" (Huis clos), de Jean-Paul Sartre, Nydia fazia parte do elenco, recentemente vinda de sua temporada carioca.

Essa aproximação mais forte serviu para confirmar a idéia que êle já formara de sua adorável colega. E um belo dia, como nas fitas de amor e romance, ela o convidou para almoçar em sua casa. Sérgio compareceu e levou-lhe, como presente, um pé de orquidea. Qual não foi sua surprêsa quando verificou que Nydia era colecionadora dessa planta e já premiada por várias vêzes!

Enfim, voltou êle à casa de Nydia no dia seguinte. E no outro, e no outro também... Numa segunda-feira veio ao Rio em visita aos pais. Na têrça-feira seguinte regressava a S. Paulo e na quarta ficava noivo. Mas Sérgio sempre foi decidido: um mês depois, casava-se com Nydia. Tudo rápido e definitivo, como se deve fazer na era atômica...

O casamento se verificou no dia 29 de maio, no próprio saguão do Teatro Brasileiro de Comédia. Foram padrinhos dela Sr. e Sra. Francisco Matarazzo Sobrinho, e os dêle, Sr. e Sra. Ruggero Jacobbi. A viagem de núpcias foi uma das mais curtas do mundo. Foram passá-la em Santos na segunda-feira do matrimônio e já na têrça seguinte voltavam para ensaiar "A importância de ser prudente", de Oscar Wilde, peça com que estreava como diretor, Luciano Salce. Fizeram juntos essa peça e "O anjo de pedra", de Tennessee Williams, bem como "Do mundo nada se leva", de Moss e Hart. Estrearam também o Teatro da Segunda-feira, iniciativa do mesmo TBC, fazendo Nydia "Lembranças de Berta", de Tennessee Williams, e êle, "O homem da flor na bôca", de Pirandello. No segundo espetáculo do Teatro de Segunda-Feira, onde só se representam peças de vanguarda, fêz ela "Rachel", de Lourival Gomes Machado, e Sérgio, "O Inventor de cavalo", de Campanile. "Paiol velho", de Abilio Pereira de Almeida, um dos últimos cartazes do TBC, foi a primeira trégua que tiveram nesse trabalho ininterrupto. Aproveitaram então o "armisticio" para uma rápida viagem ao Rio, onde reviram, com inesquecivel satisfação, amigos agora comuns. No momento em que escrevemos esta reportagem, está Sérgio representando o papel de Pai, na peça de Pirandelo, "Seis personagens à procura de um autor". Pela primeira vez não trabalha ao lado de sua Nydia. Mas, já na próxima peça, "Invitation ao chateau", de Anouilh, ainda sem nome em português, ela voltará a contracenar

(Cont. na pág. 43)

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com Óleo de Peroba.

Produtos
MYSTIK
de
Mme Campos

Para Maquilage Científica - Rouge Facial em pó - Crême de Morangos - Crême Base - Loção e Crême contra espinhas

À venda nas boas casas
ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA Mme. CAMPOS
Assembléia, 115 - 1.º Rio

CIRURGIA PLÁSTICA
Dr. Fausto Campos
Prática nas clínicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.
CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO
Tratamento da pele e do cabelo
Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701



À VENDA
em tôdas as Bancas

DESODORIZE
O SUOR SEM
PREJUDICAR
A SAÚDE

ANADORAN tem um total efeito desoderante sôbre o suor e não impede a transpiração. Não mancha os tecidos, por mais delicados que sejam. Ideal para axilas e pés.



ANADORAN
SEREIA
o desoderante perfeito

Pedidos à Perfumaria Sereia Ltda.
República Perú, 326 - Rio

Os seus móveis velhos poderão ficar novos se aplicar em sua limpeza Óleo de Peroba.

AS IRREVERÊNCIA . . .

(Cont. da pág. 22)

onde êle ficaria até que as coisas se normalizassem. Sòzinha em casa, Norma ficara entregue à sua dor profunda e já há dois meses que, tôdas as noites, fechada em seu quarto, a jovem vertia amargas lágrimas.

Uma tarde recebeu a visita de uma amiga que fazia muito não via.

— Norma, minha querida! Como você está magrinha! — Começou a visita, interessada.

— Como vai, Julie? Conte-me as novidades... — Respondeu a moça discretamente.

— Tem havido reuniões interessantíssimas em casa dos Hammond. Os Georgeson estão divorciados há um mês. Mas falemos de você, minha querida. Por que tem desaparecido? Como está o Fred? Você era tão gordinha e a vejo agora tão esbelta. Realmente está bem melhor agora. Conte-me como vão as coisas.

Não só para atender à sua amiga, como para desabafar, Norma contou-lhe o que se passara entre ela e o marido. Disse-lhe que estava certa de que alguma outra mulher a estava substituindo no coração de Fred e só o divórcio viria definir sua situação. admirava-se de que tudo estivesse correndo tão demoradamente, porque o caso estava entregue a um advogado seu amigo.

— Pobrezinha! — Comentou Julie sinceramente penalizada — Mas você não pode continuar entregue a essa apatia indefinidamente. Escute só: os Hammond vão dar um baile à fantasia, aproveitando a época de carnaval, dentro de quinze dias. Vou remeter a você, um convite. Trate de arranjar uma fantasia bem bonita. Quem sabe se você não arranjará um novo príncipe encantado?

Ficando só, Norma pensou em si pela primeira vez. Não deixava de ser interessante o que Julie dissera. Realmente, não devia estragar sua vida sòmente por causa de um grande amor não correspondido. Que Fred fôsse para o inferno porque ela pretendia refazer sua vida fracassada. Depois de longas noites de amargura e pranto, aquela foi a primeira em que Norma se deixou embalar pela esperança.

★

Em seu confortável apartamento de hotel, Fred recebia diàriamente a visita de Sally. Sempre amorosa, eternamente sedutora e coquete, Sally conseguia, com sua presença, desanuviar os pensamentos do rapaz, de quando em vez turbados pelo remorso. Êle que sempre amara a tôdas as mulheres... êle que sempre zombara do amor... êle que fôra a sua maior vítima, não podia fugir de certa auto-recriminação diante do próprio procedimento para com a espôsa. Nunca mais voltara ao advogado encarregado da petição de divórcio que continuava em espectativa. Naquele sábado, Sally convidara-o para passar o fim de semana no campo, como haviam feito outras vêzes.

— E' um lugar maravilhoso! — disse Sally tentando convencê-lo — Fica ao pé da colina. Imagine que todos os casais românticos disputam a casinha que agora consegui alugar para nós. Você vai adorar.

— Infelizmente não posso ir, Sally. Tenho um encontro com o meu advogado para esta noite, e amanhã, apesar de domingo, devo tratar de alguns assuntos importantes no meu divórcio.

— Seu divórcio!— — disse ela com desprêso. — Sabe o que penso? E' que se você quisesse, realmente, já estaria divorciado. Se você não quer ir, não importa. Vou a qualquer balneário queimar-me um pouco. Vou agora mesmo tratar disso. — Com um beijo frio, Sally deixou o rapaz que, naquele momento exato, sentiu um grande vazio dentro de si mesmo e uma grande sensação de saudade... saudade de Norma.

Naquela m e s m a tarde um mensageiro trouxe-lhe um convite para um baile à fantasia.

Terminados os seus afazeres, aí pelas dez horas da noite, Fred resolveu vestir o "smoking" e divertir-se um pouco no baile de máscaras.

O salão regorgitava de convidados. Lindas mulheres envergavam maravilhosas fantasias. O vibrar de gargalhadas argentinas juntava-se ao estourar do champagne e à música barulhenta própria da época. Fred entregou-se passivamente ao ambiente, dançando com quantas jovens pôde, dizendo galanteios a tôdas elas que ficavam maravilhadas com tão gentil cavalheiro. Fazia cêrca de uma hora que Fred estava ali e enquanto seus lábios sorriam e diziam coisas amáveis, seu peito continuava vazio e seu cérebro entorpecido. Não fôsse êle um homem de sociedade, habituado a situações idênticas e não suportaria o baile nem por cinco minutos.

Finalmente o ambiente começava a cansá-lo. Já não lhe era possível suportar por mais tempo aquela situação. Resolutamente dirigiu-se para a porta. Repentinamente seus olhos pousaram na maravilhosa silhueta de uma mulher. Parou abruptamente e ficou a admirá-la. Jamais lhe fôra dado admirar um corpo tão elegantemente esbelto, diante do qual a própria Sally pareceria inestética. O colo acetinado saía do amplo decote do vestido de cetim negro, de blusa drapeada, e sempre bem delineado chegava ao pescoço liso e branco. Do rosto via apenas através dos furos da máscara dois pedacinhos de olhos verdes. Os cabelos castanhos prêsos de um só lado, caíam em um dos ombros em madeixas artìsticamente armadas. A luz das lâmpadas punha reflexos dourados na linda cabeleira cujo único enfeite era uma rosa vermelha. A máscara cuja parte superior era em lantejoulas negras, descia até ao queixo talhada em fina renda italiana. Fred não conseguia desprender os olhos da estranha e sedutora figurinha. Olhou as mãos mas viu-as cobertas com luvas da mesma renda da máscara e que subiam até ao braço. Seu olhar deslizou por todo o corpo da moça, examinando com mais atenção a cinturinha fina e os quadris salientes, o busto bem proporcionado. Sem se conter e esquecido de que pretendia retirar-se. Fred adiantou-se para a encantadora figura que estremeceu à sua aproximação.

— Permite-me? — pediu êle oferecendo-lhe o braço.

(Cont. na pág. 44)

DESEJO

(Cont. da pág. 28)

— Não; não é visita. Imagine você que um coleguinha de Henrique, o meu "mais velho", está muito enfraquecido, teve de interromper os estudos e vem para cá. Vem para uma temporada, a conselho médico Já tem pensão tratada. Vai ficar na casa daquela alemão da Chácara das Pedras....

— Sei...

— Êle chega amanhã e, como vem só coitado, meu filho pediu-me que eu fôsse recebê-lo.

No dia seguinte o rapazinho, ao desembarcar, encontrou-nos à espera, e nós o levamos à sua nova moradia. Dona Helena conversou com a mulher do alemão da chácara, que já conhecia, e recomendou o novo hóspede, dizendo mesmo que se interessava por êle como por um filho.

O mocinho estava, realmente, em grande estado de fraqueza, magro, abatido, com uma côr que denunciava grandes desperdícios de vitalidade, noites perdidas, estudos excessivos ou qualquer outra causa de um cansaço de exaustão. Não me contive e quando voltávamos para casa, interroguei dona Helena sôbre os motivos daquele visível esgotamento.

— A idade, minha filha! Um fedelho dêsses, às vêzes, pensa que já é homem mesmo, começa a fazer asneiras, abusa das noitadas, mete-se em orgias... Rapazinho assim, com aquela carinha, com dinheiro no bôlso, sôlto no Rio... Por isso é que eu e meu marido trazemos os nossos sob a maior vigilância! Quando vim para aqui meu maior cuidado eram os meninos. Que mêdo eu sentia de os deixar sòzinhos, sem o meu cuidado!

Pouco a pouco Adalberto foi se habituando à nova vida. Tôdas as tardes, sem falta, vinha à nossa Pensão. Mostrava-se educado gentil, e como nós o sabíamos protegido de dona Helena, recebíamo-lo sempre com solicitude.

E ' aqui que começa a parte estranha do meu caso.

Separada dos filhos, dona Helena, na sua saudade, sem sentir transferia a Adalberto cada dia mais, um pouco da sua natural ternura. Mostrava por êle, certas vêzes, cuidados maternais. E havia mesmo carinho em certas frases que lhe dirigia, coisa natural em quem, sendo mãe, e tendo os filhos ausentes, melhor que ninguém compreendia o que êle devia sofrer, separado dos seus.

(Cont. na pág. 44)

Mantenha os seus móveis bem lustrosos, aplicando com uma flanela Óleo de Peroba.

"Uma caça noturna"...

...sòmente por causa de uma única pulga — é uma grande maçada!



Não se aborreça... Polvilhe sôbre o lençol e o próprio corpo NEOCID em pó... e continue seu sono, tranquilo. Use o pó, que não irrita a pele e não deixa cheiro.

Para pequenas aplicações prefira a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.
(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA
Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo
Remessas pelo Reembolso

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos é indispensável o uso do Óleo de Peroba.

CARNAVAL NA TERRA DO. . .

(Cont. da pág. 7)

percussão, acompanhado de u'a mulher que conduz, na extremidade de um bastão, uma bonequinha ricamente adornada.

— Tem orquestra?

— Não. A música do maracatu é o batuque. Um batuque puro e autêntico, executado por um conjunto de 10 a 12 zabumbas (bombos).

— Como é êsse batuque?

— Vigoroso e impressionante. Arrancado das grandes caixas de couro pelos negros suarentos, ricamente vestidos, como no tempo da Embaixada Africana, também carnavalesca.

— Há analogia entre o maracatu e o maracá?

— Nenhuma. Maracá é uma palavra indígena que traduz cabaça sêca e interiormente limpa. Era usada pelos indígenas do Maranhão, que a agitavam nas festas guerreiras, metendo-lhe dentro pedras e frutos.

— O maracatu usa bandeira?

— Claro que sim. E essa bandeira sempre obedece ao formato universal dos pavilhões dos diversos países do globo. Os maracatus têm um rei, uma rainha, princesas e damas de honra, embaixadores, o que prova tratar-se de uma "nação", com cortejo real. Por isso, êles se denominam Nação Elefante, Nação de Pôrto Rico, etc.

— E o frevo?

— E' uma palavra de etimologia desconhecida, criada em Pernambuco para designar um ajuntamento de pessoas dançando e fazendo trejeitos ao som da música, nas festas de Momo. Enfim, uma folia animada.

— Há pares na dança do frevo?

— Não. E' uma dança movimentadíssima, onde não há pares. Cada qual dança sòzinho, fazendo tôda espécie de gatimonhas e trejeitos os mais disparatados e difíceis, ao som de instrumentos de sôpro e de cordas.

ROMANCE SÉRGIO CARDOSO

(Cont. da pág. 41)

com êle. Também no terceiro espetáculo do Teatro de Segunda-Feira, trabalharão juntos, supondo-se que na peça "Orfeu", de Cocteau, ela no papel de Morte e êle no de Orfeu.

Eis, em resumo, o que se passou com Sérgio e Nydia. Fora de suas atividades são um casal como qualquer outro. Moram num apartamento em frente ao teatro, o que muito lhes facilita o desempenho profissional. Pela manhã tomam aulas de canto, sendo a professôra de ambos a própria mãe da espôsa. Com Chinita Ulman, dança rítmica E muito estudam, especialmente os seus papéis, e lêm bastante, pois ambos são apaixonados da leitura. Durante a tarde, ensaiam. À noite vão representar. Quando não estão no palco, visitam amigos, vão ao cinema ou passeiam. Mas, quando há uma folga, aproveitam-na para ver tudo o que de teatro se está fazendo em São Paulo, pois uma de suas maiores satisfações é o aplaudir os seus colegas.

O repórter da REVISTA DA SEMANA perguntou a Sérgio quais os seus planos para o futuro, e êle respondeu:

— "Embora não possamos responder com segurança, temos sonhado com uma viagem à Europa, o que se ia realizando no ano passado, quando Barrault estêve aqui. Da grande amizade que entre nós surgiu, veio um convite para irmos à França, onde estudaríamos sob suas vistas e, mais tarde (quem sabe?), trabalharíamos".

— E o que impediu essa viagem?

— Os compromissos assumidos para com o TBC. Seja dito, porém, que não temos pressa quanto a isso, e o fato pode ser explicado por têrmos no TBC um ambiente de trabalho sem igual. Além de tudo, os três diretores, Adolfo Celi, Luciano Salce e Ziembinski, que nos dirigem nos ensaios, valem por um curso de teatro e dos melhores. Outra particularidade que muitos nos ajuda em S. Paulo é o convívio dos artistas que colaboram com o TBC e o daqueles que formam a vida intelectual, por assim dizer, de S. Paulo, e isso muito nos tem ajudado.

— Quais, dentro os seus colegas de teatro, os que reputa mais perfeitos?

— O espírito de equipe do TBC, não nos permite apontar êsse ou aquêle artista. Basta saber-se que, pela nossa organização, pode um ator ou artista fazer hoje um papel central de grande responsabilidade, e, na outra peça, figurar numa simples ponta... Contudo, embora não possa fazer distinções, quero declarar que o meu trabalho ao lado de colegas de verdadeiro talento muito me tem agradado e sempre aprendo muito. Acho, porém, que Cacilda Becker é uma dessas figuras de primeira linha.

— Já foi tentado pelo cinema?

— Nada podemos adiantar a êsse respeito. Embora a Companhia Cinematográfica "Vera Cruz" tenha estreitas relações com o TBC, nosso contrato é com êste e, só em casos excepcionais iríamos para aquela. Não quero dizer que não nos interesse o cinema. Gostaríamos da experiência, que seria interessantíssima, porém, só experiência, pois não trocaríamos o teatro por nada neste mundo.

— Nydia é paulista?

— Não. E' italiana, de Trieste, e mais nova do que eu dois anos. Quanto a mim, nasci em Belém, terra natal de Mara Rúbia, Joseph Guerreiro e Luiz Tito. E aqui vai a data: 23 de março de 1925.

— Que diz sôbre o "caso" Cavalcanti?

— Nada, meu amigo. Além de não estarmos a par do que se passou, o que nos interessa é o TBC. Só esporàdicamente tomamos conhecimento com o que se passa noutros setores da arte. E quando tal se dá, já todo mundo sabe...

— Há alguma divergência do ponto-de-vista artístico entre você e Nydia, quanto a autores?

— Nossos gostos pouco diferem, o que não impede a Nydia de continuar sendo grande admiradora de Tennessee Williams, e eu, do meu querido e velho Shakespeare. Mas isso, ao invés de desunir, cada vez mais nos aproxima, pois serve de estudo, de cultura e pesquisa. Além do teatro, somos "uniformes" na música, o que nos conduz à permanente felicidade e harmonia em que vivemos.





O EXAUSTOR CONTACT é um elemento de confôrto indispensável em seu lar. Auxilia a higiene e mantém a cozinha fresca e agradável. É fácil de instalar, mesmo em construções já concluidas. Seu funcionamento é silencioso e o consumo de energia é igual ao de uma pequena lâmpada.

Jotavé

JORGE T. ABDALLA & CIA. LTDA.
Avenida Almirante Barroso, 86
Fones: 42-8523 e 42-3217

Os móveis representam a vida do seu lar, e o Óleo de Peroba a vida de seus móveis.

"Êle depende da Sra...
e a Sra deve confiar na
ÁGUA INGLÊSA
GRANADO
o tônico das lactantes



Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do Óleo de Peroba.

AS IRREVERÊNCIAS. . .

(Cont. da pág. 42)

Sem uma palavra a moça deu-lhe o braço e saíram em direção ao salão. Para Fred, a barulhenta música do jazz pareceu-lhe repentinamente uma suave melodia. Enlaçando ternamente o esbelto corpo, o rapaz sentiu-se no sétimo céu e ao aspirar o suave perfume que emanava dos cabelos da moça, sentiu estranha sensação de prazer. Positivamente aquela mulher era a mulher que o destino lhe reservara. Sentia isso. Não existia Norma, nem Sally, nem ninguém. Era aquela incomparável desconhecida a mulher que havia de arrebatá-lo e por ela apressaria o divórcio. Refletindo assim, Fred esquecia que poderia haver impedimentos por parte dela, mesmo porque estava certo de lhe ser fácil sanar qualquer dificuldade que viesse a surgir. Pela primeira vez depois de dez anos, depois da decepção sofrida com Sally, Fred sentia-se o homem de antes. Aquela impressão maravilhosa como que ressuscitara o velho Fred, o adolescente donjuanesco. Queria arrebatar dali aquela mulher e confessar-lhe o seu amor, e conquistá-la irremediàvelmente. Num sussurro falou-lhe:

— Queira acompanhar-me? Preciso muito falar com você.

Apenas com um gesto de cabeça a moça acedeu e alguns miutos depois estavam no carro rumando em direção ao apartamento de Fred. A jovem ficou maravilhada com tanto confôrto e simplicidade. O rapaz deixou-a na sala e foi atrás de bebidas, recomendando antes que ela retirasse a máscara. Quando êle voltava, colocando os copos sôbre a mesinha, encaminhava-se para ela, a moça aproximou-se da parede. Prevendo o gesto dêle de arrancar-lhe a máscara, sua mão ràpidamente deslizou pela parede até o comutador da luz e mudou-lhe a posição. A sala estava às escuras quando as mãos sôfregas do rapaz arrancou-lhe a máscara. Foi com paixão irrefreável que Fred tomou-a nos braços, cobrindo-lhe o rosto de quentes beijos, para depois colar os lábios ávidos na bôca entreaberta da jovem.

— Minha querida... você deve pensar que sou algum louco em trazê-la aqui como para uma aventura vulgar, mas a verdade é que estou apaixonado, mesmo sem ver-lhe o rosto que adivinho sublime.

A jovem apenas suspirou e apaixonadamente retribuiu beijo por beijo. Sua mão novamente correu ao longo da parede até ao interruptor que, voltado, inundou a sala de luz. Erguendo vagarosamente a cabeça, Fred fitou o lindo rosto afogueado voltado para êle. Os cabelos agora em desordem, davam uma graça infantil à jovem que êle segurava. Num murmúrio profundo onde se notava surprêsa e ansiedade:

— Norma!

— Fred! — gemeu a moça.

Desprendendo os braços do corpo de Norma, Fred segurou-a pelos ombros, afastando-a de si para melhor admirá-la.

— Norma! Não é possível que você tenha sido sempre assim... maravilhosa. Eu estava cego, certamente. Tendo-a ao meu lado por tantos anos sem vê-la. Foi preciso que eu a desconhecesse para descobri-la. Agora estou certo de que sempre a amei, e só a você, embora teimasse em me enganar a mim mesmo. Vamos, querida. Diga alguma coisa.

Norma soluçava baixinho. Quando Fred a envolveu apaixonadamente, voltando a beijá-la com o mesmo ardor anterior, Norma deixou de soluçar e tentou explicar.

— Eu não queria ir ao baile, mas Julie insistiu tanto que acedi, embora contra minha vontade, que era permanecer em reclusão até o nosso divórcio.

— Não fale nisso, querida, pois se só agora acabamos de nos casar. Hoje será nossa noite de núpcias, e amanhã faremos uma viagem de lua-de-mel, aquela que não fizemos há alguns anos atrás.

Norma não encontrava palavras para dizer de sua emoção. Deixava-se levar mansamente e mesmo quando Fred a tomou nos braços, carregando-a para o quarto do apartamento, ouvia-se apenas profundos suspiros que acabaram por desaparecer quando a porta se fechou.

DESEJO

(Cont. da pág. 42)

O menino, porém, — porque não passava realmente de um menino — parecia não dar a interpretação real àquêle interêsse.

Começamos a notar, eu e outras pensionistas, que êle algumas vêzes assumia atitudes descabidas, que só dona Helena, na sua boa-fé, parecia não ver. Dava-nos, a tôdas, a impressão de que não mais via nela a mãe de um colega, mas apenas a mulher, ainda bela, ainda moça, que na verdade ela era. Tinha atitudes de amoroso. Intercalava nas conversas frases dúbias, idéias audaciosas, revelando sempre uma precocidade que nos dava que pensar.

Às vêzes, demorava, fazia-se atrasar e observava a minha amiga, como se visasse descobrir nela algum vestígio de inquietação ou de ciúme.

Pensei em alertá-la, mas a dona da Pensão me dissuadiu de fazê-lo. Achava que com isso, eu iria ferir-lhe a sensibilidade. Uma vez que o mal não estava nela, mas sim do lado dêle, nada ruim, evidentemente, poderia acontecer. Mais cedo ou mais tarde aquêle desvairo dêle passaria, quando êle compreendesse a verdadeira significação das atitudes dela. Era questão de tempo.

O tempo, todavia, continuou a passar sem que isso acontecesse. Ao contrário, dia a dia Adalberto mais se transformava. Assumira, agora, ares de verdadeiro apaixonado. Os olhares que punha em d. Helena eram olhares cubiçosos. Deixava-se ficar horas a fio, silencioso, ao seu lado, devorando-a com os olhos numa adoração constante que só ela não via, ou fingia não ver.

Eu me perguntava, às vêzes, se aquela criatura seria cega, se o seu instinto de mulher poderia estar assim tão estranhamente embotado, que ela não percebesse o que se passava na alma do rapaz.

— Não percebe, é claro — teimava em dizer a dona da casa. — Ela vê nêle, apenas, uma criança igual aos seus filhos, e nem pode imaginar que êle a fite como um homem fita qualquer mulher...

A mim, algo me dizia que aquilo não estava certo, não poderia levar, positivamente, a bom resultado. Sem saber por que, eu sentia mêdo... E êsse mêdo foi maior, certa vez, em que, como já tantas outras, d. Helena recebeu a visita do marido. Parecia-me impossível que também êle não notasse. E se, acaso, percebesse, se entendesse, como eu, a significação de tudo, se traduzisse a linguagem silenciosa dos olhares do rapaz, de seus modos, de seus gestos...

Que poderia acontecer?

Deu-se, porém, o inesperado. Tendo vindo ao "Retiro", como sempre, e vendo em nosso grupo o visitante, o rapazinho, embora não podendo ocultar completamente o despeito e o desagrado, arranjou com habilidade uma desculpa e logo se ausentou.

D. Helena nada opôs àquela súbita retirada, e confesso que naquele dia, em minha mente perpassou um sôpro de dúvida.

— Terá ela alguma culpa — interroguei-me — no que está acontecendo? Dar-se-á que anime, que provoque, estimule no pobre menino êsse sentimento que êle, inexperiente, não sabe ocultar?

No dia imediato — talvez enciumado — Adalberto não apareceu. Mas logo correu, no terceiro dia, para perto dela, e em seu olhar havia mais fogo, em sua voz mais veemência, ao lhe falar. A visita indesejável parecia ter levado combustível à fogueira. O longo dia de ausência certamente exacerbara a louca paixão.

No domingo imediato aconteceu o que eu, sem saber, temia.

Nesses dias, à tarde, os moradores do "Retiro" costumavam todos sair. Havia sempre dispersão, cada qual tomando rumo diferente: passeios, visitas, cinema...

Naquele, porém, como fazia um frio terrível, deliberei ficar em casa. Ao conhecer minha decisão, d. Helena resolveu imitar-me. E ficamos as duas, sòzinhas, no casarão.

Subimos ao seu quarto, que era, aliás, um dos maiores da casa, com janelas para o jardim, e a minha amiga, fazendo-me ocupar uma poltrona junto à porta, sentou-se na cama, reclinada preguiçosamente nos travesseiros. Naquela posição de convalescente, mais sentada que deitada, mas com o corpo em repouso, as pernas estendidas, pôs-se a conversar.

Pouco demorou, entretanto, e bateram à porta. Fui abrir: era Adalberto.

Antes de deixar que o rapaz entrasse

Quanto mais velhos forem os seus móveis, mais bonitos se tornarão, conservando-os com Óleo de Peroba.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

BANCO DO COMÉRCIO S.A.

Capital e reservas: Cr$ 104.432.272,80

FUNDADO EM 1875

O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SAO PAULO

Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

O preço da REVISTA DA SEMANA, para a venda avulsa, é Cr$ 3,00. Os agentes e revendedores recebem os pedidos com o desconto necessário para que o público não pague mais do que o prêço de capa.

Não se submeta a exploração. Tome uma assinatura que, por seis meses, custa Cr$ 70,00; por um ano, Cr$ 140,00. Registrada custa, respectivamente, Cr$ 85,00 e Cr$ 170,00.

Pedidos para a Rua Visconde Maranguape, 15. — Lapa. — Distrito Federal.

VARIZES EM SENHORAS

E HEMORRÓIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das **varizes**. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males **hemorroidários** (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. **Para varizes** (as pernas) tome o líquido via bucal e friccione a pomada no local. **Para hemorróidas** use a pomada no local e tome juntamente o líquido. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.

Hemo-Virtus

H-10-4 Ag. Petinati

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com Óleo de Peroba.

ela, ràpidamente, tomou de um lençol e o colocou, aberto, a cobrir a parte inferior do corpo.

Adalberto, como sempre, vinha cheio de notícias e boatos. E, recostado à janela, pôs-se a conversar animadamente.

Reparei, porém, que seu olhar não se despregava senão por momentos, da parte, justamente, que d. Helena cuidara de cobrir com o lençol.

Contava coisas, pilheriava, tecia comentários a acontecimentos da cidade, mas as formas roliças e opulentas da minha amiga pareciam atraír-lhe o olhar, com uma fôrça de ímã. Notei que, pouco a pouco, suas faces iam ficando coradas. Seus olhos, agora, tinham um brilho de excitação.

A certa altura da conversa d. Helena, como se só então tal coisa lhe ocorresse, exclamou sorridente:

— Mas, meu filho, você ficou aí em pé! Por que não se sentou?

Havia apenas no quarto, além dos outros móveis, a poltrona onde eu estava.

— Venha, sente-se aqui — disse eu, fazendo menção de levantar-me.

— Não é preciso, Ivone — exclamou ela. — Adalberto não tem luxos, nem cerimônia. Embora seja esta a primeira vez que entra no meu quarto, já é de casa .. pode sentar-se aqui mesmo... — e indicou a cama.

Foi com um alegre sobressalto que êle atendeu ao convite. Sem se fazer de rogado, deu alguns passos e sentou-se onde ela indicava.

E mais teimoso ainda, como fascinados, seus olhos se pousaram, ávidos, agora mais de perto, e agora mais audazes, no corpo que se modelava, que se deixava adivinhar sôb o lençol. As coxas fortes, o ventre, a largura dos quadris, tudo estava perceptível, mais que adivinhável, sob a leveza indiscreta da fazenda.

E o menino olhava, olhava obsecado, e no clarão de seus olhos havia desejo, um desejo crescente, avassalador...

Alguém, nesse instante, tocou, lá em baixo, a campainha da entrada. Levantei-me e fui ver, debruçando-me à janela, quem seria. Mas a trepadeira, que crescia no alpendre, não deixava distinguir. Enquanto eu olhava, Adalberto se ergueu e veio até junto de mim. Em dado instante vi-lhe as mãos: tremiam. Devia estar no auge o seu estado de excitação.

— Não posso ver quem é — disse eu. — Tenho, mesmo, que descer...

Disse aquilo de propósito, para que êle se oferecesse a descer por mim! E êle nem pareceu ouvir.

Afetando indiferença, encaminhei-me para a escada e desci. Quem batia era Renata, uma das nossas arrumadeiras. E eu estava a dizer-lhe que o frio, aquêle dia, enxotava todos para casa, quando ouvimos, lá em cima, ruídos estranhos e a voz de d. Helena a gritar por mim.

Subi a escada a correr, seguida pela empregada, e fui deparar um quadro impressionante, que jamais esquecerei. D. Helena, muito pálida, encolhida a um canto do quarto, tinha no rosto a mais viva expressão de surprêsa e mêdo. E Adalberto, de pé, com os olhos fora das órbitas, as feições transformadas, dava risadas curtas, nervosas, agitando os braços, sacudindo-os desordenadamente...

— Êle está louco! — gritou d. Helena — Está louco, louco! Pelo amor de Deus, levem-no daqui!

Estava louco, sim. O médico, chamado, dissipou nossas últimas esperanças de que aquilo fôsse uma crise passageira. Tiveram que levar, à fôrça, o pobre rapaz.

Mais tarde d. Helena me contou a cena a que eu não assistira. Mal eu desci êle voltou para o lugar onde estivera sentado Olhava-a fixamente e suas mãos, crispadas, tinham um tremor estranho de febre. Seus olhos brilhavam. Os lábios, ressequidos, estavam pálidos, extraordinàriamente brancos, e êle lhes passava a língua repetidamente, como a querer umedecê-los. Tinha as narinas dilatadas e um sorriso que era mais um esgar, uma careta, lhe contraía a face.

Deslizando sôbre o leito, aproximou-se mais dela, cada vez mais agitado. E as mãos trêmulas, se estenderam à procura do corpo da minha amiga. Só então ela sentiu, em tôda a extensão, a gravidade de tudo. E chamou por mim. Ao mesmo tempo fugiu àquêles braços que a buscavam. Adalberto a perseguiu e ela se refugiou num canto Gritou-lhe, então, autoritária, repelindo-o, fazendo valer o ascendente que sempre tivera sôbre êle. O menino recuou. Em seu rosto se estampava uma expressão de susto, de surprêsa, de mêdo. Levou as mãos à cabeça. Olhou-a agora com um rápido lampejo de compreensão do que acontecia, tornou a oprimir as têmporas com as mãos, oprimiu-as, oprimiu-as, como se sentisse ali uma grande dor, e quando os braços desceram, começou a sacudi-los, sem compasso, ao lado do corpo, dando aquelas gargalhadas, idiotizadas, sem sentido... Era a loucura. A loucura resultante do desejo levado ao paroxismo...

— E levianamente alimentado por aquela que o despertou... — interrompi.

— Não... Não creio...

— Não crê mas... embora não acreditando, não juraria...

Ivone pensou, antes de responder. Depois, concordou:

— Tem razão, meu amigo... Pensando bem, eu não juraria...

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com Óleo de Peroba.



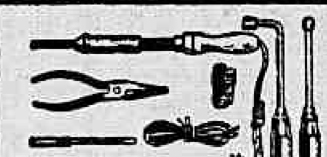
APRENDA PRATICAMENTE
RÁDIO
TELEVISÃO
E
CINEMA SONORO

Sem sair de sua casa e aproveitando uns poucos minutos das suas horas de folga: dentro de pouco tempo V. S. estará perfeitamente capacitado para

MONTAR E CONSERTAR APARELHOS DE RÁDIO, DE TELEVISÃO, AMPLIFICADORES, EQUIPOS DE CINEMA SONÓRO, DE RADAR, etc.

V. S. poderá montar êste magnífico receptor de 7 válvulas para ondas curtas e longas.

O nosso moderníssimo e exclusivo sistema de ensino por correspondência, baseado no método prático "Aprenda Fazendo", proporcionará a V. S. um estudo ameno, agradável e fàcilmente compreensível. Para o seu treinamento prático lhe forneceremos, inteiramente grátis, um jôgo completo de ferramentas, aparêlho de laboratório e peças para experiências.



Ser-lhe-á enviado gratuitamente um jogo completo de ferramentas.

DURAÇÃO MÍNIMA DO CURSO: CINCO MESES
MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

EDIFÍCIO MONITOR Sede própria da maior escola latino-americana de ensino técnico por correspondência. FUNDADA EM 1939

Êste é o curso mais eficiente, rápido e prático, pois V. S. mesmo sem nenhum conhecimento prévio, ficará habilitado em poucas semanas, a ganhar com biscates, muito mais que o custo dos seus estudos.

Decida seu futuro, enviando hoje mesmo o coupon abaixo devidamente preenchido.



Receberá de graça os acessórios para construir muitos aparelhos de experiência.

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR
RUA TIMBIRAS, 263 - CAIXA POSTAL 1795 - S. PAULO

Sr. Diretor: Solicito enviar-me grátis o seu folheto, como ganhar dinheiro no RÁDIO e na TELEVISÃO! 60

NOME
RUA N.
CIDADE
ESTADO E. F.



...e receberá um magnífico volt-ômetro para facilitar os consertos, revisões, etc.

CICLISTAS!

Este é o novo



O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA



PERRY CHAIN COMPANY LIMITDE
BIRMINGHAM .... INGLATERRA

AS IRMÃS ATRAPALHAVAM

PERDERÁ ANN ÊSTE TERCEIRO NAMORADO?

E' difícil a uma pessoa sem maiores talentos, realçar no seio de uma família famosa. E o caso é ainda pior, se a pessoa — uma mulher — nao tôr "chic". Por isso perdi Brett para minha irmã Claire, a cantora. Perdi Alan para minha outra irmã Fran, artista de rádio. Por isso achei prudente só apresentar-lhes . Perru Rand, o pianista, quando já estivéssemos noivos! Mas um dia...

Queira perdoar, senhora, mas, onde posso encontrar um guia da cidade?

Brett! Que está fazendo em Nova York? Julguei que estivesse no Oeste

INF
RCA-BP
NB

Venha comigo, querida. Já me entendi com os seus patrões e êles vão deixar uma outra em seu lugar. Preciso falar-lhe!

E eu nada tenho a opinar a êste respeito?

INFORM
RCA-TOURS
9:00-9:
NBC

Eu sabia perfeitamente que estaria bem com Brett. Era decidido.

Acho, querida, que nascemos um para o outro, e você será feliz comigo!

Até que uma de minhas belas irmãs interfira. Muito obrigada, Brett. Meu coração jamais bateu duas vêzes por um só homem!

Brett insiste que almoce com êle...

Fui um tolo em deixar você por sua irmã Claire. Você é dez vêzes superior.

Mas você volta tarde, Brett. Estou noiva.

Quem é o felizardo? Já o apresentou à sua família?

Não! E só o apresentarei depois de casados!

Dê o fora nesse camarada! Você precisa dizer-lhe que pertence à família dos Famosos Harpers!

Harper é nome vulgar. Êle nenhuma conexão faria entre uma comerciária e os fabulosos Harpers!

Brett, finalmente, me trouxe ao meu trabalho...

Muito grata pelo almôço e faço votos pelo seu sucesso.

Até breve, querida!

Fiquei pensando em Brett durante a tarde tôda. Estava admirada pelo que me disse. Mas tive receio de vê-lo novamente pendido para Claire, atraído pela sua bela voz. Não o amei muito; mas suas palavras me excitaram.

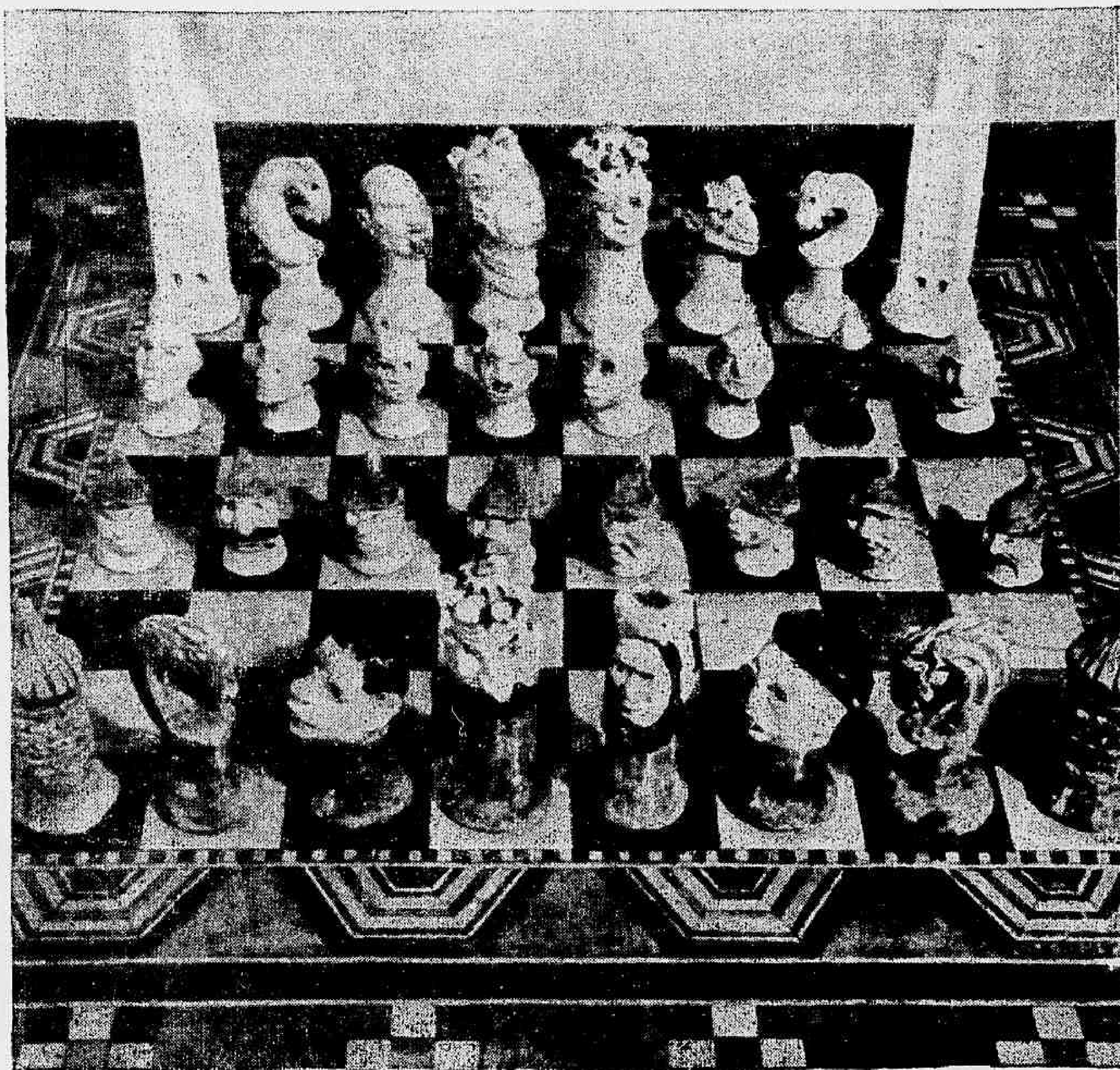
Depois do trabalho fui encontrar-me à noite com Perry, meu noivo...

Quanta felicidade, querida! Brett Corey me escreveu aceitando-me como cliente de sua Agência, grande Agência de Hollywood. E vão abrir filial aqui.

Vamos celebrar a vitória, Perry!

a

Tudo isto aconteceu





O GENERAL ROBERTO OLMI, que comandou divisões e ora está reformado e em descanso das atividades militares em sua terra, a Itália, para não ficar desabituado ao trabalho imaginou a organização de um novo tabuleiro de xadrez. As figuras tradicionais continuam as mesmas; porém, no plano do general Olmi, peões, reis e rainhas tomam formas da política internacional, encarnando personagens do mundo oriental e do ocidental. E' interessante notar como foi também concebida a forma das «tôrres». Para o oriente, têm elas a forma arquitetural do Kremlin; para a ocidental arranha-céus... O rei da parte vermelha é Stalin, enquanto a rainha é Ana Pauker. O casal dos soberanos do ocidente é, respectivamente, Truman e Mrs. Roosevelt. Togliatti e Nenni, Sforza e De Gasperi já estão caracterizados. Os peões são soldados russos e norte-americanos. Pensa o inventor dêsse original tabuleiro de xadrez que o mundo está hoje, realmente, assistindo a uma partida de grandes repercussões entre as «pedras» em movimento, cujo jogador é o tempo. Não sabemos se o seu modêlo de xadrez político já foi aprovado e registrado o seu «Made in Bobbio»; mas uma cousa é incontestável: há entre os dois campos em luta o maior desejo de encontrar um jeito, uma falha, um «cochilo» para ser aplicado o «xeque mate» definitivo...

B O I   C A S A D O

COM a atual e já velhinha crise de carne de vaca, veio à luz da publicidade um fato bastante curioso: o casamento do boi. Que está pensando o leitor? Julga que o casamento de um boi é sua união conjugal com a vaca? Pois está enganado. Em linguagem de matadouro e de açougueiros "casar o boi" é vender ou receber as bandas ou quartos em partes lógicas: partes dianteiras juntas às trazeiras. Ora, vindo a furo essa terrível questão da carne verde a que damos o nome de carne de vaca, mesmo que seja de boi, os açougueiros, botaram a bôca no mundo e se queixaram de que os abastecedores de seus "talhos" estavam entregando a maior parte da mercadoria "descasada", isto é, muito mais parte trazeira (de segunda) do que dianteira, que é a preferida pelos consumidores. Ora, isso causa grandes dificuldades aos retalhistas dos açougues. O justo será, pois, obrigar os frigoríficos a entregarem o boi "casado", isto é, partes iguais de dianteiros com partes iguais de trazeiros, empregando a linguagem dos açougues. Como vemos, nem sempre a palavra casado significa a união de indivíduos dos dois sexos. Na vida, sofrimento e morte de um boi, a coisa tem outro sentido. O "casamento" do boi é fúnebre, "post mortem", para dar mais solenidade à sua grande infelicidade. O boi se "casa" quando morre e, ao invés de ser com sua "cara metade", a vaquinha, mesmo depois de morta, casa-se o desgraçado consigo mesmo, para vida, riqueza e glória dos açougueiros, que poderão servir melhor à freguezia e aumentar popularidade e fortuna pessoal. Êsse negócio de nascer boi é, evidentemente, mau fado. Ao ser abatido e transformado em quartos e bandas, o desventurado perde o sexo e passa a ser "vaca", na expressão "carne de vaca". Além dessa diminuição ofensiva aos seus brios de "homem", o boi ainda tem que ser casado consigo mesmo, esfolado e retalhado, para conjurar o problema da carne "verde" que é "vermelha"...



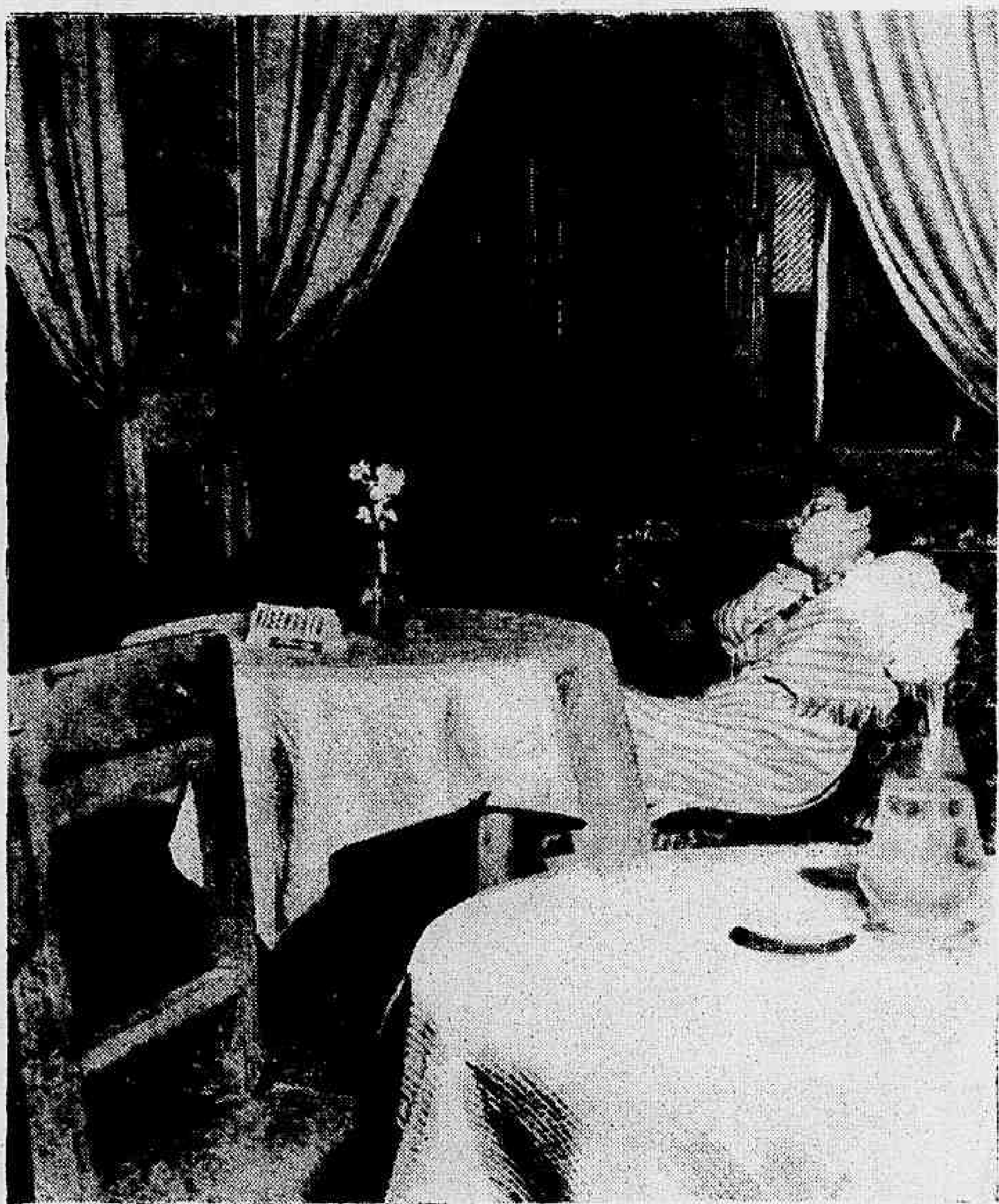
POR CAUSA DOS PINTOS

PROCESSA-SE nos Estados Unidos grande movimento de caráter oficial a fim de regularizar-se preço-teto para tudo o que seja mercadoria ou gênero alimentício, desde as batatas ao peru de roda. Mas, inesperadamente surgiu séria discussão entre os oficiais do censo incumbidos de organizar as listas de artigos para a nova estatística. Nova é um modo de dizer, pois que nada mais se está fazendo ali do que regressar aos anteriores tempos da segunda grande guerra. Em que consiste, porém, essa divergência? Apenas, leitor, porque ninguém se entende quanto à classificação dos pintos. Os funcionários encarregados da regulamentação dos preços, ainda não chegaram à conclusão sôbre o que seja um pinto! O assunto começou quando centenas de granjas criadoras perguntaram aos empregados do govêrno se os pintos estão ou não incluídos no tabelamento. Irrompeu, então, a grande dúvida: "Pinto é animal vivo"? E' "produto agrícola"? "Produto agrícola elaborado"? Ou é "simplesmente ôvo"? Quando sugeriram essa última classificação, alguém disse que pinto não é mais ôvo; mas o lembrador da história replicou dizendo que era, sim, era ôvo... com penas! Para decidir da questão que empolga os meios rurais dos Estados Unidos, foi chamado alto funcionário do Govêrno. Em presença de centenas de interessados o homem falou e deu sua abalizada opinião: "Pinto não é mais ôvo, pois ôvo tem casca e não come nem bebe. Pinto deve estar na categoria de frango vivo, dispensado dos preços-teto". Aplausos gerais!



PARA ATRAIR AS CRIANÇAS

HÁ em Londres um sacerdote de nome Graham Lesser, muito dedicado à instrução bíblica às crianças do seu bairro. Todos os domingos êle fazia apelos patéticos à garotada para que viesse às aulas da Sagrada Escritura; mas a meninada parece que preferia jogar peladas pelos descampados ou ir brincar no Tâmisa. Um dia o padre teve uma idéia genial: em lugar de lições pura e simples, com a Bíblia aberta nas mãos, bancaria o artista de variedades. Treinou para ventríloquia, arranjou um boneco de molas e chamou os meninos para um espetáculo na escola da Igreja. A gente miúda afluiu em massa ao templo. Lá, então, verificaram que o sacerdote ia diverti-los a valer. Com efeito, o ardiloso padre aliara a instrução da Palavra de Deus às artimanhas para tapear a criançada do bairro. Não se pode descrever o imenso interêsse que despertou êsse processo de brincadeiras junto à alma infanto-juvenil. No primeiro domingo a sala ficou repleta; mas, no domingo seguinte, a enchente foi muito maior e, coisa curiosa, até os pais compareceram para "relembrar certas passagens das Escrituras Santas... A meninada tem-se mostrado interessadíssima com as aulas do reverendo Lesser, prestando muita atenção ao que diz o bonequinho "Jimmy" e respondem às suas perguntas de cultura religiosa com muita vivacidade. Vejam os leitores como se deve agir com as crianças. Outrora... eram ameaçadas com o fogo do inferno...



ÊSTE RECANTO É DE UM «night-club» de Asmara, na Eritréia, África. A elegante que está recostada tão negligentemente se chama Cleópatra. Ela como que está à espera de seu Antônio, para estudar com êle a conquista de tôda a África, como naqueles recuadíssimos tempos das glórias de Roma. E não fica nisso a curiosidade desta gravura. Sabem como se chama o refúgio noturno de Asmara? Copa Cabana, assim mesmo, dividido em duas palavras: Copa e Cabana. Essa «boite» durante a permanência da comissão da O.N.U. recebia, tôdas as noites, certa afluência e o movimento era animador para visitantes e a caixa do estabelecimento. Mas, depois... a cidade voltou à sua habitual insignificância mundana, como se vê por essa Cleópatra.



ÊSTE CIDADÃO COM ARES DE SENSATO, nada mais é do que um monstro. Chama-se Ernie Ingenito, residente em New Jersey, Estados Unidos. Tendo-se separado de sua espôsa, os filhos ficaram sob os cuidados dela. As divergências entre ambos não pararam com o recurso legal do divórcio. De quando em quando Ernie se enfezava e as discussões voltavam à ordem do dia. Recentemente, em face da proibição por parte da espôsa de ver os filhos, Ernie se enfureceu e atacou meio mundo, matando cinco pessoas da família da mulher e ferindo outras quatro, ela inclusive. Ernie Ingenito parecia que estava atacado de loucura ingênita...

CURIOSO FATO POLÍTICO



As eleições de 3 de outubro do ano passado produziram variado repertório de novidades e surprêsas por todo êste país. Seja como fôr, não se pode negar que o atual sistema eleitoral com voto secreto em cabine indevassável pode arrebentar muito pedestal e jogar ao solo os deuses mais firmes da nossa política. No Distrito Federal se deu um fato bastante curioso e ilustrativo da fôrça do voto secreto. E' digno de registro. Trata-se da eleição do sr. Miécimo da Silva, nascido, criado e educado em Campo Grande, aqui mesmo no Distrito Federal. Êsse jovem cidadão, que conta apenas 25 janeiros bem vividos lá no "sertão carioca", não é velho na arte de fazer eleições. Nem podia deixar de ser assim, com a idade que tem. Segundo suas próprias informações a um dos nossos vespertinos, sua carreira política teve início em 1945, quando ingressou nas hostes do PSP do sr. Ademar de Barros, empolgado pela maneira por que o então governador de S. Paulo, fazia política: de mangas de camisa. Como vemos, o homem simples de Campo Grande sentiu que o chefe do PSP era o líder de que precisava para vencer. O sr. Miécimo passou então a cuidar dos mais urgentes interêsses das classes menos favorecidas de sua paróquia, procurando instalar bicas d'água em lugares de densa população e onde não havia encanamento. Êle via o sofrimento do povo em busca do chamado "precioso líquido", a a dar longas caminhadas, a subir morros e serras para obter água para beber ou para serviços caseiros. A instalação dessas bicas públicas atraíu sôbre sua pessoa a gratidão de milhares de suburbanos de Campo Grande. Quando se feriram as eleições de 3 de outubro, estava eleito vereador pelo Distrito Federal o político novo, o mais jovem vereador do Rio de Janeiro. Mas, o que é verdadeiramente curioso, é a derrota que êle infligiu aos velhos donos do sertão carioca os Caldeiras e os Cesários de Melo, velhos e experimentados políticos daquela zona, derrotados inapelàvelmente pelo jovem David sem funda, mas com fluentes fundamentos na água, que é a ciência da vida...

★

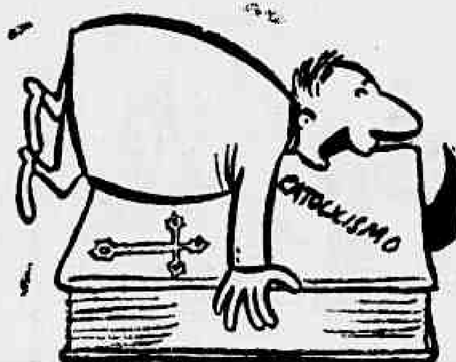
RAINHAS A GRANEL



Em tôdas as nações corre fervorosamente a mania de eleições de Rainhas de tudo e para tudo. Agora mesmo realizaram-se nos Estados Unidos, e em sua maior cidade, — Nova York — uma nova espécie de Rainha: a do Pijama... 1951. Naturalmente que isso não passou de hábil forma de propaganda de organizações fabricantes de camisas, pijamas e roupas feitas à vista do cliente ou longe de suas medidas. Houve mesmo uma Semana Nacional de tais produtos manufatureiros, festança promovida pela Associação Nacional dos Camiseiros e pijamistas norte-americanos. A luta pelo triunfo atingiu proporções sensacionais, terminando com a vitória da lindíssima novaiorquina Mss Larraine Miller, a "Raínha do Pijama 1951". Na mesma semana processou-se outro concurso lá para o Oeste: a eleição da Rainha do 11.° Rodeo Anual de Palm Springs. Venceu-o a também encantadora Sonja Hulma, de dezoito janeiros, morena capaz de perturbar o mais inflexível vaqueiro do Texas. Não sabemos se a Raínha experimentou as sensações voluptuosas de um passeio sôbre a pele movediça de um potro bravio ou de um touro que não dá sopa a ninguém, mesmo em se tratando de uma Raínha de Rodeo. O fato, porém, prova que os norte-americanos têm incrível habilidade para organizar dinastias em plena floração democrática, pondo à cabeça de suas eleitas umas coroas muito bonitas, mas que têm o destino fugaz das famosas rosas de Malherbe. Uma coisa, porém, fica e dá excelentes resultados: — o lado comercial dêsses torneios alegres, divertidos e turísticos. As firmas que os organizam dispendem muito dinheiro, mas a publicidade obtida compensa muito bem os esforços e os sacrifícios feitos. Aí está uma coisa que o nosso comércio, a nossa indústria, os nossos bancos e Companhias de Seguros poderiam fazer: "Raínhas do Sabonete", "Raínhas do Ferro de Engomar", "Raínhas dos Depósitos a Prazo Fixo", "Raínha dos Incêndios", "Acidentes", etc....

★

A CONVERSÃO DO BORGES



TRANSMITIU a Asapress, a 28 de fevereiro último um telegrama para a imprensa do Rio, que, apesar do pouco destaque nos jornais, não deixou de ser algo sensacional. Referimo-nos à conversão do conhecido e venerando prócer político dos Pampas, dr. Borges de Medeiros ao catolicismo. Êsse famoso adepto de Augusto Comte era positivista dos mais consolidados. Essa doutrina materialista, muito mais materialista do que o próprio materialismo, só acredita no que se pode ver, sentir, cheirar, apalpar. Todos nos lembramos de que foi o estudo da microbiologia perante os positivistas. Para êles essa história de micróbios, de bactéria, de micro-organismos a transmitir enfermidades, a atacar os corpos era conversa para boi dormir. Mas sucedeu que o dr. Borges de Medeiros, homem que já está com uma idade que não permite certos entusiasmos da juventude, achou que já estava na hora de pensar nas coisas acima do positivismo dogmático e aderir enquanto era tempo. Estava a pensar assim quando foi acometido de doença séria, indo para o leito durante largo tempo. Estava já a convalescer quando chegou de Roma o padre Jaeger, homem de grande valor moral e intelectual, e, além disso intimo amigo do rebelde Borges de Medeiros. Logo que o sacerdote soube que seu velho amigo estava com a saúde ameaçada, escreveu-lhe uma carta desejando pronto restabelecimento e oferecendo seus serviços religiosos. Borges de Medeiros agradeceu a delicadeza e declarou que havia resolvido abraçar a religião católica, marcando o dia 30 de janeiro, 62.° aniversário de seu casamento, para receber a comunhão. Obtendo o padre a devida licença da diocese de Santa Maria para ir à fazenda de Irapuazinho a fim de celebrar missa e ouvir o amigo em confissão, tudo isto aconteceu, e a 30 de janeiro de 1951, entrou o conhecido político no catolicismo, recebendo do seu confessor um rosário para purgar os seus pecados, além de bênção especial do Papa Pio XII. Tudo positivamente.

HISTÓRIA DAS VACAS



A gente abre certos livros, almanaques e revistas científicas e lê coisas do arco da velha. Lê, acredita se quiser e continua a vida como dantes. Há cientistas que se preocupam com as coisas mais incríveis. Exemplo: pesar o cérebro de formigas e determinar-lhe o pêso. Estudar o olfato das minhocas a vinte centímetros da flor do solo em noite de chuva. Encontrar a fêmea do carrapato e descobrir como é que a madama interpreta a vida de Mr. Carrapato na primeira noite de núpcias, ou seja, na lua-de-mel. E vai por aí afora essa brincadeira de cientistas que não têm lá muita coisa a fazer. Mas agora soubemos de uma que vale por dez anedotas de papagaio, embora não seja coisa para provocar risos. A Escola de Agricultura da Universidade de Ohio (leia-se Orraio) acaba de divulgar num relatório de seus professôres de psicologia bovina, que as vacas sofrem de emoções psíquicas tão fortes e pesarosas como qualquer sêr humano possuidor de bom coração. Também a vaca padece de conflitos emocionais. Daí a causa por que elas, em certas ocasiões, diminuem o leite. O assunto foi acompanhado de perto e com o maior cuidado pelo sábio da Universidade de Minnesota, dr. William Peterson, o qual chegou a mais longa distância nessa pesquisa sentimental das Mrs. Boi. Para êste cientista, são as vacas constantemente afetadas pela sua posição social no rebanho... Cada rebanho, acrescenta a notícia, conta com seu chefe, isto é, o touro, e a luta de classes na sociedade bovina faz que as vacas que vêem frustradas algumas aspirações sejam convertidas em criaturas anti-sociais, amuadas, cheias de dengues como qualquer senhora cheia de complexos. Mas, concluiram os cientistas de Ohio e de Minnesota, se tais complicações psíquicas ficassem entre elas e os senhores bois, vá lá; mas, o pior é que as vacas caprichosas escondem o leite. Cumpre agora saber se essa história é a expressão da verdade, ou conversa pra boi dormir...

★

COMBATE À VAIDADE



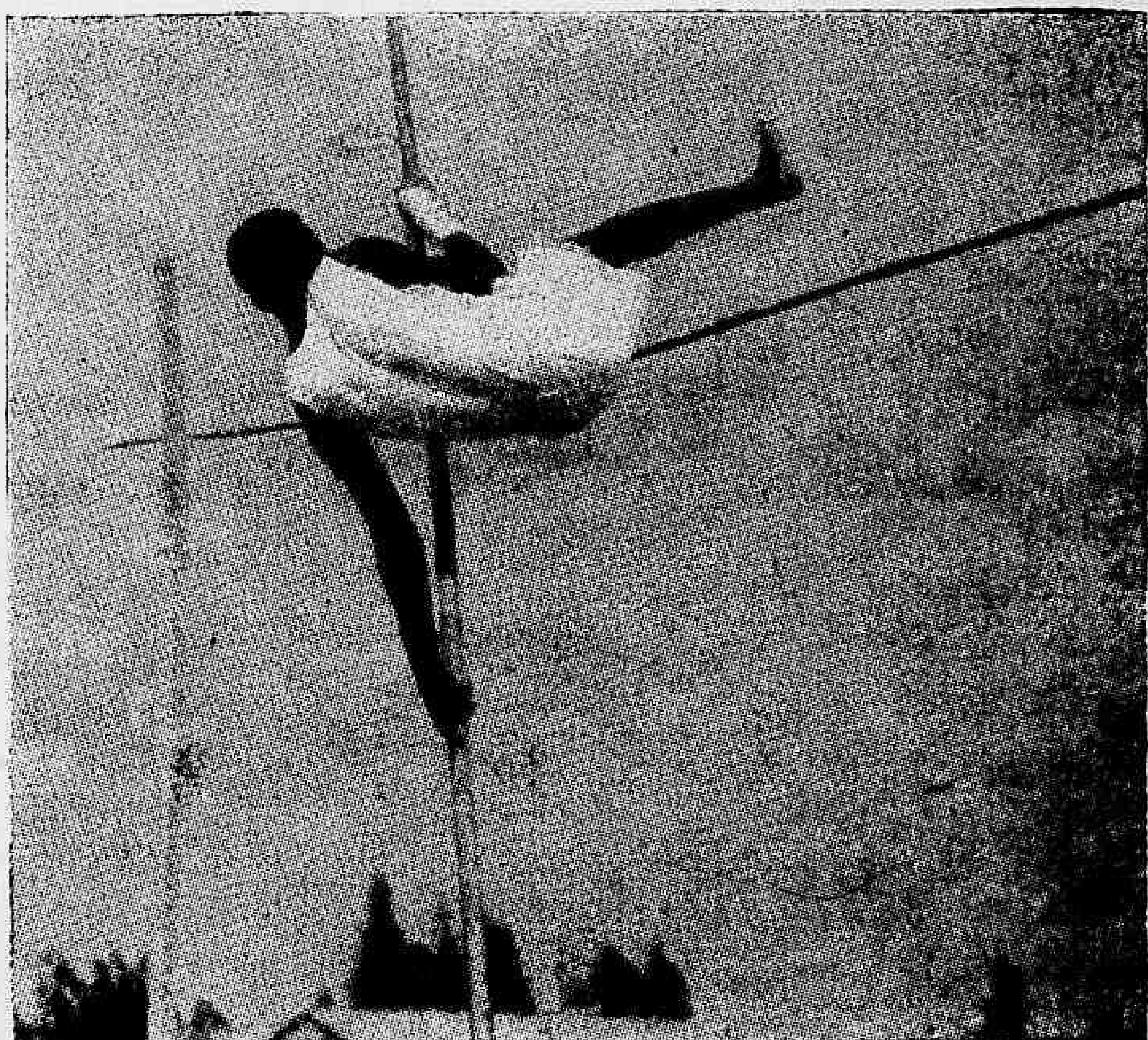
OS sacerdotes de tôdas as religiões sempre moveram a mais acesa campanha contra as variadas manifestações da vaidade. Quase sempre há quem termine a alocução com as famosas palavras do Eclesiastes: "Vanitas, vanitatum et omnia vanitas", ou, traduzindo em miúdos aqui da terra carioca: "Tudo nesse mundo não passa de fulerage". Sucede, porém, êste imprevisto: quanto mais gritam os apóstolos contra a vaidade, mais os viventes humanos complicam a vida graças ao insinto da vaidade. Então, no que tange às mulheres, nem é bom falar. Veja-se o que se passa com as variadas estações do ano por culpa da posição da Terra em relação ao Sol. No verão, uma determinada moda; no inverno, outra; no outono, uma terceira, e, para findar, uma quarta na primavera. Mas isso não seria nada se, para cada peça inventada pelos modistas estacionais mas nunca estacionados, não fôssem exigidas outras para os respectivos "emsembles". Sabe lá o que é isso! Uma senhora compra um vestido para a primavera que está a chegar. Mas, com o vestido vêm as luvas, os sapatos, as meias, a bôlsa, a sombrinha, e, por incrível que pareça, até a capa impermeável! O espôso, o pai, o irmão, ou qualquer outro cidadão tolerante que tenha de suportar essa vaidosíssima vaidade feminina diante da "saison", (até nisso entra a vaidade...) é que tem de agüentar firme o pêso da avalanche em plena primavera. E quando o infeliz não pode? Rompe a guerra de Tróia sem nenhum cavalo de pau, embora êste figure na contenda, isto é, o pau... Muita gente apanha mesmo sem dó nem piedade. Há, porém, um sacerdote em Dudley, Inglaterra, que descobriu santo remédio para combater a vaidade: é cada um ficar despido diante do espelho: "Pàra, nu, diante do espelho — diz o padre — e não poderás deixar de rir dos trabalhos a que te entregas para ocultar a carga de ossos com trajes caros". O perigo é se alguém se esquece e sai assim à rua...

★

B O N E C A S



NÃO há criança, especialmente as do sexo feminino, que não tenha verdadeira adoração pelas bonecas. No interior do nordeste é comum vermos crianças pobres a brincar com bonequinhas feitas de milho ainda verde. A espiga ainda em desenvolvimento, mal saem os "cabelos" louros ou avermelhados, é transformada em boneca. Dão mesmo o nome de "boneca" às espigas nessa fase, e o verbo "embonecar" significa estarem os pés de milho a produzir as espigas. Também há crianças do interior que fabricam bonecas de cascas de melancia. De sabugo de milho, de certos ossos de animais abatidos para o consumo, costuma a meninada do nordeste fazer suas bonecas, suas bruxas de pano, desengonçadas, mas a cumprir perfeitamente a finalidade. Ora, se isso tudo traz alegrias às crianças, que não diremos quando os pequeninos recebem de presente bonecas de fino lavor, bem vestidinhas, com os olhos movediços, podendo "dormir", mal as deitamos? E as que dizem "papá", "mamã" e também choram como qualquer nenenzinho de meses? Os fabricantes de bonecas não descansam na luta pelo aperfeiçoamento dêsses seres inanimados mas que tanta emoção causa a crianças, e, por que não dizê-lo? até a senhora idosa e a marmanjos com filhos e netos. Pois agora apareceram em Londres e Birmingham, destinadas à Exposição-Feira das Indústrias Britânicas de 1951, umas bonecas que cantam, falam e andam como se fôssem gente. E vai mais longe o aperfeiçoamento: essas bonequinhas podem cantar e falar no idioma de suas próprias terras! Assim, se os fabricantes quiserem produzir bonecas brasileiras, argentinas, chinesas, norte-americanas, francesas, alemãs, etc., cada uma se exprime na língua de sua procedência... fabril! E andam naquele passinho infantil, gracioso e delicado. Pelo que vemos, os cães de colo vão sofrer concorrência. E seria muito bonito que os casais sem filhos preferissem dessas bonecas, a manter outros "filhos" de espécie tão diferente...

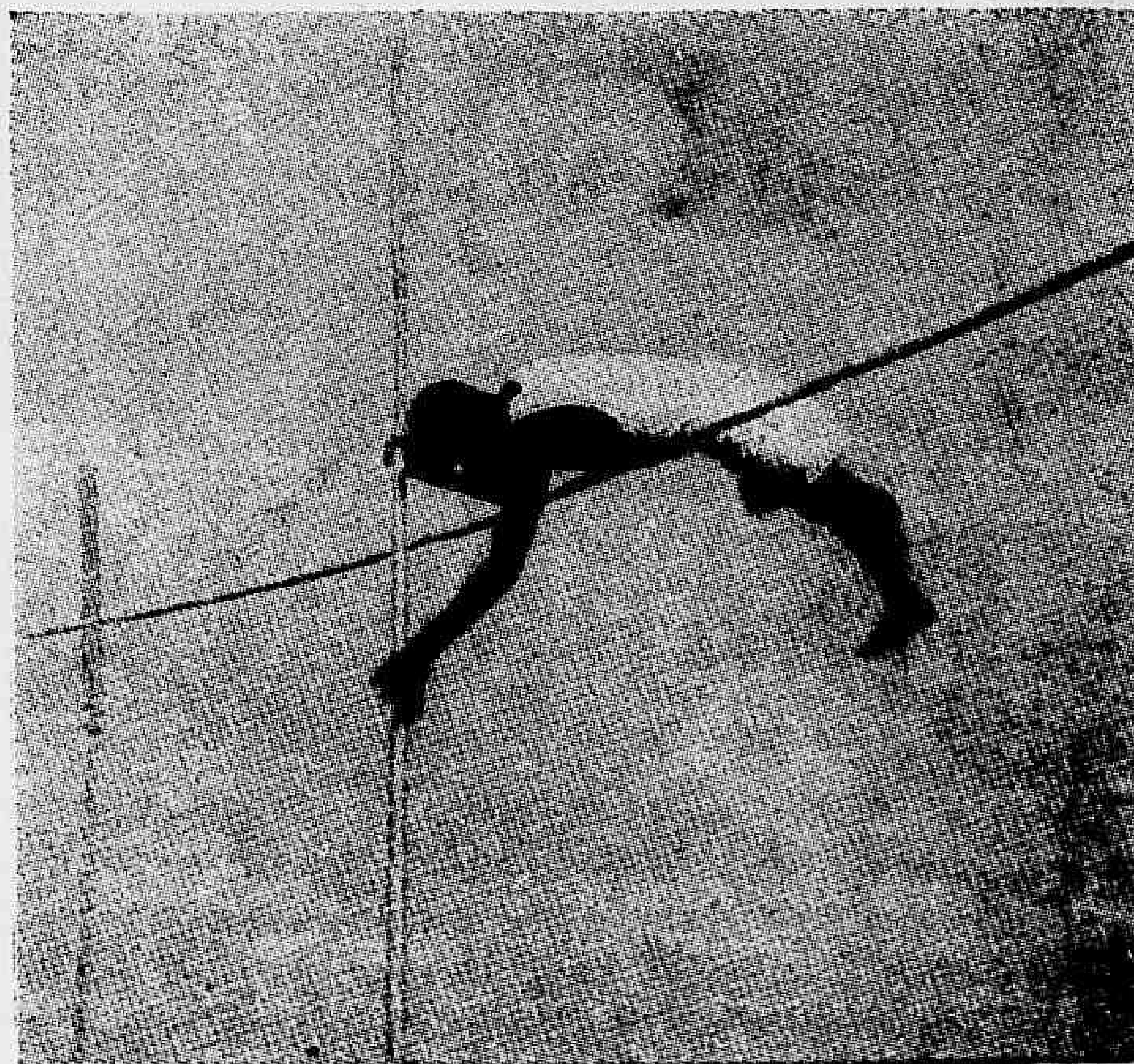


CAMPEÃO DE

salto com vara de uma perna só. Isto que aqui vemos não é ilusão de ótica nem «arranjo» fotográfico. Trata-se de Tafessa Gabrejesus, residente em Nairrobi, África. Tinha 3 anos êsse súdito de Haile Selassié, quando perdeu a perna esquerda debaixo de um caminhão. Estava êle na escola e, recebendo alta do hospital, continuou a estudar e integrando o elenco esportivo de seus colegas. A falta de uma perna não o levou à desolação, ao desespero, a esmolar. Continuou a pular em varas, tendo alcançado o «record» estudantil de 2,75. Selassie ficou tão emocionado que o premiou com 50 «talleri» abissínios, cousa semelhante a cinco mil liras italianas. E aqui vemos o heróico africano a realizar verdadeiros milagres de destreza e habilidade com uma perna só, cousa que nem todos fazem com as duas...









CORREIO DA REVISTA

LOIVA LEIRIA BORBA — Aprovado o «Diário de um homem comum».

E.P.D. — Rio — «Dentro da Noite» não pôde passar. Contém cenas repugnantes. Tais contos se adaptam a livros ou a revistas de cultura.

R. de A. — Rio — Não foi aproveitado o seu «A rosa australiana». O enredo não ajudou. Mas prossiga.

H.F. — Rio — Não é conto literário «A tragédia no ônibus» E' mais uma crônica.

F. VICTOR SANTOS — Rio — Vai ser publicado «Um homem honesto, com o final alterado, pois concluía ilògicamente.

WILMAR — Rio — «Cara ou Coroa» ficou prejudicado.

I.P.M. — Rio — Muito fraco o seu «Regresso».

H.F. de O. — S. Paulo — Sem qualidades literárias os contos «Autobiografia» e «Caboclo».

ANTONIO GUERREIRO DE SOUZA — Campina Grande — Paraiba — Prejudicado o seu trabalho «Irmã Bernadete» por ter vindo escrito em ambas as faces do papel.

J. de A. — Foltaleza — Ceará — Seu «A revelação» tem poucos méritos para conto. E' preciso também cuidar mais do seu português.

MERISE SANTOS — Rio — «Coitado do Daniel!» já foi entregue aos ilustradores e sairá brevemente.

K.B. — Rio — O seu conto «A pedra», apesar de mais ou menos bem escrito e com um português relativamente limpo, não pôde sair. Há incongruências na história do diamante. Se estava em estado nativo (carbonato) como poderia faiscar no fundo do riacho? Como poderia ofuscar a vista, se ainda não estava lapidado, convertido em brilhante? Se era do tamanho de um ovo de pomba, depois da lapidação servir como peso sôbre papéis? Se era cristal hialino (quartzo) como ser diamante e brilhante? Mas continue. Procure conhecer bem a matéria de que se servir em seus contos, a fim de não perder tempo.

H.P. — Maceió — «João Nada» deu em nada.

D.N. — Rio — «Uma janela em minha vida» denota inspiração. Mas o português «fechou-a».

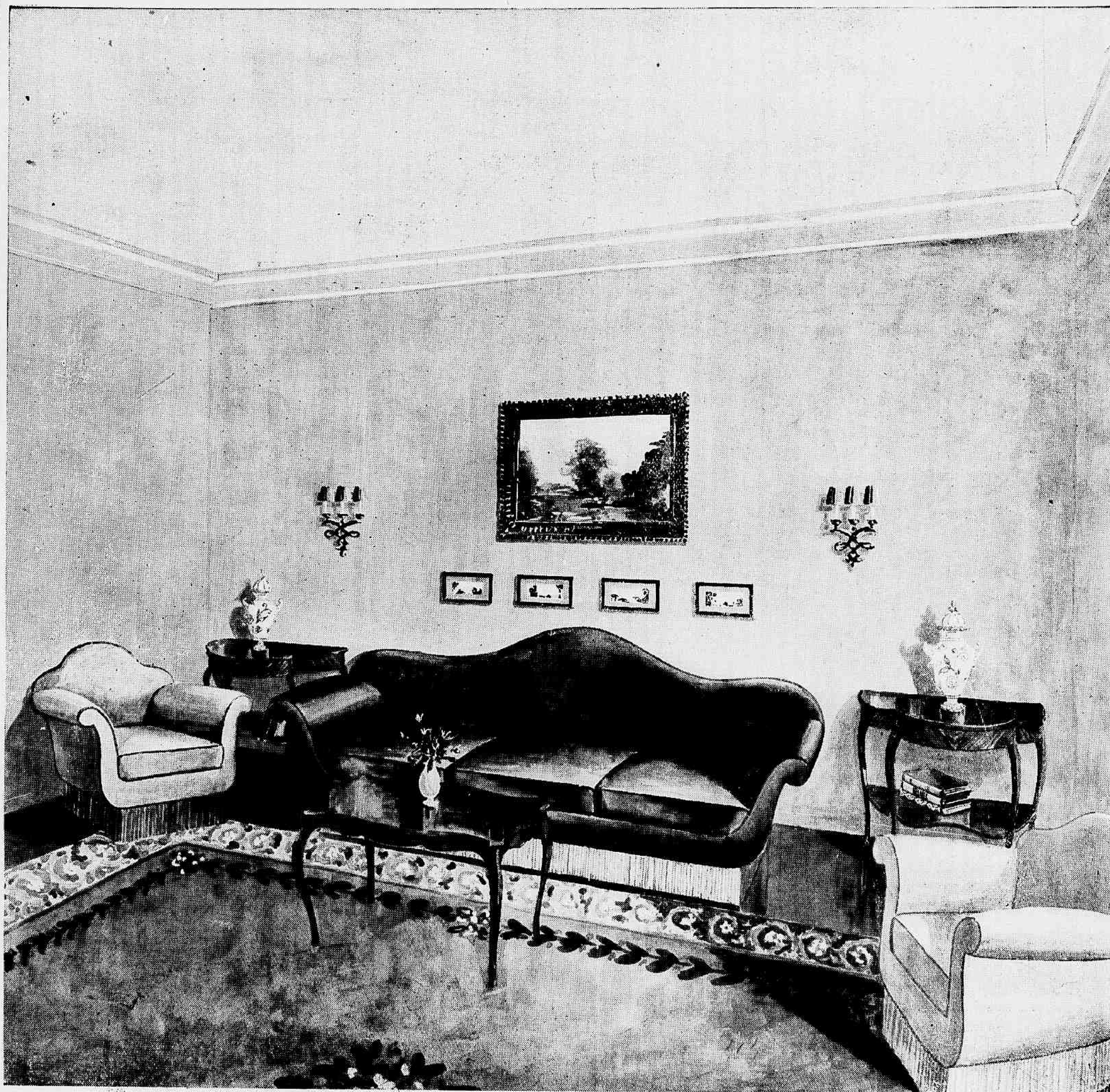
L. de M.M. — ? — «Maria tomba homem» não passou. O tema e o enredo não ajudaram.

A FILA DE CAFÉ FILHO

DURANTE vários dias nossa reportagem acompanhou as entrevistas públicas do vice-presidente Café Filho, sentiu e viveu momentos emocionantes que serão relatados em nosso próximo número. Casos compungentes, outros pitorescos, as enormes filas que têm dado novo aspecto à cidade e causado espanto aos turistas desavizados, tudo foi observado. Tipos impressionantes, a verve do vice-presidente, o encontro com um antigo colega de Liceu, o aspecto e a heterogeneidade das filas, as crianças desamparadas, o velho que veio do sertão da Bahia para falar com Café Filho, os insistentes... Esta será uma das grandes reportagens que a REVISTA DA SEMANA publicará no seu próximo número.

Respostas ao teste

1—Virgílio (ou melhor Vergílio) nas Geórgias
2—Breve, conciso
3—Carlos de Laet
4—Lagar
5—Peixe
6—La Plata
7—Alibi (proparoxítona)
8—Auranciáceas
9—Dialeto itálico
10—Imposto foreiro sôbre transmissão de imóveis
11—Louro
12—Lava
13—Lavabo
14—Conhecedor das leis
15—Sial (sílica e alumínio)
16—Lei de Bode
17—Azinhavre
18—Espírito Santo
19—Niterói
20—Zoroastro.



MÓVEIS E DECORAÇÕES

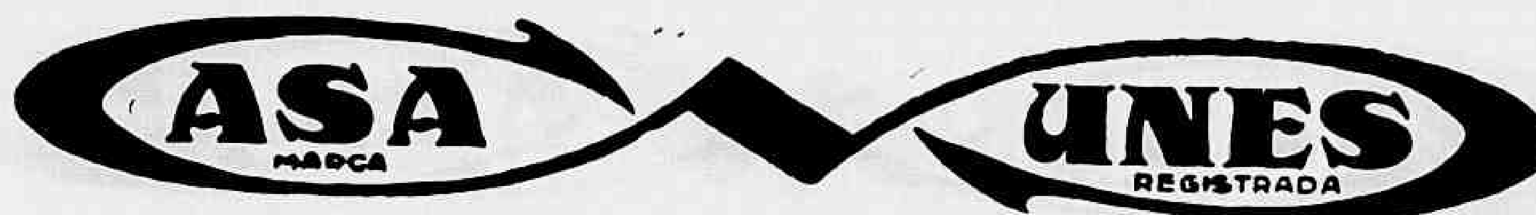
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

GRUPOS ESTOFADOS

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

TAPÊTES E PASSADEIRAS

DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem
a escultura clássica
aprecia Hollywood





O talento do bom conhecedor vai do mais complexo ao mais simples... Quem admira os expoentes da estatuária clássica, um Moisés ou um David de Michelangelo também sabe apreciar um bom cigarro, como Hollywood, o cigarro das pessoas de bom gosto. Tabacos finíssimos, numa composição de felicidade única, fizeram de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira, o cigarro eleito por você!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto **SOUZA CRUZ**

H-88.067

ECA Rio de Jane